



Coletânea

DESPERTAR

EDIÇÃO 2025-26

CRÔNICAS, POESIAS, FÁBULAS E CONTOS
DO BRASIL E DO MUNDO



Editora MEPE



DESPERTAR DE UM ESCRITOR

CRÔNICAS, POESIAS, FÁBULAS E CONTOS DO BRASIL
E DO MUNDO.

2º EDIÇÃO



Editora MEPE

DESPERTAR DE UM ESCRITOR

CRÔNICAS, POESIAS, FÁBULAS E CONTOS DO BRASIL
E DO MUNDO.

2ª EDIÇÃO



Editora MEPE

Todos os direitos reservados pela Editora MEPE®. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora MEPE®.

A Editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Capa: Editora MEPE.

Organização: Editora MEPE.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Autores: Anna Maria, A.C. Paixão, Aughost Writer, Cícero Afonso, Clareci N. de Moraes, Dária Limaverde, Dario Hayashi Morishigue, Doraci Belém, Dulce Souza, Ediana T. C. Cavallaro, Gabriel Kisungu, Íris Bel, José A. Vieira, José de Almeida, Jucemar Luz, K.R.F. Souza, Luciana Portella, Manoel Guedes Neto, Martvs Bellator, Maria A. F. A. dos Reis, Maria C. Tavares, Mel, Maria Bellatrix, Maria S. Ribeiro, Marileide Dourado, Marli B. R. dos Santos, Marluce B. Alencar, Maurício Ruas, Nah Carvalho, Neusa M. C. Martins, Olvir F. Canton, Patricia S. de Azevedo, Paulo R. B. Schwártzhaupt, Romilda Cunha, Suely P. Coriolano, Vanda Saraiva, Vera Pereira e Waldir Gomes.

Despertar de um escritor: crônicas, poesias, fábulas e contos do Brasil e do mundo. – Curitiba, Editora MEPE®, 2025-26.

2ª Edição, Curitiba, 2025-26.

286 p.

ISBN: 978-65-6015-314-1

1. Coletânea.

B869.8 (CDD)

[2025-26]

Todos os direitos desta edição reservados a Editora MEPE LTDA.

SUMÁRIO

Anna Maria	9
História – “Um Jardim Secreto”	10
A. C. Paixão	18
Blue	19
Aughost Writer.....	30
Entre o Céu e a Terra – Ecos de um Viajante	31
Cícero Afonso	34
Crônica reflexiva - A grande pirâmide e as sete estrelas!	35
Clareci Naria de Moraes	38
Paz.....	39
Dária Limaverde	42
A Mão que Nunca Soltei.....	43
Dario Hayashi Morishigue	51
Haicais em Memória de Nobumasa Morishigue	52
Doraci Belém	62
A Fábula do Pardal e a Árvore Sábia.....	63
Dulce Souza	65
Vozes Silenciadas – Feminicídio Zero	66
Ediana Teixeira Caruso Cavallaro	72
Emoções Esportivas.....	73

Gabriel Kisungu	78
Como pássaro livre.....	79
Hélio Cervelin	86
O Menino dos Olhos de Esmeralda	87
Íris Bel.....	94
O despertar de um coração: quando a alma passeia pela vida inspirando amor!	95
José Arildo Vieira	104
A População Mundial terá mais Saúde	105
José de Almeida	111
Poesia Rima com Alegria!.....	112
Jucemar Luz	118
Uma Vida de muitas Conexões.....	119
K. R. F. Souza.....	125
Donzelas à espera	126
Luciana Portella.....	132
Lamento!	133
Manoel Guedes Neto (Papagua)	139
Segredos do Bisavô.....	140
Martivs Bellator.....	145
Contra tudo e contra todos.....	146
Maria Aparecida Fernandes Araujo dos Reis.....	149

Ilusão ou Fantasia?	150
Maria C. Tavares	152
Encontrando o caminho de volta.....	153
Mel.....	159
Cartas de Amor	160
Maria Bellatrix.....	165
Poema — Despedida da escola.....	166
Maria Silvia Ribeiro	172
O Anjo e o Demônio	173
Marileide Dourado	175
A dança da vinha e do vinho: uma reflexão sobre vida, trabalho e tempo.....	176
Marli Batista dos Reis Santos.....	190
“Mulher Virtuosa, quem a achará?”	191
Marluce Benaion Alencar.....	194
O vil	195
Maurício Ruas	196
“Sem muita embalagem”	197
Nah Carvalho.....	203
O Fundamento de uma Fé Sobrenatural	204
Neusa Maria Cesarino Martins	210
Pé-de-porco.....	211

Olvir Fadani Canton.....	217
Pacto com o Diabo	218
Patricia Santos de Azevedo.....	227
Amor Incondicional.....	228
Paulo R. B. Schwártzhaupt.....	231
O jovem que quase fez história – Crônica dos bastidores.....	232
Romilda Cunha	236
Uma mãe que troca o Papai Noel por uma trilha	237
Suely Penha Coriolano	251
Amigos em todo o tempo	252
Vanda Saraiva.....	257
Eu sei por que as Borboletas voam.....	258
Vera Pereira.....	279
Cura o que te feriu	280
Waldir Gomes.....	283
Entre o Laço e a Aliança.....	284

Anna Maria



anamariaismael12@gmail.com
Enniscorthy, Co.Wexford – Irlanda

História – “Um Jardim Secreto”

Sophia era uma menina diferente.

Enquanto as outras crianças corriam atrás de brinquedos ou barulhos, ela gostava de ficar em silêncio, observando o que ninguém via — o vento entre as folhas, o som da terra, a forma como a luz tocava as pedras no fim da tarde.

Um dia, em uma caminhada com sua avó, algo chamou sua atenção: uma pequena semente caída no chão, quase imperceptível, envolta em poeira e folhas secas.

— *Pode deixar, vovó, eu pego* — disse, abaixando-se com cuidado.

A semente era tão pequena que quase se perdia entre seus dedos.

Mas algo nela vibrava. Uma sensação estranha... como se aquilo não fosse apenas uma semente, mas um **chamado**.

— *Vai plantar?* — perguntou a avó.

Sophia pensou, olhou em volta e respondeu:

— *Não sei o que ela vai ser..., mas quero cuidar dela.*

E assim levou a semente para casa, colocou-a num pequeno vasinho com terra e começou a regar todos os dias.

Não havia pressa.

Não havia certeza.

Só havia **presença**.

Os dias passaram e nada aconteceu.

Os colegas riram. Diziam que aquilo era só uma pedra.

Mas Sophia continuou.

Ela falava com a semente em silêncio, como se já soubesse:

“Você está viva, mesmo que ainda não se mostre.”

Até que um dia... um pequeno broto verde rasgou a terra.
E Sophia sorriu como quem escuta um segredo da vida.
Depois que sua semente germinou, Sophia quis plantar outras.

Mas, dessa vez, ela escolheu um vaso grande, pesado e antigo, que encontrou no quintal da casa da avó.

Ela achava que ele estava pronto para receber vida.

Mas, ao colocar as sementes, algo não ia bem.

A terra estava dura.

O fundo do vaso tinha entulho, cacos de vidro e até uma raiz antiga, ressecada.

As sementes não brotavam.

Sophia se entristeceu.

— *Vovó, por que elas não nascem agora? Estou cuidando igual à outra...*

A avó se sentou ao lado dela, com a calma que só o tempo ensina, e respondeu:

— *Nem toda terra está pronta, minha flor. Às vezes, a gente precisa limpar, soltar o que ficou velho, perdoar o que ficou preso... Antes de plantar de novo, a alma também precisa respirar.*

Sophia respirou fundo.

E então começou o trabalho silencioso de **limpar o vaso**.

Retirou as pedras, as raízes velhas, os cacos.

Sentiu até vontade de chorar com tudo aquilo que foi tirando...

Mas, quando terminou, a terra parecia sorrir.

Fofa. Livre. Viva.

E, naquele dia, ela plantou de novo.

Mas agora, **não só com a mão — com o coração também.**

Depois de replantar as sementes, agora num solo limpo e fértil, Sophia passou dias apenas observando.

Nada de pressa. Nada de expectativas.

Mas algo novo começou a acontecer — **por dentro.**

Sentia-se mais sensível.

Tinha sonhos estranhos.

Lembrava de coisas da infância que nem sabia que ainda moravam nela.

Foi quando, num fim de tarde, sentou-se ao lado de Vó Clara no jardim.

As duas ficaram em silêncio por um bom tempo.

O sol parecia escorregar pelas folhas...

E então, sem encarar diretamente, Sophia sussurrou:

— *Vó... tem algo crescendo dentro de mim. Mas eu não sei o quê.*

Vó Clara, sem surpresa, apenas assentiu com a cabeça.

Ela conhecia aquele momento.

Chamava de **o tempo das raízes.**

— *As raízes crescem no escuro, menina. Elas não fazem barulho, mas sustentam tudo o que vai nascer. É o momento mais importante. E ninguém vê.*

Sophia olhou para o pequeno broto em seu vaso.

Parecia frágil, mas ela sabia... havia força ali.

Aquela noite, decidiu algo simples e profundo:

iria seguir sua intuição.

Mesmo que ninguém compreendesse.

Mesmo que ela mesma ainda não soubesse o caminho.

Os dias estavam mais quentes; o sol tocava com mais firmeza as janelas do quarto de Sophia.

O pequeno broto já não era só uma promessa — agora ele buscava espaço, erguia-se com delicadeza, mas também com determinação.

Algo nele queria subir.

Sophia, por dentro, sentia o mesmo.

Começou a ter vontades estranhas...

de fazer coisas novas,

de dizer coisas que nunca teve coragem,

de ir a lugares que pareciam simples, mas a chamavam com força.

— *É como se algo em mim estivesse pedindo pra sair...* — ela disse, certa noite, à Vó Clara.

A avó, como sempre, não respondeu logo.

Olhou para o broto, depois para a menina, e disse:

— *Chega uma hora em que a flor não cabe mais dentro da semente.*

Nem você.

Sophia sorriu. E, nesse sorriso, havia medo e liberdade misturados.

Naquela semana, Sophia fez algo novo:

inscreveu-se para falar um poema em público na escola.

Ela tremeu.

Quase desistiu.

Mas Vó Clara apareceu, bem antes da apresentação, com uma flor na mão e uma frase curta:

— *Vai com a tua raiz. Ela segura teu céu. Não desista do seu sonho.*

E Sophia foi.

A voz saiu fraca no começo, mas depois... firme, límpida, dela.

Naquele dia, **ela escolheu florescer.**

A primavera chegou com força.

As árvores estavam em festa; as flores invadiam as calçadas, e até os pássaros pareciam cantar com mais propósito.

Sophia olhava para o seu broto — agora com botões querendo abrir.

Mas, dentro dela, sentia um desconforto.

Um medo de que, ao florescer, fosse julgada.

Que não fosse o bastante.

Ou pior... que fosse **demais.**

— *E se eu for rejeitada por ser quem sou?* — pensou.

Vó Clara percebeu o silêncio.

Chamou Sophia até o jardim dos fundos, onde havia um espelho antigo, meio desgastado pelo tempo.

— *Olha pra ele* — disse.

Sophia se olhou.

E viu seus olhos, sua pele, seu cabelo despenteado...

Mas também viu as lembranças, os medos, as alegrias, as dores.

— *Tudo isso é você* — disse a avó.

— *As flores não escolhem o tamanho, a cor ou o perfume. Elas apenas florescem. Sem pedir desculpas por existir.*

Naquela noite, Sophia escreveu um bilhete e colou no espelho:

“Hoje, escolho ser flor.

Inteira. Imperfeita. Viva.”

Sophia começava a ser vista pelas pessoas ao redor.

Seus poemas, seu jeito gentil, sua sensibilidade começaram a chamar atenção.

Alguns se aproximavam com carinho; outros, com inveja disfarçada.

Ela se sentia feliz, mas também confusa.

Um dia, voltou ao quintal de Vó Clara, exausta, e se sentou num banco de pedra sob a sombra de uma árvore grande.

Vó Clara veio com uma xícara de chá e se sentou ao lado, sem dizer nada.

— Vó... *eu estou tentando ser flor. Mas tem dia que eu só queria desaparecer de novo.*

A avó sorriu e respondeu:

— *É que a flor também tem raiz, menina.*

Ser flor cansa quando esquecemos de voltar pra dentro.

Por isso existe o jardim interior — aquele lugar onde ninguém entra além de você.

Sophia fechou os olhos.

Na imaginação, viu um campo florido dentro de si.

Cada flor representava um pedaço dela: um sonho, uma dor curada, uma saudade, um perdão.

E ali, naquele silêncio, sentiu paz.

Entendeu que o mundo era jardim...

mas que ela também era **guardadora do seu próprio solo.**

O tempo passou.

Sophia cresceu — por dentro e por fora.

Seu jardim já era cheio de flores — algumas alegres, outras silenciosas, outras ainda abrindo aos poucos.

Mas um dia, ao olhar pela janela, ela notou algo diferente:

não estava mais esperando pela primavera.

Ela era a primavera.

Sentia-se bem, mesmo em dias nublados.

Sabia silenciar sem culpa.

Sabia florescer sem precisar de plateia.

Vó Clara, agora de cabelos ainda mais longos e prateados, a observava com um sorriso de alma.

— *Percebeu?* — disse baixinho.

— *Você não está mais procurando flores... você se tornou uma.*

Sophia entendeu.

Florescer não era sobre ser vista.

Era sobre **viver em paz com quem se é**.

Naquele dia, ela escreveu em seu caderno:

"Não existe estação ideal.

Existe o agora.

E, dentro de mim... a primavera nunca vai embora."

O perfume não se vê, não se força, não se calcula.

Ele simplesmente **exala** de uma flor que está inteira.

Ser você — com verdade e leveza — é o perfume mais precioso que existe.

E quem sentir... vai florescer também.

A cada semente, uma escolha.

Florescer não é perfeição.

Florescer é **presença**.

É chorar e ainda assim se abrir.

É cair e ainda assim confiar.

É não saber o futuro..., mas amar o agora.

Você pode escolher florescer.

E, se escolher, mesmo com medo, mesmo que devagar...

você se tornará jardim.

E este mundo precisa muito da tua flor.

Obrigada por caminhar comigo até aqui.

Nos encontramos entre pétalas, silêncios e milagres.

Com amor,

Anna Maria 

A.C. Paixão



andrecaniato@gmail.com

São Paulo – São Paulo

Blue

Era uma manhã tranquila, banhada pela luz suave do sol e acariciada por uma brisa fresca. Laurah, com um sorriso iluminando seu rosto, explorava seu jardim com alegria. Todas as manhãs, ela desvendava seus segredos e mistérios, observando atentamente as flores e as pequenas criaturas que ali habitavam, como se estivesse em um mundo mágico, esperando para ser descoberto. Entre seus passatempos, observar as joaninhas e borboletas era o que ela mais gostava. Passeava com passos leves e pés descalços, tocando a grama macia. O canto dos passarinhos preenchia o ar, criando uma melodia suave. Frequentemente, ela pedia à mãe que deixasse água e alpiste em vasilhas no quintal, deixando-a ansiosa por vê-los se aproximar.

De repente, Laurah ouviu um som oco e estranho que cortou o ar. Um pequeno estalo, seguido de um leve sussurro, a fez parar abruptamente. Seu olhar se fixou em uma área perto da cerca do jardim, onde havia várias flores vermelhas de que gostava. Um movimento rápido e desajeitado surgiu entre as folhas, e foi então que ela o viu: um pequeno passarinho, de penas azuis e brancas, caído no chão. Suas asas estavam estiradas de forma irregular, impedindo que ele pudesse se levantar. Ela correu até ele, com seu coração disparado. Ele estava atordoado, seus olhos pequeninos arregalados, como se ainda tentasse entender o que havia acontecido. Suas penas estavam em desordem, e uma de suas asas parecia ferida. Ela se agachou com cuidado, seus dedos tocando-o carinhosamente.

— Olá, passarinho... você está bem? — murmurou, sua voz suave, quase como um sussurro, temendo assustá-lo ainda mais.

Ele parecia ter perdido as forças, mas seus olhinhos continuavam a brilhar, mesmo com seu medo aparente. Laurah sentiu-se triste ao vê-lo daquela maneira, mas esperava poder fazer algo para ajudá-lo. Olhou ao redor e viu, no canto do jardim, uma pequena caixa de madeira vazia, que sua mãe usava para guardar algumas sementes. Pegou-a e a forrou com algumas folhas macias antes de colocar cuidadosamente o passarinho dentro, tentando não o machucar.

— Não se preocupe, você vai ficar bem — falou com um sorriso, ainda sem saber ao certo se aquilo realmente aconteceria. Mas o sorriso não era apenas para o passarinho. Era também para ela mesma, contente por estar fazendo algo que a fazia sentir-se bem e reconfortada.

Bem à sua frente, em uma casinha de varanda florida e janelas sempre abertas, estava Dona Norma. Seus cabelos prateados eram testemunhas do tempo, e suas mãos, marcadas pelos anos, carregavam a ternura de quem já havia aprendido muito com a vida. Ela encontrava alegria nas pequenas delicadezas do dia: o canto dos pássaros no quintal, o sol acariciando sua poltrona favorita pela manhã, o suave balançar das árvores ao vento... Mas nada lhe aquecia mais o coração do que o aroma do café recém-passado, sempre acompanhado da conversa tranquila com sua vizinha e grande amiga, Ângela. Ah, e claro, a visita da pequena Laurah, filha de Ângela, que vinha lhe ver quase diariamente.

Laurah levantou-se e correu até a varanda, onde Dona Norma estava sentada, com os óculos apoiados na ponta do nariz enquanto folheava um de seus livros antigos preferidos.

— Dona Norma! — ela exclamou, com a voz tremendo um pouco. — Eu encontrei um passarinho, ele caiu e está machucado! O que eu posso fazer para ajudá-lo?

Dona Norma olhou por cima de seus óculos, observando a preocupação estampada no rosto da menina. Ela levantou-se devagar e caminhou até seu encontro.

— Vamos ver o que podemos fazer, minha querida — disse calmamente. Depois, levou-a até a mesa da varanda, onde a caixa foi cuidadosamente colocada. — Primeiro, vamos garantir que ele fique aquecido e alimentado. Passarinhos são muito sensíveis. Vamos dar água e comida para ele e deixá-lo descansar.

Laurah observava atenta, sem desviar os olhos dele nem por um momento. Ela queria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que ele ficasse bem. Sentia uma conexão com aquele ser tão pequeno e vulnerável, algo que não sabia explicar. Tudo que importava naquele momento era deixá-lo seguro.

— Vamos ajudá-lo, pequena — disse Dona Norma, procurando tranquilizá-la. — Mas temos que ter paciência. Às vezes, as coisas levam tempo para se curar.

Laurah franziu a testa. Paciência não era algo que combinava muito com ela, mas confiou que, juntas, poderiam cuidar dele. Os dias passaram, e ela sempre lhe trazia sementes, água fresca e até cantava para ele. Aos poucos, ele começou a se fortalecer. Animada com a melhora do passarinho, teve uma ideia:

— Dona Norma, eu estava pensando... Acho que deveríamos dar um nome para ele!

Norma sorriu, se divertindo com o entusiasmo da menina.

— E que nome você acha que combina com ele, pequena?

Ela inclinou a cabeça, pensativa.

— Que tal Blue? Ele é azul, não é? Você sabia que a cor que eu mais gosto é azul? Azul igual à cor do céu!

Dona Norma soltou uma risada leve.

— Me parece um ótimo nome! Acho que ele vai gostar!

A partir daquele dia, Laurah passou a chamá-lo assim e, a cada vez que o alimentava, dizia:

— Olá, Blue! Trouxe mais comidinha e água para você! Como está sua asinha?

Até que um dia, ele estava totalmente recuperado, deixando ambas muito felizes e orgulhosas.

— Ele já está pronto para voar de volta para casa! — afirmou Dona Norma. — Já podemos soltá-lo!

Pegou-o suavemente da caixa e, com muita calma, abriu as mãos para libertá-lo. Por um momento, ele hesitou, pois também havia adquirido um certo carinho por suas cuidadoras. Mas, após um breve momento, bateu as asas e voou para o céu azul. Laurah pulou de alegria, sentindo um aperto no peito logo em seguida.

— Ele foi embora... — murmurou, sentindo a tristeza crescer dentro dela.

Dona Norma a abraçou.

— Pequena, fizemos tudo o que podíamos. Cuidamos dele e ele melhorou! Era isso que ele precisava! E, mesmo que doa, precisamos deixá-lo partir e voltar para a casa dele.

Laurah ficou em silêncio, pensando nas palavras sábias de sua vizinha, mesmo que ainda não entendesse realmente a profundidade do que ela dizia.

Na manhã seguinte, Laurah caminhava devagar pelo quintal, sentindo-se diferente. Apesar de estar feliz pela

recuperação de Blue, agora havia um leve vazio dentro de seu peito. Sentia-se orgulhosa, mas também incompleta.

Ela se aproximou da varanda, onde Dona Norma estava, com um sorriso tranquilo e uma xícara de chá nas mãos. Sentou-se ao seu lado, sem dizer uma palavra, apenas olhando para o nada, com um vazio no olhar.

Norma a observava atentamente, com sua expressão calma e compreensiva.

— Você está pensando no Blue, não é mesmo? — perguntou, quebrando o silêncio alguns minutos depois.

Ela balançou a cabeça, concordando.

— Sim... Eu me sinto feliz por ele, mas... não sei... dói um pouco quando lembro que ele foi embora. Eu queria que ele ficasse.

Dona Norma sorriu suavemente.

— Meu amor, o maior presente que podemos dar a alguém é a liberdade. Ao deixá-lo ir, você mostrou que está aprendendo o valor das pequenas coisas: o valor da paciência, o respeito pela natureza e, acima de tudo, a responsabilidade que temos ao cuidar de um bichinho.

Laurah olhou para o céu, próximo de onde o havia visto pela última vez. Algo dentro dela começava a se acender. Talvez estivesse, aos poucos, começando a entender o que Dona Norma queria dizer no outro dia.

Dona Norma, buscando distraí-la um pouco daquela situação, sugeriu:

— Sabe, Laurah, eu estava pensando... Já que hoje o dia está tão bonito e agradável, talvez seja uma boa ideia redecorar o meu jardim! Você sabe, colocar algumas plantas novas, mudar os vasos de lugar. Eles parecem... desajeitados. O que acha de me ajudar?

Laurah piscou, surpresa. Sua tristeza se dissipara completamente naquele momento. Ela sabia que Dona Norma adorava seu jardim, sempre cheia de novas ideias, mas nunca imaginou que ela a deixaria ajudar, sendo ainda tão pequena.

— Eu posso mesmo? Jura? Ia ser muito legal poder fazer isso!

Dona Norma riu e assentiu, animada.

— Exatamente! Vamos dar um ar novo ao jardim! E sei que juntas podemos deixar tudo mais bonito. Pode me ajudar?

Laurah olhou para o jardim com carinho. Era um lugar tranquilo e acolhedor, mas talvez ela tivesse razão. Seu toque “mágico” poderia deixá-lo ainda melhor!

— Eu adoraria ajudar! Vamos começar! — disse, animada.

Dona Norma se levantou com um suspiro, como se já soubesse que o trabalho não seria fácil, mas que valeria a pena. Juntas, começaram a trabalhar. Laurah, com a energia de sempre, queria reorganizar tudo. Porém, Dona Norma tinha uma ideia diferente de como as coisas deveriam ficar.

— Vamos começar pelos vasos — afirmou.

— Coloca esse vaso ali, pequena, no cantinho da cerca. Mais para a esquerda, isso, perfeito! — Dona Norma, ao ver que ela tentava colocar o vaso com muito afinco, logo a interrompeu. — Ah, mas não muito! Não se preocupe! E, depois que terminar de ajeitar esse, aquele outro vaso, com a planta vermelha, coloca ele... hmmm... mais para a direita! Ou, quem sabe... um pouquinho mais para o meio...

Laurah fazia um grande esforço para manter o foco, mas o número de instruções para mudar um simples vaso de lugar estava começando a deixá-la um pouco confusa. Ela dava passos para

frente, dava passos para trás, sempre em busca da melhor posição. Por fim, perguntou com um sorriso:

— Acha que assim está bom, Dona Norma?

Norma olhou para os vasos, pensou por um momento e respondeu:

— Acho que tá quase, Laurah. Acho que o vaso grande com a samambaia precisa ser mais afastado. Não sei... parece que ele está muito perto do outro. Como se fossem “grandes inimigos. — E fez uma careta estranha.

— Tudo bem, vamos dar mais espaço para ele... para que não brigue com os outros! — disse Laurah, entrando na brincadeira.

Depois, chegou a vez das flores. Laurah pegou uma cesta cheia de sementes de flores coloridas para plantar, mas Dona Norma tinha ideias diferentes para a distribuição.

— Laurah, por favor, coloca essa margarida bem no meio da cama de flores. Isso mesmo, mas não deixe a calêndula muito perto dela! Elas têm personalidades diferentes, sabia? A margarida é tímida e precisa de mais espaço para crescer e também pode formar muita sombra, atrapalhando o crescimento da calêndula... digamos assim.

Laurah olhou para Dona Norma enquanto tentava entender o que ela queria dizer, mas não conseguiu deixar de rir da explicação: “Flores com personalidade”.

— Eu vou tentar, Dona Norma, mas vou precisar de uma ajuda extra com essas “personalidades”. Não quero deixar nenhuma flor brava comigo.

Dona Norma sorriu de volta, orgulhosa do que ela própria chamava de "sabedoria floral", que havia adquirido pela leitura de vários livros que tratavam do assunto.

Laurah, agachada no jardim, ajeitava as sementes das flores em seus vasos, quando algo chamou sua atenção. Em um canto, perto da cerca, por entre alguns galhos velhos e pedras, um grupo de plantinhas estava crescendo. Elas eram tão pequenas que mal podiam ser vistas à primeira vista, com folhas finas e muito delicadas. E eram bem diferentes de todas as que já havia visto nos vasos.

— Olha, Dona Norma, essas plantinhas... são tão pequenininhas! São lindas, não é mesmo? — exclamou admirada, tentando não as esmagar com os dedos enquanto as tocava levemente.

Dona Norma se aproximou e se agachou ao seu lado, para observar as plantinhas mais de perto. Então, um sorriso suave se abriu em seu rosto.

— Ah, essas são as briófitas, um tipo especial de plantas — explicou ela com um olhar afetuoso. — Essas se chamam antóceros. São plantinhas bem pequenininhas, não é mesmo? São... pequenuchas... assim como você!

Laurah sorriu, sentindo uma alegria contagiante ao ouvir a comparação. Ela nunca tinha reparado naquelas plantas de nome complicado antes, mas agora que sabia o nome delas, ficou curiosa em saber mais.

— Quer dizer que eu também sou uma pequenucha então? — perguntou, olhando para Dona Norma com uma expressão travessa e divertida.

— Claro, minha querida, você ainda tem apenas 6 anos e, assim como elas, também é muito pequena e cheia de vida! Com certeza, uma pequenucha! — respondeu Dona Norma carinhosamente, antes de continuar a arrumar as plantas no jardim.

Finalmente, chegaram ao grande vaso de cerâmica que Dona Norma queria, há tempos, mudar de lugar. Era um vaso grande e pesado, que Laurah tentava puxar com toda sua força. No entanto, ela não conseguia movimentá-lo sozinha.

— Laurah! — gritou Dona Norma do outro lado do jardim.
— Precisa de ajuda?

— Acho que sim, Dona Norma. Não consigo nem tirar ele do lugar sozinha! — Laurah respondeu, enquanto tentava insistentemente arrastar o vaso para o lugar certo.

— Ora, não precisa fazer tanta força! Aqui, veja, tem um truque... — Dona Norma se agachou e deu um pequeno empurrão no vaso, que imediatamente se moveu para onde ela desejava. Ela se levantou, vitoriosa. — Pronto! Assim fica perfeito!

Laurah ficou de boca aberta, sem palavras. Dona Norma parecia ter muita força.

— Dona Norma, como você fez isso? Eu estava tentando há um tempão e não consegui!

Dona Norma piscou, sorrindo, e, com um ar de grande sabedoria, respondeu:

— Ah, minha querida, o segredo é saber pedir ajuda para o universo. O vaso estava esperando o momento certo para se mover!

Laurah não conseguiu segurar a risada. Aquele trabalho todo no jardim de Dona Norma fora mais divertido do que ela imaginava — cheio de risos, confusão e, claro, muito aprendizado. Agora, a casa de Dona Norma havia ficado ainda mais charmosa,

com o jardim repleto de novas cores e, quem diria, de "personalidades florais" únicas.

Foi quando ela se preparava para voltar para casa, após agradecer pelo dia divertido que tiveram, que um som familiar preencheu o ar. Um delicioso cantarolar, vindo de uma árvore próxima. Laurah levantou os olhos imediatamente e, para sua surpresa, lá estava ele: Blue. O passarinho azul e branco que haviam cuidado, pousado em um dos galhos mais baixos da árvore.

— Dona Norma, olha! É o Blue! — exclamou Laurah, apontando para ele com animação.

Blue inclinou a cabecinha para o lado, como se observasse suas antigas cuidadoras com carinho. Então, com um pequeno salto, desceu voando até pousar suavemente no encosto de uma cadeira do jardim, bem perto delas.

— Ora, ora! Parece que ele não nos esqueceu — disse Dona Norma, sorrindo.

Laurah se aproximou devagar, tentando conter a emoção. Estendeu a mão trêmula lentamente, sem tocar nele, apenas deixando que ele a observasse. Blue piou novamente, parecendo satisfeito com a recepção.

— Acho que ele veio nos visitar! — Laurah disse, sua voz cheia de alegria.

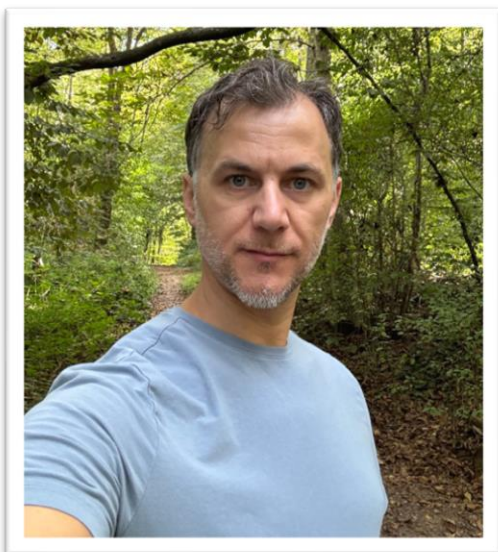
Dona Norma assentiu.

— Ele sabe que foi amado aqui, pequenucha. Ele está dizendo "obrigado" da maneira dele.

Por alguns instantes, permaneceram ali, saboreando aquele momento precioso. Laurah sentiu um calor aconchegante no peito.

Ela sabia que Blue era livre agora, mas também que, sempre que quisesse, poderia voltar.

Aughost Writer



warkko@hotmail.com

Zurique – Suíça

Entre o Céu e a Terra – Ecos de um Viajante

Cresci entre penedos, silêncios e bicicletas sem travões. A minha aldeia era feita de pedra e pão quente, de mãos calejadas e olhares que diziam tudo sem dizer nada. Lá, o tempo não passava — apenas se arrastava com o som do cinzel e o cheiro da terra molhada.

Um dia, parti. Não porque queria, mas porque a vida exigiu. Fui para sobreviver, fui para tentar viver. E, nessa viagem, deixei partes de mim em cada fronteira atravessada. Chamaram-me emigrante. Mas eu sabia que levava mais que malas: levava perguntas que ninguém sabia responder.

Foi aí que nasceu o Coração de Leão. Entre os corredores vazios da saudade, entre o esforço de um pai que não quer falhar, entre a memória da infância que se agarrava como raízes. Cada página escrita foi um choro contido, um abraço não dado, um grito por dentro. E então...

Mergulhei.

Não no mundo, mas em mim.

"Mergulho no Abismo"

Mergulhei no abismo, sem medo,

À procura de algo mais profundo

Do que a dor das partidas.

Queria entender o vazio,

O eco das ausências,

A distância entre o que fui

E o que me tornei.

Lá embaixo, encontrei o silêncio.

E no silêncio, uma voz:

“Ainda estás aí?”

Respondi com lágrimas.

E voltei a nascer.

Foi nesse silêncio que o cosmos me chamou. Não com palavras, mas com frequências. As estrelas começaram a brilhar por dentro. Eu, que era apenas carne e exílio, tornei-me luz e missão. E escrevi Ecos de Orion. Não como ficção, mas como verdade espiritual codificada. Os planetas eram feridas. A nave era o coração. Os inimigos, as sombras que não quis enfrentar.

Ali compreendi: não somos só o que vivemos. Somos o que curamos. E cada dor, quando escutada com coragem, revela-se um portal.

Foi então que regressei. Não à terra apenas, mas à pedra. Ao penedro. Aquele onde um dia me deitei a olhar as estrelas, antes de saber o que era perder. E lá estavam eles: os risos da infância, os silêncios dos que já partiram, a memória intacta do menino que ainda me habita.

O Penedro dos Sonhos não é uma história. É um regresso. Um espelho. Um altar. Escrevi-o para não esquecer. Para lembrar aos outros — e a mim — que ainda há tempo. Que ainda há dentro de nós um lugar onde o homem, o menino e o buscador se encontram.

Hoje, não escrevo para publicar. Escrevo para sobreviver. Para recordar. Para acender. Sou feito de chão, de estrelas e de pedra. Entre o céu e a terra, caminho como viajante. Um escritor por dentro, mesmo antes de ser lido.

Há um leão dentro de mim.

Há um chamado estelar.

E há um penedro que me espera sempre que esqueço quem sou.

Cícero Afonso



ciceroap.silva@hotmail.com

Curitiba – Paraná

Crônica reflexiva - A grande pirâmide e as sete estrelas!

Certa vez, na periferia de uma grande cidade, vivia um rapaz simples e muito humilde. Mas sua simplicidade não o impedia de ser um jovem audacioso. Sem se aborrecer com sua baixa classe social, ele sonhava alto e acreditava que um dia conseguiria ser um homem muito rico. O rapaz sonhava com um futuro vitorioso, próspero e repleto de conquistas. Por mais difícil que fosse sua jornada, ele estava determinado a trilhar os caminhos que o tirassem do anonimato e o tornassem um homem culto e ilustre.

Numa noite escura e silenciosa, em que dormia um profundo sono em seu pequeno quarto, o rapaz sonhou que estava na frente de uma grande pirâmide. Aquele sonho poderia ser igual a tantos outros sonhos que ele já havia sonhado, mas uma coisa chamou muito sua atenção. No topo da pirâmide, havia sete estrelas brilhantes; cinco emitiam raios dourados e duas emitiam raios brancos. O rapaz ficou abismado com as estrelas; seus brilhos eram de uma intensidade muito grande. Então, ele quis subir a pirâmide para apreciar as estrelas de perto, mas achou difícil, pois a pirâmide era muito alta e, para chegar a seu topo, era preciso vencer milhares de degraus.

Mesmo assim, o rapaz estava disposto a subir. Convencido de que era inteligente, ele contornou a grande pirâmide na intenção de encontrar uma porta que conduzisse a um elevador, que facilitasse chegar até as estrelas. Após ter concluído seu contorno, ele se surpreendeu ao descobrir que a pirâmide tinha sete lados iguais, mas não encontrou elevador nenhum. O rapaz entendeu que havia sete caminhos para chegar até as estrelas, mas não eram

apenas os difíceis degraus a serem vencidos. Em todos os lados, havia um monstro que o desencorajava a escalar a pirâmide.

Enquanto o rapaz pensava numa estratégia que facilitasse subir na pirâmide, ele acordou. No dia seguinte, pôs-se a pensar no misterioso sonho: uma pirâmide de sete lados iguais, no seu topo sete estrelas, nas entradas sete monstros. Que sinal era aquele? Um dia, ele haveria de descobrir os segredos daquele enigma.

Tempos depois, o rapaz voltou a ter o mesmo sonho. Chegou ao pé da pirâmide e viu um senhor bem trajado, de cabelos e barbas brancas, que descia da pirâmide tranquilamente. O rapaz aproximou-se do homem e perguntou como ele havia subido na pirâmide, que era tão alta e vigiada por grandes monstros. O senhor olhou para ele e respondeu:

— Vá em busca de sabedoria, acumule ciências e triunfos; isso te fará um homem sábio e vencedor. Depois que fizer tudo isso, o topo da pirâmide estará a seu alcance. Somente assim poderá vencer os obstáculos, conquistar as estrelas e usufruir dos benefícios que elas te proporcionarão. Essas estrelas representam seu futuro.

E o rapaz acordou novamente. No outro dia, ele só pensava nas palavras que ouvira daquele senhor. Se somente a sabedoria o levaria ao alto da pirâmide, então ele iria buscá-la insistentemente até que a encontrasse, pensou o rapaz cheio de ambição.

A cada nascer do sol, o rapaz saía em busca das perfeições que o tornariam um homem sábio, que o levassem ao topo da pirâmide para apreciar de perto as estrelas. Com esse propósito, ao longo dos anos, o rapaz fez sete cursos, acumulou sete diplomas, estudou sete línguas, visitou sete países, competiu em várias

maratonas e conquistou sete medalhas, entre ouro e prata. Subiu ao pódio sete vezes.

Vários anos já haviam se passado, e o rapaz dos sonhos já havia se tornado um homem de meia-idade, realizado e farto de conquistas. Passou a acreditar somente nos objetivos alcançados através de seu esforço. O rapaz sonhador era agora um homem mais velho. Com a sensação de dever cumprido, passou a acreditar que seus sonhos já estavam realizados.

Mas, numa noite em que ele dormia um sono profundo, desta vez em um quarto luxuoso, o antigo sonho da pirâmide se repetiu, mas dessa vez ele estava no topo da pirâmide. Então, ele ficou muito surpreso, pois não havia mais lá monstro nenhum; os degraus da pirâmide estavam livres e haviam ficado para trás. A pirâmide era imponente, porém ele estava lá em cima. Anos depois, muitas coisas haviam mudado. Porém, as estrelas não estavam mais lá.

Ao se encontrar no topo da pirâmide, ele se sentiu realizado e entendeu que suas grandes conquistas já haviam sido realizadas. Então, o homem olhou ao longe para todos os lados e sentiu o mundo aos seus pés, glorificou-se de suas conquistas, olhou para seu peito e se surpreendeu. Em seu pescoço estavam penduradas suas sete medalhas. O homem, então, entendeu o enigma dos sonhos que havia tido em sua juventude: as sete estrelas que antes brilhavam no topo da pirâmide agora estavam em seu peito. Cinco eram de ouro e duas eram de prata.

Clareci Naria de Moraes



clarecimoraes@hotmail.com

Rodeio Bonito – Rio Grande do Sul

Paz

Paz,
Ausência do homem
Em suas nuances de pequenez.
É quando só a essência,
Que é divina, permanece.
E não há choro, dor, sofrimento...
Nem há tristeza...
Há somente plenitude:
Do ser,
Do universo em sua harmonia original.
Homens humanos,
Humanamente vivendo...
Num mundo respeitado em sua perfeição.

Não há ambição que não seja pela vida.
Não há busca
Que não seja a felicidade e realização de todos.
Não há desejo
Que não seja o de Paz.

Paz,
Conquista da inteligência sábia,
Capaz de perceber
A brevidade das coisas e do mundo...
E, por isso...
Nada justifica a guerra!
Nada justifica a supremacia dos povos,

A exploração exacerbada e soberba
Dos que, em nome da fé,
Exterminam nações,
Extinguem espécies,
Abreviam o tempo da vida!

Que nos demos mais tempo:
A observar o sol, sentir o vento,
Caminhar na chuva, nadar nos rios,
Abraçarmo-nos...
Curvar os joelhos...
Ouvir a verdade de nossas crianças,
Ainda não contaminadas por nossas mentiras,
E cantar...
Cantar a embalar os nossos sonhos.

Sonhos de um mundo de felicidade
Para todos...
A seguir o ritmo da vida,
Sem atropelos nem pressa,
Sem a coisificação imposta pelo capital.
Homens capazes de amar o mundo...
Coordenando pela supremacia do bem.

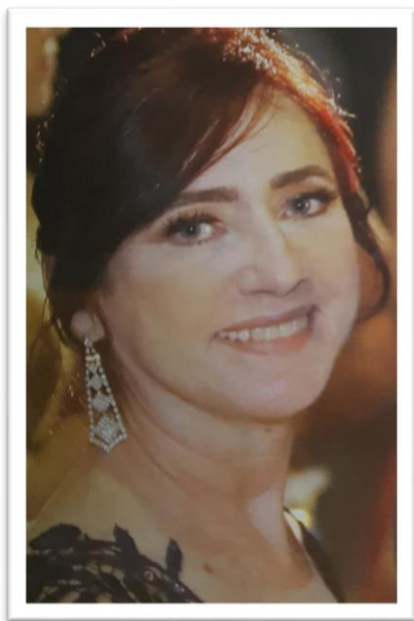
Paz,
É chão, é terra, é pão!
É música, é dança, é sorriso de criança!
É trabalho, dignidade e lazer!
É paixão, felicidade e prazer!

É a vida realizando o milagre do nascimento,
A continuidade.

Paz,
Capacidade do homem
De construir o seu mundo,
Arquitetado no amor, na equidade, na justiça.

Paz,
Realização do projeto divino para o mundo:
Vida e dignidade.
O homem vivendo sua essência: humano.
O mundo podendo ser dito
HUMANIDADE!

Dária Limaverde



darialimaverdelobo@gmail.com

Fortaleza – Ceará

A Mão que Nunca Soltei

Recordações fazem parte da vida! E hoje, te olhando, nessa cama, inerte, como se nada mais fizesse parte de ti, relembro como tudo começou.

Sou a primeira filha de um casamento em que existia uma parcela de solidão no coração da minha mãe, pois meu pai trabalhava muito, viajando algumas vezes. Ela sentia-se assim, apesar de morar com minha avó, que era sua sogra e tia, já que meus pais eram primos legítimos.

Mas essa história não começa aí, mas sim quando nasceu o segundo filho, que foi chamado Thibério. Um nome forte, para alguém que saberia valorizar essa escolha.

Meu irmão nasceu forte e saudável, e eu, com um ano e seis dias, já o amava como se fizesse parte de mim, daquela existência. Brincava e queria estar sempre pertinho daquele pequeno ser.

Aos oito meses, meu irmão foi acometido pela maior vilã da época: a paralisia infantil (poliomielite). Uma febre altíssima se apoderou daquele pequeno corpinho, deixando suas feições rosadas com uma grande palidez... não parecia mais meu irmãozinho, que eu tanto amava. Ele foi perdendo os movimentos das pernas, dos braços e do corpo. E, após vários exames, veio o veredito:

— Não há o que fazer aqui na cidade do Crato (uma cidade do Cariri). Ele tem que ser levado para a capital, pois lá há mais recursos.

Sem pensar duas vezes, mamãe disse: “Nós vamos!”.

Mas meu pai não poderia ir, devido ao emprego do qual não podia faltar. Então, mesmo cheia de medo, minha mãe chamou

uma irmã e partiram para a capital, onde seriam recebidas por uns tios que lá moravam.

Você deve estar se perguntando: “E o que foi feito da menina, que nessa época contava com a idade de um ano e nove meses?”

Pois bem, antes de minha mãe partir, levou-me para a casa de minha avó materna, que tinha em casa ainda duas filhas solteiras, as quais iriam ajudar a cuidar de mim. Mamãe levou brinquedos novos, bolas... Qualquer criança ficaria encantada, porém, eu sentia que algo muito estranho estava para acontecer...

E aconteceu.

Minha mãe me disse adeus pela primeira vez. Tentei dizer que não fui eu que fiz aquilo acontecer com meu irmãozinho, e que, se tivesse sido, eu não faria mais. Mas só o que saiu foi um choro profundo, vindo do fundo da alma, acreditando que nunca mais veria esses seres que eu tanto amava. Eu já havia perdido meu irmão, afastado de mim há mais de uma semana; agora perderia os meus pais.

Estava nos braços da minha avó e meus bracinhos esticados para minha mãe, na última esperança de ela desistir de me deixar. Mas, com um beijo muito sofrido, ela saiu, e nós duas experimentamos uma amarga dor, que nos acompanharia por toda uma vida. Pois as feridas se abrem e, apesar dos remédios colocados, não encontramos a fórmula correta para cicatrizar. Eu não entendia que tudo estava sendo feito para o meu bem.

A viagem deles para Fortaleza foi muito dolorida. O medo de meu irmão não resistir, a imagem do meu choro compulsivo e os gemidos de dor daquele pequeno ser em seus braços. Com certeza, os olhos de mamãe estavam marejados de lágrimas, mas

seu coração tinha uma verdadeira cachoeira de sentimentos que não se gerenciavam, por se sentir tão só numa partida para um futuro incerto.

Ao amanhecer, chegaram a Fortaleza e sentiram que o sol estava ali para aquecer até os corações afogados em desenganos. Foram bem recebidos pelos tios, que já os esperavam com a consulta marcada para nosso pequeno. Assim iniciou-se uma grande jornada, onde uma vida estava em jogo.

Meus dias naquele paraíso foram tomando a forma da alegria. Estávamos no sítio Fábrica, onde a paisagem alegrava meus pequenos olhos verdes. Minha tia tinha nove anos e me tratava como se eu fosse sua melhor boneca. Saía comigo nos braços, descendo as ladeiras e apontando os pássaros que cantavam e voavam entre as árvores. Aquele sítio parecia muito com os encantos do Sítio do Pica-pau Amarelo, onde as águas frias da nascente banhavam o colorido das flores que desabrochavam pela serra.

Enquanto eu desbravava um mundo, com sorrisos e encantos, meu irmão enfrentava momentos de dor e sofrimento. A batalha foi árdua. Todos os dias, minha mãe e minha tia andavam vários quarteirões a pé até chegarem à clínica ABCR para a reabilitação de nosso pequeno Thibério. Foram altos e baixos, mas meu irmãozinho queria viver, e ao passar dos meses foi recuperando os movimentos dos membros, ficando paralisada apenas a perna direita.

Passado todo o perigo de contágio, a tia de minha mãe cedeu uma casa que ficava mais próxima da clínica e mudaram-se para lá: minha mãe, sua irmã Simone e Tito (apelido do meu irmão). Foi então que minha mãe resolveu ir ao encontro de sua filha.

Estava eu brincando com minha tia quando chegou meu pai para me visitar. Corri para os braços de minha avó e ele sentou na cadeira, baixou a cabeça e chorou como uma criança. Minha avó pediu que eu fosse até ele. Fui, deitei a cabeça nas pernas dele e então, com a voz embargada pelo choro compulsivo, cantou:

“Beija, beija teu paizinho, filhinha
Amanhã tu não serás mais só minha.
Breve, em frente à lareira sozinho,
Tua infância lembrarei
E as canções que te ensinei.
Brevemente, tu irás cantar,
Com carinho e devoção,
A embalar o netinho do meu coração.”

Outra agonia foi quando chegou minha mãe para me levar de volta à minha família, mas quem disse que eu queria ir? Foi muita “adulação”, muito “mimimi”, mas só quis ir quando minha tia Meire disse que iria também.

Chegamos então à nova casa. Era um casarão, uma escadaria na entrada, uma grande porta e, no chão encerado da sala, estava deitado, tentando se arrastar com suas perninhas amarradas em uma fralda, meu irmãozinho. Meus olhinhos brilharam de emoção. Eu não sabia que ainda veria aquele pequeno que tanto amava, e corri ao seu encontro.

A nossa casa era enorme, mas não tinha quase nada. Havia apenas uma cadeira de balanço bem velhinha, um fogareiro de duas bocas, um pequeno gás e nossas redes. Mas mamãe e nossa tia deixavam tudo muito limpo e nós amávamos brincar naquele espaço todo. Nossa situação financeira era tão precária que, por

muitos dias, eu e Tito tomávamos mingau ou vitamina de banana, e as duas comiam macarrão com alho.

As idas e vindas para o tratamento de meu irmão continuavam, só que agora eram dois para levarem nos braços. Eu até que andava um pouco, mas logo queria os braços, tornando-se tudo mais cansativo. No caminho, havia um grande muro onde havia uns buracos tampados com telas, e mamãe nos dizia que era a casinha do “babau”. Era lá que mamãe e titia descansavam enquanto eu e Tito olhávamos os buracos com vontade de ver o “babau” que tinha lá dentro.

Um dia, mamãe deixou nós dois na sala e foi varrer os quartos e, quando voltou, não nos encontrou. Minha tia havia saído e nossa mãe se desesperou, procurando os filhos por toda a casa. Foi quando ela ouviu o grito de tia Salma (aquela que morava em Fortaleza) que havia chegado para nos visitar. Ela abriu a porta e nos viu no jardim, já subindo a escadaria, com tia Salma carregando Tito e segurando minha mão. Esse foi um mistério que nunca foi descoberto: como eu, com dois anos e poucos meses, descii a escadaria com Tito, que tinha as perninhas amarradas com a fralda e só se arrastava...

O tempo passou. Nos tornamos grandes amigos, companheiros — e “arengueiros” também. Chegou o momento de conhecer a escola, mas mamãe me deu uma grande missão:

— Não solte a mão do seu irmão.

Nessa época, Tito tinha um aparelho na perna direita, mas ele ainda escorregava muito; por isso a necessidade daquela pequena mãozinha apertada na dele. Por vezes, nos víamos no chão, sendo amparados por algum adulto que passava. Éramos muito envergonhados e não conseguíamos dizer nada...

Entre as idas e vindas da vida, fomos crescendo. Tínhamos então 11 e 10 anos de vida e chegamos ao Colégio Redentorista para cursarmos a quinta série, que hoje denomina-se sexto ano. Fomos descer a grande escada que dava para um gramado sempre cheio de flores e com as cadelas Mona e Dote, que faziam a nossa alegria, quando de repente um colega gritou:

— Thibério, solta a mão dela! Agora somos grandes, estamos na quinta série!

Recordo-me até hoje da mão dele se distanciando da minha, como um navio que zarpa levando seres queridos, que apenas acenam cada vez mais longe da terra amada que os abrigava. Olhei-o descendo cada degrau, sem medo de cair, e eu, em pranto, não entendia os sentimentos que se misturavam no meu peito. A coordenadora, que havia presenciado tudo, levou-me à sua sala, ofereceu-me um copo d'água e, com carinho, perguntou se eu não estava feliz com a evolução do meu irmão. Respondi que sim, e não consegui dizer mais nada.

O tempo passou e nos vimos em plena juventude. Saíamos com os amigos, e era eu quem segurava sua mão quando voltávamos de algum evento após alguns “goles a mais”. Lembro, como se fosse hoje, de uma ida à praia com um namorado em que eu não confiava muito. Eu disse que levaria meu irmão, e meu namorado levou um tio. Sentado no banco da frente, com um olhar, meu irmão me disse tudo, e fomos atrás no bugre, fazendo a maior “algazarra”. Chegando à praia, tudo que eu estava sentindo ficou pequeno diante daquela imensidão que é o mar. O verde todo, contrastando com o azul do céu, faz toda dor sumir e nasce um enorme desejo de agradecer ao Criador pela vida e pela oportunidade de construir minha história.

Naquela manhã, eu e Thibério comemos bastante e, quando meu namorado chegou do passeio que fez com seu tio, eu disse: “Paga a conta e vamos.”

Quando chegamos em casa, meu irmão entrou e eu terminei aquele namoro, que não iria agregar nada à minha vida. Era sempre assim: meu irmão transmitia muita segurança para mim.

Foi a mim que meu irmão confiou sua trajetória de tirar a carteira de motorista. Como ele é incrível, tudo que quis conquistou — só não o desejo de ser médico e lutar contra a paralisia infantil. Mas tornou-se fisioterapeuta e ajudou muita gente na reabilitação.

Casou com a boneca “Susi” — era assim que ele descrevia sua amada, companheira até hoje. Residem em Goiânia–GO, com as duas filhas da esposa, do primeiro casamento, e um filho do coração, que muito ajudou na trajetória de meu irmão, tendo ainda outra filha que reside no Maranhão. O amor de Thibério pelos filhos sempre foi imenso.

A penúltima vez que ele veio nos visitar, aqui em Fortaleza, manifestou desconforto e tremor nas pernas ao subir as escadas e, no primeiro dia, a senhora do andar de baixo abriu a porta de seu apartamento no momento em que ele subia. Ele ficou tremendo, só conseguindo continuar depois que ela entrou. Ficamos brincando que ele tremeu por causa dela. Mas nada disso... iniciava ali outra jornada dolorosa desse ser que muito amo.

De volta a Goiânia, ele descobriu que aquela fraqueza nas pernas era síndrome pós-pólio, uma síndrome que ainda não se sabe como tratar. Só se sabe que o paciente vai perdendo os neurônios, a musculatura vai definhando; perde os movimentos, a fala e a razão. E tudo isso aconteceu em poucos anos.

Agora estou aqui, meu irmão, te olhando e percebendo que com seus olhos físicos não me vê e com seus ouvidos não me ouve, mas de alguma forma me sente. Lembro que muitos me falaram que me anulei para viver tua vida, e eu digo que não, pois você, meu irmão, sempre foi: meu sol, minha coragem, meu exemplo, minha luz... E, apesar de com onze anos eu não saber por que chorei quando soltaste minha mão, hoje, já madura, descobri e lhe falei:

“Descobri que não era você que precisava da minha mão, mas era eu que necessitava da tua.”

Quando partir para os ares mais belos da evolução, não sentirá só o meu amor no seu coração, mas sentirá que tua mão segura a minha — pois essa mão eu nunca soltei...

DIZER ADEUS

Não é fácil a despedida
Ao compartilhar uma existência
Em que momentos foram regados...
Às vezes de alegria, às vezes de tristeza.
Mas, em nossas fantasias,
Tinha sempre uma beleza.
Às vezes, ao pensar nesse convívio,
Uma saudade tende a derramar
Nesse coração já bem sofrido
A doce alegria de te amar.
Ainda não te disse, irmão, adeus,
Mas você já disse ao calar.
O corpo que mostrava teu existir
E os olhos que expressavam o teu falar.

Dario Hayashi Morishigue



morishiguedario@gmail.com

Bastos – São Paulo

Haicais em Memória de Nobumasa Morishigue

EDICATÓRIA

À memória de meu pai,
Nobumasa Morishigue,

e à minha avó,
Fumi Morishigue,

que cultivaram raízes profundas
para que hoje florescêssemos.

APRESENTAÇÃO

(por Dario Hayashi Morishigue)

Escrever este livro é mais do que um exercício literário. É um gesto de gratidão.

Ao longo da minha vida, aprendi que algumas presenças não se impõem pelo volume da voz, mas pela firmeza do caráter. Meu pai, Nobumasa Morishigue, foi assim. Homem de raízes profundas, disciplinado, sereno e íntegro, construiu sua trajetória com trabalho, fé e responsabilidade, sempre atento à família, aos amigos e à comunidade.

O haikai, forma poética eternizada por Matsuo Bashō, ensina que a grandeza pode caber em poucas palavras. Em três versos, o instante se torna eterno.

Escolhi o haikai porque ele se aproxima da maneira como meu pai viveu: sem excessos, mas com profundidade. Cada gesto carregava significado. Cada atitude continha ensinamento.

O kiri simboliza continuidade. Assim é a família. Assim é o legado.

Nestes trinta haicais organizados em **Raízes, Tronco e Flores**, transformei memória em poesia.

Porque a verdadeira herança não é material.

É moral.

É eterna.

Dario Hayashi Morishigue

PREFÁCIO

Haikai, Imigração e Memória — A Flor que Atravessou o Oceano

O haikai nasceu no Japão como arte do instante. Em três versos, concentra-se contemplação, disciplina e sensibilidade.

No século XVII, Matsuo Bashō elevou o haikai à dimensão espiritual. Em 1908, com a chegada do navio Kasato Maru ao Porto de Santos, a cultura japonesa iniciou oficialmente sua trajetória no Brasil.

Entre os elementos preservados pelas famílias imigrantes estava a poesia.

Em Bastos, interior paulista, senhoras reuniam-se para estudar e escrever haicais. Entre elas, **Fumi Morishigue**.

Minha avó paterna cultivava versos como quem cultivava jardim. Em meio às responsabilidades do lar, encontrava tempo para escrever. Seus haicais eram resistência cultural e continuidade.

Este livro homenageia Nobumasa Morishigue, mas reverencia também essa herança feminina silenciosa.

O pai representa o tronco firme.
A avó, as raízes invisíveis.
O kiri floresce após o inverno.
A memória floresce após o tempo.

PARTE I — RAÍZES

(Infância, formação, caráter)

1. Terra natal

Terra vermelha
passos firmes na infância,
brota o caráter.

Comentário: A terra representa Bastos e o início de uma vida construída com trabalho.

2. Nome herdado

Nome em silêncio,
ecoa além do tempo
sangue e história.

Comentário: O sobrenome carrega gerações e honra familiar.

3. Kiri antigo

Raiz de kiri,
invisível sustenta
flores futuras.

Comentário: A força da família está no que não aparece.

4. Primeira lição

Mãos calejadas
trabalho ensina cedo
o valor da vida.

Comentário: O labor como escola moral.

5. Interior

Estrada de pó,
horizonte sem fronteiras
sonho caminha.

Comentário: O interior paulista moldando visão ampla.

6. Disciplina

Antes do golpe,
inclina-se o coração
nasce o respeito.

Comentário: Princípio do judô aplicado à vida.

7. Silêncio

Homem de poucas
palavras profundas
gesto fala mais.

Comentário: Liderança silenciosa.

8. Oficina

Ferro e madeira,
engenho feito à mão
mente constrói.

Comentário: Referência à habilidade mecânica.

9. Fé simples

Oração baixa,
noite guarda promessas
paz no lar.

Comentário: Espiritualidade discreta.

10. Semente

Pequeno grão,
escondido na terra
futuro inteiro.

Comentário: Toda grande história começa invisível.

PARTE II — TRONCO

(Vida adulta, família, liderança)

11. Tatame

Queda no chão frio
levanta-se mais forte
quem sabe cair.

Comentário: Metáfora da resiliência.

12. Pai

Mesa reunida,
arroz quente e ovo
amor cotidiano.

Comentário: Simplicidade que constrói memórias.

13. Jipe antigo

Motor desperta,

estrada vira escola

guia destinos.

Comentário: O jipe como símbolo de ajuda ao próximo.

14. Bazar

Porta se abre

comércio vira encontro,

nasce amizade.

Comentário: Trabalho e relação humana.

15. Conselho

Olhar atento,

antes da decisão

pesa o justo.

Comentário: Formação jurídica e senso ético.

16. Judoca

Faixa apertada,

honra amarra o corpo

caráter firme.

Comentário: Disciplina permanente.

17. Família

Riso no quintal,

vento leva gargalhadas

casa floresce.

Comentário: A alegria como herança.

18. Amizades

Mesa de cartas,
tempo passa sem pressa
lealdade fica.

Comentário: Amizades duradouras.

19. Pescaria

Água em silêncio,
paciência lança a linha
céu refletido.

Comentário: Contemplação e serenidade.

20. Liderança

À frente caminha,
mas nunca deixa ninguém
sombra protetora.

Comentário: Liderança com cuidado.

PARTE III — FLORES

(Legado, memória, eternidade)

21. Kiri em flor

Primavera vem
mesmo após o inverno,
flores insiste.

Comentário: Superação e continuidade.

22. Sobrenome

Morishigue ecoa,

vento leva adiante
verde permanece.

Comentário: Permanência do nome.

23. Netos

Pequenos passos,
repetem antigos gestos
história viva.

Comentário: Continuidade geracional.

24. Ensino

Sem levantar voz,
exemplo conduz mais longe
que mil discursos.

Comentário: Liderança pelo exemplo.

25. Tempo

Relógio segue
memória não envelhece,
amor permanece.

Comentário: A eternidade afetiva.

26. Fé final

Céu da tarde calma,
gratidão fecha o ciclo
luz serena.

Comentário: Vida concluída com dignidade.

27. Raiz profunda

Quanto mais cresce,
mais fundo finca a origem
árvore sábia.

Comentário: Sucesso sem perder identidade.

28. Herança

Não são riquezas
é postura diante do mundo
que fica aos filhos.

Comentário: Legado moral.

29. Eternidade

Folha que cai leve,
mas a árvore permanece
vida continua.

Comentário: A partida não encerra a influência.

30. Último haikai

Flores de kiri
vento espalha sementes,
raiz é eterna.

Comentário: Síntese da obra: memória, família e continuidade.

POSFÁCIO

Raiz é Eternidade
A vida humana é breve.

O legado, não.

Se estes haicais perpetuarem valores de honra, trabalho, fé e família, então a missão estará cumprida.

Que as próximas gerações leiam estas páginas como quem contempla uma árvore: entendendo que cada flor depende de raízes profundas.

O kiri permanece.

A família também.

Doraci Belém



belemdoraci@gmail.com

Belém – Pará

A Fábula do Pardal e a Árvore Sábia



Era uma vez, em uma floresta ensolarada, um pequeno pardal chamado Nico. Ele voava sem descanso, buscando construir o ninho perfeito. Nico carregava gravetos, penas e folhas de um lado para outro, mas sentia uma dor insistente em suas asas.

“Talvez seja apenas cansaço”, pensava ele, ignorando os sinais de seu corpo.

Um dia, enquanto lutava para carregar um galho pesado, Nico encontrou a Árvore Sábia, uma antiga figueira conhecida por dar conselhos valiosos.

— Por que estás tão agitado, pequeno pardal? — perguntou a Árvore, suas folhas sussurrando ao vento.

— Preciso terminar meu ninho! A floresta inteira vai rir de mim se ele não for o maior e mais forte! — respondeu Nico, ofegante.

A Árvore balançou seus galhos e disse:

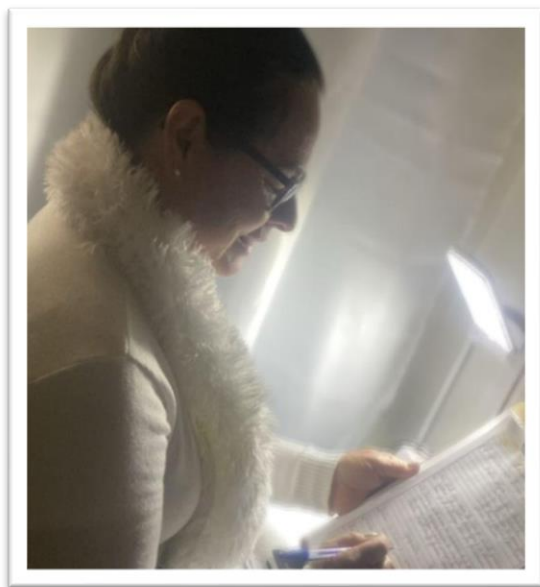
— Você está ignorando seu próprio corpo, pequeno. Cada dor é uma mensagem. Já pensaste que teu esforço desmedido é a verdadeira causa da tua aflição?

Nico parou, pensativo. Pela primeira vez, ouviu o que seu corpo dizia. Ele descansou sob a sombra da Árvore, permitindo-se um momento de silêncio. Ao acordar, percebeu que seu ninho, ainda inacabado, era mais do que suficiente para acolher sua felicidade.

A partir daquele dia, Nico aprendeu a escutar os sinais de suas asas e a valorizar o equilíbrio entre esforço e descanso.

Moral da história: quando ouvimos nosso corpo, descobrimos que a felicidade não está na perfeição, mas no equilíbrio.

Dulce Souza



Dulcinéiafatima08@gmail.com
Betim – Belo Horizonte

Vozes Silenciadas – Femicídio zero

A Voz que Morava no Olhar

Ela nunca gritava.

Nunca pedia.

Nunca exigia.

Mas quem olhasse com atenção veria a súplica presa em seus olhos.

A dor não morava nos gritos — morava no silêncio.

O silêncio que ela aprendia desde menina, quando diziam que “mulher educada não reclama”.

Foi calando... calando... até esquecer como se dizia “não”.

Mas seus olhos ainda falavam.

Falavam tão alto que, um dia, Deus ouviu.

E enviou alguém que soube escutar sem que ela dissesse uma palavra.

O Grito da Louça Quebrada

A vizinha ouviu. Mais uma vez.

O barulho da louça quebrando. O tom de voz subindo. O choro abafado.

Mas, como sempre, disse a si mesma:

“Não é da minha conta.”

Na manhã seguinte, ela passou pela mulher com os olhos fundos e sorriso inventado.

— Está tudo bem?

— Está, sim. Foi só um tropeço.
Ela tropeçava há anos.
Tropeçava no medo, no julgamento, na vergonha.
E, a cada tropeço, uma parte sua se despedaçava... como a louça da noite passada.

1993: O Ano em que o Silêncio Matou

Ela era minha cunhada.

18. ERA SÓ MAIS UM DIA (CRÔNICA EM MEMÓRIA DE MINHA CUNHADA – 1993)

Era só mais um dia.
O sol nasceu como sempre, e o mundo continuava girando.
Mas, naquele dia, minha cunhada não teve tempo de ver o pôr do sol.
Tinha nome, sonhos, risadas. E filhos.
Em 1993, sua vida foi arrancada por mãos que juraram amor.
O feminicídio não era uma palavra comum naquela época.
Mas era uma tragédia presente.
Lembro da roupa que ela usava no velório.
Lembro do silêncio da sala.
Lembro da dor que nunca mais saiu do peito da família.
Morreu pelas mãos de alguém que jurava amor eterno... e também pela omissão de uma sociedade que se cala.
Hoje, escrevo para ela.

Para que sua história não seja enterrada entre estatísticas.
Ela foi amada.
Ela foi mãe.
Ela foi mulher.
E não será esquecida.
Nunca mais. 🌻

O Prato de Arroz

Era só um prato de arroz.
Quente, simples, colocado à porta de uma mulher que chorava de fome.
A autora do gesto era outra mulher.
Também calada.
Também marcada.
Duas desconhecidas ligadas por dores semelhantes.
Naquele prato, não havia só alimento.
Havia solidariedade.
Havia uma promessa muda:
“Você não está sozinha.”
Porque, entre silêncios, as mulheres criam pontes invisíveis.
E, nelas, muitas vezes... salvam-se.

O Nome da Rua

Ela morreu numa rua que levava o nome de um político.
Nenhuma placa lembrava o nome dela.

Nenhuma flor. Nenhum protesto. Nenhuma estátua.

Mas, naquela esquina, uma vizinha riscou com giz na calçada:

“Aqui calaram uma voz.”

E, naquela madrugada, outras mulheres passaram por ali.
Silenciosas.

Mas, por dentro, despertando.

Um dia, aquela rua teria outro nome.

O nome dela.

O nome de todas.

Vozes que Voltaram a Falar

O silêncio pode ser prisão.

Mas também pode ser o lugar onde a voz se recompõe.

Nas casas de apoio, nas rodas de conversa, nos cultos onde o Espírito Santo sopra, as vozes começam a voltar.

Frágeis.

Tremidas.

Mas vivas.

Mulheres que foram silenciadas agora gritam liberdade.

E o grito ecoa pelas páginas, pelas ruas, pelas escolas, pelos púlpitos.

Porque nenhuma dor será mais enterrada no silêncio.

Agora, elas falam.

E o mundo escuta.

Obrigada por me ler

Obrigada por me ler, por me sentir, por caminhar comigo
— mesmo que em silêncio.

Sua presença, sua atenção, seu tempo... tudo isso tem valor
imenso para mim.

Às vezes, uma simples leitura aquece um coração.

Às vezes, uma palavra se transforma em abraço.

E se, de alguma forma, consegui tocar o seu dia, saiba:
você também tocou o meu.

Cada pessoa que permanece, que se conecta com verdade, é
um presente raro.

E você é um desses presentes que a vida me deu.

Feminicídio Zero: Um Sonho Possível, Uma Luta Necessária

Encerramos esta coletânea com uma certeza: o silêncio não
é mais uma opção.

Cada história aqui contada, cada dor partilhada, cada
mulher lembrada, nos convoca a agir.

O feminicídio não é um destino inevitável, mas uma
tragédia que pode — e deve — ser evitada.

Feminicídio zero não é apenas uma utopia.

É uma escolha coletiva, um compromisso com a vida, com
o respeito e com a dignidade de todas as mulheres.

É romper com a cultura do controle, da posse, da violência
disfarçada de amor.

É educar os filhos com ternura e justiça, e ensinar as filhas
que elas têm voz, valor e liberdade.

Esse sonho exige coragem.

Exige leis firmes, sim — mas também corações despertos.

Exige famílias mais humanas, igrejas mais acolhedoras, escolas mais conscientes e vizinhos mais atentos.

Exige que olhemos para cada mulher com os olhos de quem diz:

“Você importa. Sua vida tem valor. Sua dor não passará despercebida.”

Não queremos mais flores em caixões.

Queremos flores em mãos que constroem, em braços que acolhem, em vidas que florescem.

Feminicídio zero é mais que um número: é a nossa responsabilidade.

E também a nossa esperança.

Obrigada por confiar, por acreditar, por me acompanhar.

Que nossos caminhos sigam juntos, iluminados pelo respeito, pelo carinho e por tudo que é leve e sincero. 🌻❤

Ediana Teixeira Caruso Cavallaro



ediana.physical@gmail.com

Macaé – Rio de Janeiro

Emoções Esportivas

Por acaso, você já se perguntou de quais esportes gosta e quais emoções eles provocam em você?

Ela era uma atleta de competição e foi inscrita para participar de uma olimpíada. Seria uma honra e também um grande desafio. A atleta ficava imaginando como seria chegar ao país anfitrião e sentir o tamanho da emoção ao ver, pouco a pouco, na fila quilométrica, atletas de variados países usando seus uniformes e bagagens esportivas, aguardando para a fotografia individual e o recebimento dos kits.

Certamente, seria enorme o número de esportes, participantes e espectadores atraídos pelos Jogos Olímpicos. Um fenômeno social. Enfim, de posse de seus documentos e bagagem, ela chegou ao país de destino dias antes do evento, para se adaptar ao clima local.

Quando chegou o dia da “Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos”, ela apareceu com seu porte atlético, vestindo o uniforme com as cores de seu país. Cerimônia esta que teve como significado marcar o início oficial dos jogos, celebrar a união global, a cultura do país anfitrião e os ideais olímpicos de amizade e fair play.

A alegria de participar do desfile das delegações no estádio foi intensa, ouvindo a expressão do público que aplaudia e sentia orgulho da terra onde nasceu. As provas começaram obedecendo ao cronograma de dias e horários dos inúmeros esportes.

Aquela ansiedade “bateu”: o medo do desconhecido, do nível das competidoras, da pressão de não decepcionar seu país e a saga pelas medalhas.

Enfim, chegou o Atletismo. E, na primeira prova, ela se posicionou para iniciar os 800 metros, uma distância olímpica clássica do atletismo. Prova de meio-fundo que exigia capacidade mental para suportar e aumentar, com eficiência, a alta velocidade que a distância demandava. E geralmente se chega à meta em exaustão. Antes de iniciar a corrida, a atleta olhou para o lado direito e se deparou com uma das concorrentes tão alta que as pernas dela tinham quase a altura do seu quadril... Não houve tempo para desesperar, pois foi dado o tiro de partida e foi um “salve-se quem puder”! Realmente, uma “prova de fogo”.

A emoção desta prova residia em sua natureza de equilíbrio intenso entre velocidade e resistência táctica e na dinâmica da corrida. Vários fatores geraram emoção na prova dos 800 metros: intensidade constante, correndo no máximo de esforço durante as duas voltas completas na pista.

Estratégia e táctica: todas as competidoras dosaram o ritmo cuidadosamente, pois uma largada muito rápida poderia levar à exaustão antes do final, enquanto uma muito lenta poderia deixá-las para trás. Decisões em frações de segundo, na hora certa de ultrapassar, em alta velocidade. Ultrapassagens ocorreram após a primeira curva, e as atletas saíram de suas raia designadas e competiram pelo melhor espaço na raia interna, o que gerou disputas acirradas por posição. O risco de ficarem “encaixotadas” (presas entre outras corredoras) e a habilidade de sair dessa situação aumentaram a tensão da prova!

O toque do sino foi ouvido, sinalizando a última volta e trazendo a emoção ao seu auge. Isso indicou às atletas e ao público que era o momento do sprint final! Todas as competidoras deram o máximo de si, muitas vezes resultando em finais extremamente

apertados e decididos por centésimos de segundo. A exaustão extrema e visível no final da prova gerou uma forte conexão emocional com o esforço e a superação. A prova dos 800 metros foi um espetáculo de pura adrenalina! Todavia, infelizmente, a atleta não conquistou a tão batalhada medalha nesta prova.

A próxima prova em que participou foi o arremesso de peso, que também foi uma experiência repleta de variadas e intensas emoções. Houve uma mistura de sentimentos, que envolveu aumento da adrenalina e foco mental extremo, característicos dos momentos que antecedem o arremesso, auxiliando na execução da técnica correta, que canaliza toda a energia do movimento explosivo.

A tensão e a expectativa vieram de imediato, enquanto a atleta se posicionava no círculo e se preparava para o esforço máximo, com a expectativa de superar a si mesma e às adversárias. Com a explosão de energia, o ato do arremesso em si foi um momento de pura força e liberação, acompanhado por um grito de alguma atleta ou um suspiro de esforço de outra.

A satisfação e o alívio, imediatamente sentidos após o arremesso, dependiam do resultado: a atleta sentia uma onda de satisfação por um bom arremesso ou um alívio por ter concluído a tentativa. Torceram umas pelas outras, ainda que a disputa tenha sido acirrada. No fim, a emoção do arremesso combinou disciplina mental com expressão física máxima, desafio pessoal e superação. Ainda que a atleta tenha treinado e se esforçado ao máximo, infelizmente ela não foi à final.

Chegou o dia da penúltima prova do evento: o revezamento 4x400 metros. Uma prova em equipe que combina velocidade com estratégia e gera emoções intensas, como o trabalho em equipe e a

pressão, que dependem sempre da performance de cada um dos quatro corredores.

Na estratégia de posicionamento, os técnicos escolheram com cuidado a ordem das corredoras para maximizar o desempenho da equipe, o que adicionou tática à emoção. A passagem do bastão foi um momento de alta tensão, porque, na velocidade, uma corredora deixou cair o bastão. E, embora ele tenha sido recuperado rapidamente, segundos cruciais foram perdidos.

Chegou o “Tudo ou Nada” final, o momento de maior adrenalina da prova. Viradas dramáticas ocorreram devido aos diferentes níveis de velocidade e resistência de cada atleta, e equipes que pareciam estar fora da disputa se recuperaram no final, enquanto as líderes foram ultrapassadas nos metros finais.

O revezamento 4x100 m foi a última prova em que a atleta estava inscrita. Essa era a prova coletiva e imprevisível que o público tanto esperava. Neste momento, a atleta se lembrou de todos que se envolveram nos treinos do dia a dia. Pensou na possibilidade de uma boa marca e até na felicidade de poder levar uma conquista para seu país.

A atleta que recebeu o bastão começou a correr sem olhar para trás e fez a troca com precisão. Houve responsabilidade compartilhada, pois um erro poderia ter levado à desclassificação de todas. A sincronia e a euforia estavam presentes, com sensação de fluidez e “unidade”. A ansiedade chegou, junto a momentos cheios de adrenalina e de alívio, que se instalam logo após a conclusão dos desafios.

Momento de desafios psicológicos: medo do fracasso, gestão da frustração, superação da rivalidade. Lutou do começo ao

fim, mas, apesar de todo o treino e esforço, o resultado esperado não veio. Assim, o pódio não recebeu seus pés, assim como nenhuma medalha foi colocada em seu pescoço. Nem o bonequinho mascote chegou às mãos da atleta!

Incrédula, a atleta se deitou no chão. Tentou descontraír e controlar o emocional com técnicas de redução de estresse, concentrando-se na respiração. Enquanto estava triste e quase a ponto de se levantar devagar e aceitar a realidade com dignidade, um grande barulho ecoou no estádio.

Zeus, deus da mitologia grega antiga, aos olhos dos que acreditam, teria descido do Monte Olimpo com uma águia e raios em suas mãos, dominando o céu e o clima, desencadeando tempestades com relâmpagos, trovões e tormentas para expressar sua vontade.

No final do evento, algumas atletas conquistaram medalhas e bateram recordes; muitas celebraram as amizades feitas durante as despedidas. Umas “sonharam acordadas”; outras viveram a realidade. O momento simbólico e histórico nem sempre tem final feliz, mas todas vibraram na “Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos”, com a possível presença de Zeus assumindo várias formas, com a força, resistência e longevidade do carvalho. Mesmo que parte disso... tenha sido uma fantasia.

Gabriel Kisungu



abundanciakis@gmail.com

Nova Friburgo – Rio de Janeiro

Como pássaro livre

(Uma história de sobrevivência, fé e destino)

Introdução

Você já esteve tão perto da morte que só o impossível poderia te salvar?

“Se não fora o Senhor, que esteve ao nosso lado, ora diga Israel... a nossa alma escapou como um pássaro do laço dos passarinhos; o laço quebrou-se, e nós escapamos.” (Salmos 124:1,7)

Essas palavras ecoam profundamente na minha alma, pois definem com precisão o milagre da minha sobrevivência. A história que você vai ler é real. É um pedaço da minha alma; é sobre o dia em que escapei de um destino cruel. Sobre como Deus quebra laços invisíveis que nos aprisionam. E, mais do que tudo, é sobre como há um propósito para cada vida, mesmo quando tudo parece perdido.

É uma narrativa de dor, fuga, traição e, acima de tudo, de redenção e proteção divina.

É a história de um menino que escapou das garras da morte pelas mãos do próprio pai, mas foi protegido por Deus para cumprir um destino maior.

Permita-se caminhar comigo por esta estrada marcada por fugas, perseguições, perdas e milagres.

Porque, talvez, o mesmo Deus que me salvou quando todos fugiram... esteja agora prestes a falar com você.

Fuga da opressão colonial

A minha história começa antes mesmo do meu nascimento, nos dias sombrios em que a minha pátria, Angola, estava sob o domínio da colônia portuguesa. Jovens eram recrutados à força para trabalhar em condições desumanas nas construções civis, nas estradas e principalmente nas plantações de café. Muitos eram enviados para São Tomé, Cabo Verde e, posteriormente, Moçambique, longe de suas famílias e de sua terra natal.

Meu pai, um jovem de apenas 25 anos, e minha mãe, com 20, ouviram os rumores que circulavam no município: tropas portuguesas planejavam capturar jovens na madrugada. A informação chegou até meu avô, que trabalhava na casa de um colono português. Sem perder tempo, ele correu para casa e avisou meu pai.

Foi então que a decisão mais difícil e corajosa foi tomada: fugir.

Com minha irmã de 5 anos nos braços, meus pais cruzaram a fronteira para o então Congo-Belga, estabelecendo-se na cidade de Matadi, província do Congo Central. Lá, encontraram acolhida entre outros angolanos que também haviam fugido da opressão.

Nova vida em Matadi

Em Matadi, a vida começou a sorrir para minha família. Meu pai era um homem trabalhador e habilidoso. Logo conseguiu emprego e se destacou não apenas pelo trabalho, mas também pelo seu espírito empreendedor. Em pouco tempo, ele estabeleceu negócios prósperos e ganhou respeito entre a comunidade local.

No entanto, prosperidade muitas vezes atrai inveja. E essa inveja surgiu justamente de onde menos se esperava: da própria

família paterna. A inveja se transformou em ódio, e o ódio levou à prática da feitiçaria.

Meu pai começou a apresentar sintomas estranhos. Sua lucidez oscilava. Por vezes, parecia completamente normal; em outras, tornava-se violento e confuso. Era como se algo invisível o consumisse por dentro.

O dia em que a morte bateu à porta

Eu tinha apenas quatro anos. Era um dia comum. Minha mãe saiu cedo para o mercado, e minhas irmãs foram à escola. Fiquei sozinho em casa com meu pai.

Tudo parecia tranquilo até que, repentinamente, ele teve uma nova crise. Seus olhos se tornaram vazios, sua expressão mudou. Dominado por um surto, ele me agarrou.

Levantou-me nos braços, amarrou meus pés com uma corda e me pendurou de cabeça para baixo numa árvore do quintal. Comecei a gritar, chorando por socorro, mas meu pai não ouvia. Entrou em casa e saiu com um facão, gritando que iria me matar.

Eu olhei para o rosto do homem que deveria me proteger e vi a face do perigo.

Com os pés amarrados à árvore, a cabeça pendendo sob uma corda e o facão já nas mãos do meu próprio pai, eu gritei. Gritei como quem sente que o tempo acabou.

Mas a história não acabou ali.

Vizinhos, alarmados pelos gritos e pela cena aterradora, observavam com medo. Era perigoso intervir contra um homem fora de si com uma arma na mão. Mas Deus interveio.

Em meio ao pânico, alguns vizinhos encontraram coragem e conseguiram imobilizar meu pai antes que ele cometesse o ato irreversível. Cortaram a corda e me libertaram.

Deus me salvou.

Como um pássaro que escapa da rede do passarinho, eu escapei.

Quando minha mãe retornou do mercado e soube do ocorrido, caiu em prantos. A dor era imensa, mas a gratidão por eu estar vivo era ainda maior.

Partida e perdas

Diante do perigo crescente, minha mãe tomou a difícil decisão de deixar Matadi. Não era mais seguro viver com meu pai, cuja condição se agravava. Com a ajuda de conhecidos, fomos para Leopoldville, hoje Kinshasa, onde parte da família materna já vivia como refugiada.

Depois da nossa partida, a família paterna, que sempre invejara meu pai, o levou de volta a Angola. Lá, isolado, sem apoio e vítima da própria enfermidade, ele foi morto. Seus bens foram confiscados por aqueles que o traíram. A nossa família ficou completamente desamparada.

A sobrevivência sem pai

Sem pai, sem herança e sem apoio financeiro, começamos uma vida de grandes privações. Mas minha mãe era uma mulher de fé e coragem. Trabalhou incansavelmente para nos sustentar. E, acima de tudo, nos ensinou a confiar em Deus.

A dor nos forjou.

A escassez nos fortaleceu.

A ausência nos ensinou a valorizar a presença divina.

Vivemos dias difíceis. Muitas vezes, fomos humilhados. Outras vezes, tivemos que contar com a caridade. Mas nunca deixamos de orar. Nunca deixamos de acreditar que Deus tinha um plano maior para nossas vidas.

Reflexão de um sobrevivente

Hoje, ao olhar para trás, compreendo que minha vida foi guardada por um propósito. Como José do Egito, fui cercado por traições, injustiças e tentativas de destruição. Mas Deus estava no controle.

Aquilo que era para ser minha morte tornou-se o início do meu chamado.

Não fui salvo apenas para sobreviver.

Fui salvo para servir.

Fui poupado para proclamar que Deus ainda livra.

Ainda guarda.

Ainda quebra os laços do passarinheiro.

O laço se quebrou, e eu escapei.

Deus não impediu que os inimigos tramassem, mas não permitiu que seus planos se cumprissem.

Ele permitiu o choro, mas guardou a vida.

E onde havia dor, Ele fez brotar ministério.

Onde havia abandono, Ele trouxe consolo.

Onde havia fome, Ele multiplicou provisão.

A minha história é apenas uma entre milhares.

Mas ela carrega um grito de esperança para todos que enfrentam perseguições, crises familiares, enfermidades mentais e abandono.

Você pode ter sido ferido por aqueles que deveriam cuidar de você.

Pode ter sido traído por familiares.

Pode ter sido jogado no fundo do poço.

Mas se Deus está no controle da sua história, nada poderá impedir o seu destino.

A Bíblia nos mostra homens como José, Moisés, Davi — todos perseguidos, traídos, feridos — mas todos conduzidos pela mão de Deus ao cumprimento do propósito.

Se você está passando por um vale, lembre-se:

Deus não desperdiça dor.

Ele transforma desespero em testemunho.

Ele transforma vítimas em vencedores.

E Ele ainda quebra o laço do passarinho.

Conclusão

A minha alma escapou. Não porque fui forte. Não porque os vizinhos foram rápidos. Mas porque Deus decidiu me guardar.

A minha vida é d'Ele. Meu destino está em Suas mãos.

E a mesma mão que me livrou na infância continua me guiando até hoje.

Por isso, digo com fé:

“O Senhor está comigo; não temerei. Que me pode fazer o homem?” (Salmo 118:6)

Minha vida é a prova de que, mesmo nos piores momentos, Deus está presente.

E quando Ele tem um propósito para alguém, nem mesmo o inferno inteiro pode impedir.

A minha alma escapou como um pássaro da rede do
passarinheiro.

E viverá para cantar essa verdade.

Hélio Cervelin



heliocervelin@gmail.com
Florianópolis – Santa Catarina

O Menino dos Olhos de Esmeralda

Hélio Cervelin (01 out. 2018)

Era uma vez um menino muito lindo e muito amoroso. Ele tinha a pele morena, queimada pelo sol. Seus cabelos eram dourados e longos, e seus olhos eram verdes, parecendo duas esmeraldas. O nome dele era Sol Dourado, mas era chamado por todos simplesmente de Sol.

Sol Dourado vivia muito feliz em um sítio com seus pais. Eles eram agricultores e plantavam cereais (trigo, milho, feijão e arroz) para sustentar a família. Naquele sítio havia muitas frutas, e ele se deliciava subindo nas árvores para apanhá-las, comendo-as ali mesmo. Às vezes, nem dava tempo para elas amadurecerem e o menino, afoito, já as apanhava para comer, chegando a fazer caretas, pois ainda não estavam doces. As uvas, então, nem tinham tempo para ficarem vermelhinhas e ele já as atacava.

Sol Dourado gostava de andar na horta, entre os legumes que sua mãe plantava, ao lado da casa. Lá, ele apanhava vagens de ervilhas cruas e as comia no mesmo instante. Também colhia cenouras, arrancando-as do chão para comê-las, sem mesmo lavá-las. Quando não havia água por perto, ele as limpava na roupa, mordida-as com gosto, fazendo muito barulho. Mas achava-as deliciosas.

Feliz mesmo ficava quando chegava o domingo, pois era dia de descanso da família dos trabalhos no campo e ele e seus irmãos se embrenhavam nas campinas em busca de aventuras. Gostava de observar os animais pastando, os pássaros voando, e de pescar na lagoa, onde havia muitos peixes dos grandes. Também gostava de

ouvir as histórias que sua mãe lhe contava sobre índios, fadas, anjos e Saci Pererê.

Às vezes, ele ia ao curral para acariciar os cavalinhos recém-nascidos e notava que alguns cavalos que viviam soltos amanheciam suados e com as crinas trançadas com belas tranças. Ao perguntar à sua mãe quem fizera aquilo, ela lhe respondia que, durante a noite, o Saci Pererê gostava de andar a cavalo pelas campinas próximas, galopando a noite toda. E, enquanto o cavalo se movimentava, ele o enfeitava com belas tranças.

Para Sol Dourado, tudo era maravilhoso: o sítio para brincar, o amor de seus pais e irmãos, a companhia do seu cãozinho preto chamado Bisbin. Havia também porcos, vacas, galinhas, coelhos, ovelhas, muitos animais e muitos pássaros coloridos, que cantavam sem parar.

A Grande Retirada

Hélio Cervelin (22 abr. 2025)

Nas cercanias do Morro do Mirante, no bairro Carvoeira, em Florianópolis, tudo está calmo, o silêncio paira sobre a cidade. Os automóveis desapareceram, as motocicletas silenciaram, os transeuntes sumiram.

O que terá acontecido? Onde estarão as pessoas que faziam tanto barulho? Até os pássaros estão silentes... O que poderá ter provocado essa mudança? Busco a explicação e começo a entender. O mundo vai mudar; coisas estranhas estão acontecendo. E a principal delas é muito assustadora.

Uma nave espacial sobrevoou o morro e deixou uma mensagem ao professor Hermes:

— Viemos buscar vocês!

Florianópolis está virando cenário de um encontro intergaláctico! No Morro da Carvoeira, ainda por cima – parece quase cinematográfico. Abduções e resgates alienígenas soam como um capítulo de tirar o fôlego. É uma visão aterrorizante ou esperançosa, dependendo de como vemos esses visitantes de outro mundo.

Enquanto a nave pairava sobre o Morro da Carvoeira, as luzes pulsantes do disco voador iluminavam Florianópolis como se fosse uma aurora alienígena. As pessoas, inicialmente assustadas, começaram a perceber que os extraterrestres vinham em paz. Esses visitantes celestiais tinham uma mensagem importante para a humanidade: o planeta estava à beira de uma catástrofe, e eles ofereceriam um novo lar ou uma solução para reverter o curso da destruição.

Enquanto alguns foram abduzidos, descobriram que os Ets não eram sequestradores, mas “guardiões universais”. Eles compartilhavam conhecimento avançado e explicavam como os seres humanos poderiam coexistir de forma mais harmoniosa com a natureza e uns com os outros.

Ao mesmo tempo, aqueles que ficaram na cidade começaram a espalhar rumores e teorias. Afinal, quem são os Ets e por que escolheram Florianópolis? Seria a energia das praias, a riqueza cultural ou algo mais misterioso, como o alinhamento do Morro da Carvoeira com estrelas distantes?

A nave espacial é enorme, colorida, fascinante, com luzes piscantes das mais variadas cores. Seus tripulantes são seres altos, com formas esguias e olhos gigantes que brilham em um azul intenso. Suas peles emanam um leve brilho prateado, quase como se estivessem cobertos por uma poeira estelar. Eles se comunicam

não com palavras, mas por meio de ondas mentais que transmitem não apenas suas intenções, mas também sentimentos de empatia profunda e sabedoria ancestral.

São habitantes de Xylarion, uma estrela situada a milhões de anos-luz da Terra. Seu planeta natal, Lyris, é coberto por cidades flutuantes e imensas florestas luminescentes. Os Ets acreditam em uma filosofia de harmonia universal: cada espécie tem um papel único no equilíbrio cósmico. Sua missão é proteger esse equilíbrio, ajudando civilizações em risco de autodestruição, detentores que são de vasta tecnologia avançada.

E quem estaria em condições de comunicar-se com eles? O professor Hermes, naturalmente!

Mas quem é esse professor? É um cientista, estudioso da Astronomia, da Cosmologia, da Física Quântica e que mora no Morro da Carvoeira. Tem 45 anos de idade, quase todos dedicados às pesquisas. Tem cabelos grisalhos e olhar penetrante, sempre carregando um ar de curiosidade insaciável.

Durante décadas, ele enfrentou o ceticismo de colegas e da sociedade por acreditar na existência de vida além da Terra. Ele dedicou sua vida ao estudo de astronomia e fenômenos inexplicáveis, até mesmo montando um observatório no Morro da Carvoeira.

Ele, que nunca duvidou da existência de vida alienígena, de repente descobre que seu trabalho já era conhecido pelos Ets e torna-se um elo entre os visitantes e a humanidade, navegando por questões complexas como confiança, responsabilidade e a chance de reconstruir o futuro.

Enquanto os Ets oferecem tecnologia avançada para resolver os problemas do planeta, surge um dilema: será que a

humanidade, onde alguns acreditam que a Terra seja plana, está pronta para aceitar ajuda sem abusar desse benefício?

Quando os Ets chegaram, Hermes se tornou o intermediário ideal: sua mente aberta e conhecimento profundo sobre o universo o tornaram o primeiro humano a se comunicar com eles. A conexão mental que os Ets estabeleceram com Hermes revelou uma verdade surpreendente — eles vinham monitorando seus estudos há anos e consideravam sua mente um dos poucos lugares na Terra capazes de compreender sua mensagem.

Juntos, Hermes e os Ets embarcam em uma jornada para explicar à humanidade que esses visitantes não são invasores, mas aliados. Entretanto, nem todos aceitam isso facilmente, e o professor Hermes terá que enfrentar desafios, desde governos desconfiados até grupos que temem os extraterrestres.

Outra questão terá que ser enfrentada pelo professor Hermes: Ana Clara, sua companheira de uma década, vê Deus como o criador do céu e da Terra, o guardião da humanidade, e sempre acreditou na centralidade da vida terrestre na criação divina. A chegada dos extraterrestres abalou essa crença profundamente — ela se pergunta como esses seres podem coexistir com a ideia de um Deus Todo-poderoso ou se eles fazem parte do plano divino que ela desconhecia. Esse conflito interno cria um choque entre suas convicções religiosas e as evidências alienígenas diante de seus olhos.

Enquanto Hermes está mergulhado no estudo dos Ets e em sua missão como mediador, Ana Clara busca conforto na oração, tentando entender qual é o propósito maior de tudo isso. Em um momento de angústia, ela até confronta Hermes, questionando como ele pode acreditar tanto nos Ets sem considerar o papel de

Deus nessa história. Isso gera uma conversa intensa e reveladora entre os dois: Hermes explica que, para ele, a existência de outras civilizações não contradiz sua fé, mas expande sua visão sobre o que a criação divina pode incluir.

Conforme a história se desenrola, Ana Clara começa a perceber que talvez os Ets sejam uma manifestação desse plano maior, enviados para ajudar a humanidade a preservar o que Deus criou. Sua jornada espiritual evolui, e ela passa de apavorada para curiosa, até aceitar um papel mais ativo ao lado de Hermes – tanto para proteger sua cidade e seu planeta quanto para encontrar um novo significado para sua fé.

Que reviravolta fascinante! Ana Clara traz uma dimensão emocional e humana essencial para a história. É uma pessoa prática, com os pés no chão, que sempre viu as crenças de Hermes como um devaneio romântico, mas inofensivo. Agora, com os Ets realmente presentes, ela está completamente abalada – apavorada pelo desconhecido e pela ideia de que o homem que ela ama possa estar mais envolvido com esses alienígenas do que com ela.

Enquanto Hermes se aproxima dos extraterrestres e trabalha como mediador, Ana Clara sente que o universo dela está desmoronando. Seu medo e ceticismo criam tensões no relacionamento. Ela teme que os Ets não sejam tão benevolentes quanto parecem e tenta convencer Hermes a se afastar. Porém, ao mesmo tempo, sua lealdade e amor por ele a mantêm ao lado dele, mesmo quando tudo parece assustador.

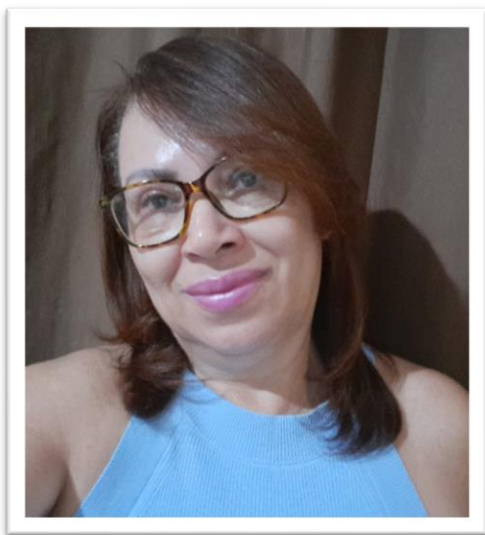
Ana Clara vê Deus como o criador do céu e da Terra, o guardião da humanidade, e sempre acreditou na centralidade da vida terrestre na criação divina. A chegada dos extraterrestres abalou essa crença profundamente – ela se pergunta como esses

seres podem coexistir com a ideia de um Deus Todo-poderoso ou se eles fazem parte do plano divino que ela desconhecia. Esse conflito interno cria um choque entre suas convicções religiosas e as evidências alienígenas diante de seus olhos.

Conforme a história se desenrola, Ana Clara começa a perceber que talvez os Ets sejam uma manifestação desse plano maior, enviados para ajudar a humanidade a preservar o que Deus criou. Sua jornada espiritual evolui, e ela passa de apavorada para curiosa, até aceitar um papel mais ativo ao lado de Hermes – tanto para proteger sua cidade e seu planeta quanto para encontrar um novo significado para sua fé.

Mas as preocupações ainda não terminaram, aliás, apenas começaram. Os tripulantes da nave, por meio de seu comandante, deixaram vários presentes que serão estudados pelo professor Hermes e uma relação de pessoas que deverão ser comunicadas para estarem prontas a viajar na próxima visita da nave, que acontecerá em setembro, daqui a quatro meses.

Íris Bel



belbuas@gmail.com

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

O despertar de um coração: quando a alma passeia pela vida inspirando amor!

PARTE 1

Ela é seu nome!

Uma mulher de fibra e personalidade forte.

De vida simples, tinha seu estado, Rio de Janeiro, como a cidade mais linda e bela para se viver.

Ela tinha sonhos e projetos. Em seus planos familiares, queria ser mãe pela segunda vez, pois já era mãe de um lindo menino.

Ela, quando engravidou pela segunda vez, tinha 36 anos de idade, jovem ainda!

Quanto ao seu pré-natal, ocorreu tudo bem e, só de vez em quando, sentiu alguns desconfortos com dores abdominais, mas sua médica não demonstrou nenhuma preocupação.

Ela, antes de ter a confirmação de sua gravidez, sentiu-se mal e, quando foi atendida por um médico de clínica particular, foi medicada com uma substância venenosa. Ela, então, disse a esse médico sobre sua suspeita de gravidez e perguntou se a medicação não a faria mal. Ele lhe respondeu que não faria mal algum, mas ela nunca esqueceu desse momento, que a preocupou.

Fora esse ocorrido, sua gestação caminhava bem! Suas visitas ao consultório eram certinhas, os exames não mostraram nada de extraordinário, mas o que ela não sabia era que algo não estava tão bem assim. Sua médica obstetra lhe ocultou algo durante sua gestação. Ela estava feliz e radiante com sua barriga redondinha; era a mãe do momento!

Cuidadosamente, a então mamãe Ela seguiu com as compras do enxoval de seu bebê. Mesmo sem saber o sexo, tratou de não exagerar nas cores, pois queria comprar com exatidão as cores de acordo com o sexo do bebê, que ainda não sabia!

Cada detalhe era importante nessa gravidez, pois Ela não pretendia ter outros filhos. Em seus planos familiares, tinha decidido que dois seriam sua escolha e, por isso, tratou de contratar a cirurgia de ligadura (na época, se falava assim).

“Tudo certinho e decidido quanto ao parto, e seguimos com o enxoval.”

“Dessa vez, eram os tons de parede e móveis do bebê, e a cor escolhida foi marfim, um tom que serve para os dois sexos, neutro.”

E, chegando mais um mês, nova consulta seria realizada. Ela estava ansiosa para saber o sexo de seu bebê. Entre uma conversa e outra com sua médica, finalmente foi revelado à mamãe Ela que seu mundo seria completamente cor de rosa (risos). Ela, então, saiu do consultório bem e com um novo olhar, cor de rosa (risos).

A então mamãe Ela vivia a expectativa de ser mãe de uma garotinha. A escolha do nome também foi feita: Flor foi o nome escolhido.

“Agora, a família estava completa!”

Fez as últimas compras que compuseram o enxoval de seu bebê no tom rosa.

Ela curtiu seus últimos momentos de barriguda, rs. Muitas fotos foram tiradas; os dias e horas eram contados até sua chegada à maternidade, data marcada para sua cesariana.

Recebida pela equipe médica que faria seu parto, Ela se despediu de seu esposo e seguiu para a sala de cirurgia, acompanhada da responsável daquela clínica e da enfermeira.

O momento mais esperado e surpreendente!

Tudo certinho, preparada e anestesiada, mas acordada; “foi assim meu parto”, disse ela!

Flor nascia e, ali, também nascia uma grande preocupação na cabeça de Ela.

Ela não entendia muito bem o que os médicos conversavam, mas era a respeito de sua bebê.

A desconfiança de Ela era certa: sua menina estava bem, mas algo tinha acontecido que preocupou os médicos.

Ela, percebendo a movimentação da equipe médica, perguntou o que tinha acontecido com a bebê, mas eles desconversaram e pediram para ela aguardar até que trouxessem sua neném. Acrescentaram que não seria possível realizar sua ligadura e que a fariam em outra data. Mas Ela, sem noção do ocorrido, queria que o médico realizasse o procedimento assim mesmo, mas não foi possível.

Ela, então, se entristeceu e se preocupou ainda mais.

Sua bebê chegou aos seus braços e Ela a examinou, procurando algo. A princípio, nada viu, mas ela insistiu em procurar e, sem entender, não acreditou no que viu.

Sua neném não desenvolveu parte de um membro em seu corpinho. Ali, as coisas ficaram confusas para Ela.

Ela disse, então: *“Me assustei, pensei que era algo mais grave, mas isso não deixa de ser uma preocupação para mim.”*

Ela ainda estava sob os efeitos da anestesia e estava confusa nas palavras, mas Ela questionou o médico que a visitou na manhã seguinte sobre o porquê de ter escondido a limitação de sua bebê.

Ele nada respondeu, mas deixou a resposta para a médica que a acompanhou em seu pré-natal.

Ela nunca teve resposta de médico algum e preferiu não saber; foi melhor assim.

Ela lembra do dia de sua alta médica e disse que foi complicado, porque estava ansiosa e com uma mistura de sentimentos. Sua pressão arterial alterou e, sendo assim, foi suspensa sua alta. Precisava se tranquilizar para poder ir para casa.

De volta para casa

Já estando em casa, mamãe e filha passavam bem, mas Ela, morrendo de preocupação, vivia um grande dilema dentro de si sobre como enfrentar aquela situação.

As preocupações de Ela eram desnecessárias; sua bebê estava pronta para iniciar uma linda história de vida, que ela ainda não sabia.

As limitações da sua menina a faziam enfrentar um caminho de muitos desafios, porém de vitórias para as duas. As barreiras podiam dificultar a passagem, mas as mãos de Deus eram grandes o suficiente para movê-las do lugar, abrindo passagem. É assim quando fazemos parte dos planos de Deus: não sabemos quais são, mas Ele sabe de todas as coisas. Tudo aconteceu com a permissão d'Ele.

Ela travava uma grande batalha dentro de si. Achava que parte do membro de sua bebê ainda se desenvolveria fora da barriga, mas se decepcionava a cada olhada. Ela ficava imaginando como seria o futuro de sua menina sem uma parte de seu bracinho e sofria por isso.

Ela não pensava em outra coisa, a não ser em achar uma solução que permitisse o desenvolvimento daquele bracinho. Ela, pensando sozinha, dizia para Deus que era só um pedacinho do bracinho que faltava e por que Ele não fazia isso por sua bebê.

Ela, então, orava todos os dias para Deus reverter aquela situação. Os meses se passavam e sua menina crescia, mas o membro, não.

Ela dizia para Deus sobre seu amor por sua menina e que não suportaria ver as lutas que ela enfrentaria, as quais não seriam nada fáceis.

Ela, naquele momento de suas aflições, que eram muitas, se esqueceu de que todas as orações têm respostas, mas, aos poucos, Deus foi mostrando a ela o Seu agir.

Deus estava cuidando e dava à sua bebê condições inesperadas de desenvolvimento e coordenação motora para tudo.

Foi apenas uma questão de tempo para Ela enxergar o que estava acontecendo com sua menina, mas, antes, Ela precisava saber que o membro de sua menina não iria se desenvolver e que Deus não era mágico, e que tudo seria feito do jeito d'Ele, soberano como Ele é, tudo pode fazer.

Ela sofreu por um bom tempo, por pensar do jeito dela e agir conforme seus desígnios e impulsos. Escolheu o caminho mais difícil por falta de conhecimento da Palavra do Senhor.

Sua jornada se tornou um caminho de angústia e sofrimento, pois começou a cair a ficha de que não estaria em suas mãos a solução daquele problema. A palavra “desistir” não fazia parte de seu vocabulário, mas não tinha outro jeito a não ser aceitar as condições limitadas de sua neném.

Momentos de reflexão: o alívio da alma!

Ela refletia em alguns momentos, observava o crescimento de sua neném, mas não conseguia enxergar o avanço em sua coordenação motora. A neném já estava crescadinha e não era mais aquele bebê frágil; seu desenvolvimento demonstrava agilidade, mas calma aí, ela não é uma super bebê (risos), e sim muito esperta nas suas tentativas de engatinhar.

Ao contrário do que pensava sua mãe, que via os obstáculos crescerem diante de sua menina, a dificuldade de engatinhar da bebê era quase inexistente, pois essa fase quase não existiu. Acho que ela sentia incômodo nas suas tentativas e, por isso, buscava ficar em pezinha, bem pertinho do peito de sua mãe, pois sentia segurança para dar os primeiros passinhos.

É, as tentativas eram muitas e o desequilíbrio não a assustava, mas sua mãe tremia de medo.

Ela era uma mãe que zelava pela segurança de sua menina e quase não a soltava de seu colo, mas o tempo estava pedindo para soltá-la. Sua menina crescia e seu peso aumentava também. Era chegada a hora de sua mãe deixar as coisas fluírem naturalmente; sua menina precisava mostrar seu desenvolvimento motor.

E assim foi acontecendo, quase como um milagre, Deus cuidando de cada momento de seu crescimento. Parecia que Ele a segurava pelas mãos. Em suas quedas, parecia que eram amortecidas, pois foram muitos tombos até ela se firmar de pé. Sua primeira fase, por não engatinhar e logo andar, mostrava à sua mãe que ela podia mais. Era engraçada nas suas caretas pós-tombos (risos).

PARTE 2

Fase dois, e lá vem a insegurança de Ela. Era a fase escolar, que também a preocupava, mas sua menina se saiu muito bem nos primeiros dias. Com essa fase, vieram as brincadeiras, as amizades de sala de aula; algumas não duraram nada, outras permanecem até hoje.

Sua infância veio cheia de novidades, e ela mostrava à sua mãe que tudo estaria bem dali em diante. Seu desempenho escolar era bom e seus relacionamentos com a turma do colégio eram de união.

Ela se surpreendia com a desenvoltura daquela menina, que aos poucos saía da fase de infância para a pré-adolescência. Tudo estava passando muito rápido, e Ela estava se conscientizando de que suas preocupações foram desnecessárias, que suas noites sem dormir a levaram à exaustão, causando tristeza e fazendo com que não aproveitasse os dias maravilhosos daqueles momentos pós-maternidade.

A adolescência de sua menina mostrou à Ela, sua mãe, o quanto o tempo tem nos ensinado. Nós duas aprendemos juntas, com dificuldades e desafios gigantescos, momentos delicados que só nós duas vivemos e sentimos. Não é porque sua menina não engatinhou que as coisas foram tão fáceis assim. O esforço era dobrado para não desistir.

Ela, sua mãe, não podia mostrar um espírito de fracasso, pois sua motivação vinha daquela menina pra lá de especial, seu maior exemplo de superação e força.

Deus usava sua menina para mostrar sua capacidade intelectual e motora, com todas as condições normais para seguir em frente. Os caminhos já estavam preparados por Ele, Deus. Ele

sabe de todas as coisas, e o que elas não sabiam era que, além de difícil, também seria promissor.

“Aqui está esta jovem mulher com resultados positivos”, disse Ela!

Ela enxergou o que não via antes, pois suas aflições bagunçaram tudo por medo, deixando as possibilidades daquela menina distantes de serem alcançadas naquele momento. Fui tola por não aproveitar aqueles momentos únicos. *“É, deixei passar e não tive como recuperar”, disse Ela.*

Ela estava se libertando de tudo o que a oprimia, via um novo ciclo se iniciando e novos caminhos para serem trilhados.

Aquela menina se tornou uma mulher de fibra e forte o suficiente para atravessar desafios, onde seu maior compromisso era mostrar para ela mesma e para sua mãe que podemos mais do que imaginamos e, se nascemos conforme a vontade de Deus, com limitações, Ele nos completa naquilo que nos falta.

Tendo esforço, um ponto de vista e uma razão maior, aquilo em que acreditamos aumenta a capacidade de alcançar nossos objetivos.

Era assim que sua filha, de nome Isadora, descrevia sua rotina, demonstrando tranquilidade à sua mãe, de que tudo ficaria bem! E que seus cuidados, embora exagerados (risos), nos serviram de grandes lições. Aprendemos juntas sobre o amor libertador, aquele que vem de Deus e nos ensina moderadamente a amar e ser amada(o), ensina a andar sem medos e sem culpas. E o melhor de tudo isso!

Foram as lições na prática, um aprendizado adquirido ao longo da caminhada. Por uma experiência individualizada e única, que valeu a pena.

No fim, Ela herda uma recompensa de valor único e incomparável. Sua filha vence as batalhas que possivelmente as impediriam de atingir seus objetivos, como o medo e a timidez, que poderiam bloqueá-la para o mundo. Isso não aconteceu!

Pois é ela que contribui e ajuda sua mãe a desenvolver possíveis histórias como essa. Isadora está a um passo de se formar como nutricionista, uma guerreira que ajudou sua mãe a descansar no Senhor e a esperar n'Ele o Seu agir, para um novo ciclo recomeçar.

Uma história real de Íris Bel.

FIM.

Refletir sobre a história de Ela é imaginar o quanto ela sofreu antecipadamente por um futuro ainda distante de sua filha. Os obstáculos, como preconceitos e outras atitudes inesperadas que possam ocorrer, podem até tentar te derrubar, mas a fortaleza que existe dentro de você é capaz de te levantar mais forte do que você imagina, porque Deus a fez forte!

Quantas mães de filhos com necessidades especiais, talvez maiores que uma simples limitação, existem por aí? Muitas!

E, como mãe de uma filha com limitações, sofri por medo da maldade do mundo, mas ela me fez olhar para Deus e confiar n'Ele em Seus cuidados, pois é o melhor cuidado que alguém pode ter. E, se você tem um filho (a) com necessidades especiais, aprenda a descansar no Senhor, se liberte do medo e aproveite o melhor da vida, que Deus fará por você o mesmo que Ele fez por mim.

Confie, e Ele lhes trará paz!

Isabel Cristina Maria Ferreira Buás.

José Arildo Vieira



josearildo@hotmail.com

Araucária – Paraná

A População Mundial Terá Mais Saúde

Povos da floresta

Que sofrem a invasão,
Gritam com suas vozes:
Parem com a destruição,
Não derrubem as árvores.
Estrelas brilham no céu,
A lua com sua cor de prata.
Brilha, clareando as estradas,
E as matas para o ser humano e os animais.
Quando o homem sem vergonha,
E sem amor no coração, incendeia a derrubada,
Ou coloca fogo na plantação para plantar capim,
Ele não sabe o tamanho da destruição que fez,
Queimando as matas, as flores, as árvores medicinais,
Que seriam estudadas para produzir remédios, perfumes,
Temperos ou ervas naturais,
Para a cura de doenças infecciosas e terminais,
Além de matar a fauna, a flora e os animais.

Florestas e serras

Na respiração da floresta e das serras,
O planeta encontra o que precisa.
Cada árvore que cresce na terra
Fortalece o pulmão do mundo.
Da água, e o som do barulho,
Mistura de redemoinhos e corredeiras.
A natureza guarda no coração

O segredo eterno da criação.
Canto do pássaro,
Canta o dia todo na mata.
Melodia simples, que encanta.
Quem o escuta nunca esquecerá.
As árvores que crescem,
Árvores vivas a embelezar a terra.
Se o homem as trata, a beleza é maior,
A natureza viverá muito mais.
Chuva que cai na terra
Lava as folhas das árvores e corre no chão.
Cada gota é bem que cai,
Cada rio, uma alegria para a população.

A dor na terra

O ser humano, derrubando as árvores...
Quando a árvore cai ao chão, será que não sente
Que, ao derrubar uma árvore, ele está destruindo a
natureza?
Só parando as máquinas teremos esperança
De que a população mundial terá mais saúde.
Os ribeirinhos que sofrem a invasão
Gritam com suas vozes: parem com a destruição,
Não derrubem as árvores, não destruam o planeta TERRA.
As árvores seguram os ventos fortes, muitas são medicinais,
E, na ignorância do ser humano, que muitas vezes é
analfabeto e não sabe ler,
PARA LER E VER o valor das matas,
ANALFABETOS DE LEITURA.

Noite escura

Estrelas brilham no céu,
A lua com sua cor de prata.
Brilha, clareando as estradas,
As matas para o ser humano e os animais.
E temos o ser humano que não respeita nada.
Faz roçada onde não deve,
Faz derrubadas onde não deve,
Coloca fogo onde não deve,
Planta onde não é seu.
E tudo isso acaba interferindo nos povos das florestas,
Que sobrevivem com o catar de castanhas,
Com o caçar peixes para sua alimentação.
E acabam destruindo o líquido mais precioso da TERRA: a
ÁGUA.
O homem sem brio e sem conhecimento do valor da
natureza para a humanidade.

Queimadas e destruição

Quando o homem sem amor à terra,
E sem amor no coração, incendeia a derrubada,
Ou coloca fogo na vegetação para plantar capim,
ELE não sabe o tamanho da destruição que faz.
Queimando as matas, as flores, as árvores medicinais,
Que seriam estudadas para produzir remédios, perfumes,
Temperos ou ervas naturais,
Para a cura de doenças infecciosas e terminais,
Além de matar a fauna, a flora e os animais.

Reflexão em pleno ano de 2026

Na respiração da floresta e nas serras,
O planeta encontra o que precisa.
Cada árvore que cresce na terra
Será muito mais o pulmão do mundo.
De água, união do barulho,
Mistura de redemoinhos e corredeiras.
A natureza guarda na vegetação
O segredo eterno da criação divina,
E o HOMEM sem brio destrói o que vê pela frente.

Canto dos pássaros

Cantam o dia todo com expressão de melodia simples,
quase um barítono.
Pássaros cantam na sombra da mata.
Hoje, é criminoso quem os assassina.
Quem os escuta nunca os esquece.
Cada canto, lindo demais.
Da beleza criada por Deus para enfeitar e alegrar o ser humano,
Com suas cores lindas e seus cantos que encantam o mundo inteiro.

Árvores lindas

Os trabalhadores da terra, quando plantam árvores, sabem
que elas crescem.
Árvores vivas a embelezar nossas florestas.
Se os homens as tratam, suas belezas aparecem.
A natureza viverá muito mais entre morros e serras.

E as pessoas, a nível mundial, terão mais proteção contra ventanias, tufões, furacões, enchentes, alagamentos e destruição em geral.

Mas existe um segredo que as pessoas não conhecem,
Principalmente sobre as árvores ornamentais:

Não deixar que elas ultrapassem os fios de comunicação nas cidades,

Assim elas não apodrecem suas raízes e não caem facilmente,

Matando pessoas, destruindo casas, apartamentos, escolas, carros

E, muitas vezes, destruindo a rede de energia elétrica.

Chuva que cai na terra

Lava as folhas das árvores e corre pelo chão.

Cada gota é bem que cai, cada rio, uma alegria para as nações.

Mas, quando cai em local sem preservação, é certa a enchente e a inundaçãõ,

Alagando cidades e destruindo casas, prédios e comércio em geral.

Culpado: o ser humano, sem cuidado e sem prevenção.

A dor na terra

O trator com sua corrente é a dor que as árvores sentem
Quando a árvore cai ao chão.

Só parando as máquinas teremos esperança

De que a população mundial terá mais saúde.

Poucas pessoas sabem que, na maioria das grandes fazendas,

As matas são derrubadas com tratores e seus famosos correntões,

QUE DERRUBAM TUDO PELA FRENTE, FAZENDO A MAIOR DESTRUIÇÃO.

E, quando as folhas secam, incendeiam tudo.

Não querem saber se tem madeiras de lei ou medicinais.

Destroem tudo, são piores que animais selvagens.

José de Almeida



jmarioptu12@gmail.com
Paracatu – Minas Gerais

Poesia Rima com Alegria!

Aurora do Dia

O sol começa a nascer,
E no horizonte se vê
Um show de luz e cor,
A aurora é o grande amor.

O céu que antes estava negro,
Aos poucos vai se clareando,
E num instante é só deslumbre,
Um espetáculo de encantamento.

Os raios de sol começam a chegar,
E tudo resplandece de beleza,
A natureza começa a despertar,
Numa canção de pura nobreza.

A brisa da manhã é suave,
E traz um aroma tão singular,
De flores e de vida que se agita,
E neste novo dia vai se manifestar.

A aurora nos traz uma mensagem,
Que o novo dia é uma oportunidade
De transformar o que está errado,
E fazer nascer a felicidade.
Que no amanhecer da vida

Nós possamos lembrar
Que somos capazes de nos renovar,
E com a aurora poder sempre contar.

Nas asas da poesia

Nos versos, eu desvendo meu ser,
Minha essência transborda, pronta para renascer,
Cada estrofe é um chamado para se apaixonar,
Um convite à reflexão, a se emocionar.

E assim sigo, nas asas da poesia,
Liberando dos meus lábios a melodia,
Palavras que fluem como um rio caudaloso,
Carregando para longe o peso doloroso.

A poesia é o refúgio que me acolhe,
Onde as lágrimas e sorrisos compõem a sinfonia,
Cada verso é uma página da minha história,
E, nesse universo, encontro minha glória.

Ah, como é sublime essa arte intangível,
A capacidade de transformar o invisível,
A poesia é a porta para o mundo interior,
Um convite a explorar o vasto esplendor.

Passo a passo, na métrica dos versos,
Revelo as dores e os amores dispersos,
Cada rima, cada ritmo, uma essência única,

Emaranhando minha alma numa teia mística.

Na tessitura da poesia, encontro minha paz,
Na delicadeza das palavras, minha voz se desfaz,
E assim me entrego à doce entrega,
Na dança das palavras, me encontro, me refaço.

Que os versos ressoem no coração de quem lê,
Que encontrem acalento em tempos de dor e fé,
Que a poesia continue a ecoar em melodias,
E encontre morada nas mais profundas sinfonias.

Nas páginas em branco, desvendo meu ser,
Me deixo guiar pelo fluxo do meu próprio viver,
Na poesia encontro minha mais verdadeira face,
E assim sigo, em busca de amor e graça.

Entre Ruínas e Lembranças: dos Becos Desvanecidos

Entre ruínas da minha cidade, as lembranças
De tantos becos desvanecidos,
Procuro as histórias e esperanças
De tempos já esquecidos.

Naquelas manhãs ensolaradas,
Sempre a vida pulsava forte,
Nas ruas estreitas de pedras calçadas,
O intenso amor era suporte.

Nas cinzentas tardes de chuva fina,
Os becos se enchiam de vida,
Amores em cada esquina,
Numa dança colorida.

No entardecer tristonho e sereno,
Quando os amores se encontravam,
Escondidos em cada beco pequeno,
Histórias se revelavam.

Mas o tempo, implacável,
De pronto levou os becos consigo,
Algumas lembranças, inabaláveis,
Ficaram como um abrigo.

Marcas de tantos amores vividos,
Dos muitos becos da minha cidade,
Vivem intensos e esquecidos,
Como a brisa da saudade.

Hoje restam apenas memórias
Dos becos que não existem mais,
Das pessoas e suas histórias,
Levadas pelo vento, pelos ais.

Saudosas lembranças guardadas
Nos cantos do coração,
Dos becos, das pessoas amadas,
Na minha eterna canção.

Pequena Crônica

A Arte do Silêncio: Descobrindo a Beleza do Som que Não se Ouviu

No tumulto da vida cotidiana, nas batidas incessantes dos ruídos urbanos, há um tesouro escondido, um segredo profundo que muitos não ousam desvendar. É o domínio do silêncio, um reino de tranquilidade onde a música da serenidade reina suprema. A arte do silêncio, como uma delicada dança entre a ausência de som e a presença do vazio, desperta nossa sensibilidade auditiva para um novo horizonte de beleza e contemplação.

Em uma sociedade onde o som se tornou uma constante opressiva, esmagando nossos sentidos com ruídos constantes e intrusivos, é vital resgatar o poder do silêncio. Nosso mundo moderno é regido por alaridos e estridências, privando-nos da capacidade de apreciar a melodia oculta que se esconde nas pausas, nas entrelinhas do nosso ambiente sonoro.

Como um pintor impressionista, nós devemos transcender o óbvio e nos aventurar nas sombras da vida, onde o silêncio se torna a nossa tela em branco. É nele que encontramos a riqueza de um mundo ainda não desvelado, onde os sons escondidos possuem um significado mais profundo. Como pinceladas suaves de um arco-íris noturno, a música do silêncio nos leva a um estado de contemplação, onde podemos nos conectar com nosso interior e com o mundo à nossa volta.

No romantismo do silêncio, somos envolvidos em uma sinfonia dos sentidos, onde cada respiração ganha vida e cada batida do coração é uma percussão sutil. É nesse espaço silencioso que os sons que não se ouvem encontram uma segunda chance,

uma oportunidade de serem redescobertos. Eles se unem em harmonia, como amantes em uma dança íntima, criando uma melodia única que toca nossas almas mais profundamente do que qualquer sinfonia grandiosa.

A arte do silêncio nos desafia a ouvir o som do nada, a encontrar beleza nas ausências e significado nos intervalos. É uma viagem ao âmago de nós mesmos, onde encontramos a paz e a compreensão que tanto buscamos. No silêncio, somos convidados a desligar os ruídos externos e lembrar que, no fim das contas, a essência do nosso ser é música em si.

Como grandes artistas impressionistas e românticos, devemos abraçar a melodia do silêncio, permitindo que ela guie nossa criação e inspire nossas vidas. É através desse delicado fio condutor que navegamos entre as notas mais sutis do nosso mundo, e é nele que encontramos o verdadeiro significado da beleza e da arte.

Então, eu vos convido, caros leitores, a se aventurarem no êxtase do silêncio, a abraçarem a arte que há em cada pausa e a descobrirem a melodia oculta que rodeia nossas vidas. Permitam que o silêncio os conduza a uma jornada transcendente, onde a música do nada se torna o eco do nosso próprio ser. Na arte do silêncio, mergulhem e encontrem a beleza do som que nunca se ouviu.

Jucemar Luz



jucemarluz.escritor@gmail.com

Irani – Santa Catarina

Uma Vida de muitas Conexões

(Conto — ficção histórica)

Nossa história tem início nos campos do meio-oeste de Santa Catarina, na mata verde, onde o sol brincava de esconde-esconde com as copas de grandes árvores. Nas profundezas daquela região distante, a luz do nascer do sol se espalhava entre elas. Em uma época em que o nascimento era regido sempre por uma parteira, já que não havia hospitais ou rede de saúde por léguas de distância. Estas eram algumas características dos locais de nascimento dos irmãos: Tere, Dete, Jura e Juce.

Quando se viam clareiras, eram os locais das pequenas plantações e dos poteiros que abrigavam alguns poucos animais, que ajudavam na alimentação com o leite e a carne. Na verdade, eram pequenos pedaços de terra onde a tranquilidade e a simplicidade prosperavam. O ar estava repleto do perfume de flores e, assim, eles sentiam uma alegria contagiante toda vez que se aproximavam e entravam na mata. Este sentimento difere de tudo que temos atualmente; é como se a natureza os estivesse recepcionando, abraçando, conectando.

A mãe, dona Erência, com suas mãos calejadas pelo trabalho árduo na roça, arando a terra e ajudando na produção dos alimentos. Seus olhos, cansados ao final da tarde, percorriam a extensão da roça — um mar de esperança que ela cultivava com amor e dedicação — além de cuidar da casa, dos filhos e de toda a organização necessária para que o dia a dia da família fosse mais feliz e tranquilo.

O pai, seu Geroni, era um homem de poucas palavras; encontrava na natureza seu maior recurso de expressão, plantando sua produção de milho, arroz, feijão e as miudezas que precisava para manter a família. Seus olhos brilhavam ao se deixarem absorver pela imensidão dos campos e das matas; suas mãos calejadas de trabalho moldavam a terra com o cuidado que saía de sua alma. Um tempo depois, começou a trabalhar com o nono Luiz fazendo muros de pedra, conhecidos como taipas — inclusive a gruta e os detalhes na frente da igreja da comunidade. Com o passar dos anos, o pai começou a trabalhar no plantio de eucalipto e houve mudança de local da moradia, mas as características da família foram preservadas.

A casa era de madeira, sem nenhum detalhe, muito simples, mas era o centro, o coração da família, onde tudo se conectava. O cheiro do pão quentinho que saía do fogão a lenha se misturava ao cheiro da madeira queimando; isso criava uma atmosfera aconchegante. O círculo ao redor do fogão a lenha era formado pela mãe, sentada próxima do pai, e completado com os filhos. Assim, o fogão era uma espécie de altar unindo a família, pois era o lugar mais quente da casa e todos se sentiam aquecidos. Era o local das conversas e contação de histórias, principalmente sobre as lendas e mistérios que cercavam os locais que conheciam, além dos ensinamentos que eram repassados por eles, de como deveríamos agir de acordo com cada acontecimento. Tudo era previsto, pois as ações eram rotineiras, de certa forma fáceis de serem ensinadas. Nestes momentos aprendíamos muitas coisas, envolvendo amor, dedicação ao trabalho, esforço na escola, honestidade, ajuda e perseverança. Tudo isso conectava a família de forma extraordinária.

Nas noites, a completa escuridão parecia ser assustadora. Felizmente, em casa havia um candeeiro movido a querosene. Então, a luz do fogão a lenha se juntava à luz do candeeiro, e grande parte da vida noturna acontecia ali mesmo, em grande ritmo de união.

Durante o dia, os filhos passavam horas ao ar livre brincando na clareira, construindo cabanas de galhos, perseguindo borboletas coloridas e ouvindo o canto dos pássaros, correndo de pega-pega, brincando de esconde-esconde. Na verdade, tínhamos um parque de diversões a céu aberto e gratuito, onde praticamente tudo era permitido. Em alguns momentos, se juntavam os filhos dos vizinhos próximos — normalmente parentes — e se organizavam para subir nas árvores, caminhar pelos córregos e pequenos riachos com suas águas limpas, e principalmente desvendar os inúmeros segredos que a natureza escondia.

Por isso, as clareiras das roças eram locais de encontro entre os moradores, que se reuniam em momentos especiais para ajudar na roça do outro e assim sucessivamente. Como a simplicidade reinava nos locais, em outros momentos as famílias se reuniam para fazer o filó, o pixirum, juntando-se para conversas em família, rezar o terço, fazer planos e planejar o outro dia. Tudo parecia muito simples, apesar da dificuldade para sobreviver.

Com o passar do tempo, o trabalho no plantio de eucaliptos rendeu ao pai uma proposta de trabalho na cidade de Concórdia – SC, para produzir as mudas de eucalipto no viveiro da empresa Sadia S.A. Isso fez a vida tomar outros rumos, e a família foi morar em um lugar mais aberto, amplo, perto de uma estrada geral, da escola e da igreja. Nesta região podiam ser vistos alguns veículos da época, que mais pareciam monstros de metal, rugindo alto e

soltando muita fumaça. Era um local com um pouco mais de barulho e muito mais pessoas, o que criava um certo agito diferente do costume.

A família não ficou muito tempo nesta cidade, pois o pai teve uma nova oportunidade de trabalho, mas houve a necessidade de se mudar novamente. Voltou a apreensão que tomava conta de todos: como seria o novo lugar? A mudança foi feita em um caminhão da época e, um pouco antes de chegar à casa, já víamos um belo lago, que chamávamos de açude. Este seria um dos locais para admirar, brincar na água e pescar. Na nova casa, tudo era diferente. Era o padrão Sadia S.A., com um grande e bonito gramado na frente, convidando para as brincadeiras ao ar livre. O cenário era o mais belo que tínhamos visto até então em nossas moradias.

Aos poucos, as coisas foram melhorando e, mesmo sem perceber, as camas antigas foram substituídas por outras mais confortáveis; o fogão a lenha passou a dividir o lugar com o fogão a gás; o candeeiro foi substituído pela luz elétrica.

A escolinha era distante, mas o caminho até ela era uma diversão. Como não havia transporte, o trajeto era feito a pé e, enquanto caminhávamos, outros colegas de aula iam se juntando ao grupo. E assim se passavam os dias: faça chuva ou faça sol, lá estávamos em direção ao futuro. Continuar aprendendo as letras, juntando palavras que se transformam em frases e textos. A emoção da escrita e da leitura tomava conta de nós em cada nova fase da vida e de crescimento escolar.

Enquanto isso, agora o pai trabalhava na supervisão do plantio de eucalipto. Continuava em contato com a natureza que tanto amava, enquanto a mãe, sempre dedicada, cuidava da família

com carinho, fazendo suas roças, cuidando da lavoura, da manutenção da casa.

À noite, os filhos, deitados em suas camas, olhavam para aquele escuro silencioso e sonhavam com um futuro mais brilhante. Cada um com seus ideais, pensamentos e utopias. Eles sabiam que podiam contar com o apoio de seus pais, e estes percebiam que seus filhos poderiam realizar seus sonhos, porque dedicação não faltava a nenhum deles.

Os dias passavam com simplicidade, direcionando-os por caminhos de descobertas. O cheiro da terra úmida após a chuva, a movimentação dos pássaros, o sabor da fruta colhida no pomar — cada momento criava uma sensação especial e, sem dúvidas, ficou registrado em seus corações. A escola era a oportunidade, um portal para novos mundos; a catequese, um refúgio para a alma; e a natureza continuava sendo um parque de diversões infinito. A cada dia que passava, sentiam a leveza da adolescência, os desafios da juventude e a esperança de um futuro melhor. E assim foram crescendo, amadurecendo e tendo experiências particulares, de forma natural e tranquila.

Como o tempo passa... aqueles jovens se tornaram adultos, constituíram suas famílias e sempre buscaram viver seus dias da melhor forma possível. Todos eles enfrentam suas dificuldades particulares, mas aproveitam cada momento para aprender e evoluir como pessoas.

Atualmente, cada um deles segue sua vida da melhor forma possível — e outra característica os conectou. Cada filho trabalha em setores ou locais diferentes, mas todos seguem ajudando pessoas: seja no comércio, na saúde, na assistência social ou na educação. Essa conexão não é por acaso; é um dom que cada um

exerce com muito carinho e atenção ao semelhante, pois a maior herança que podemos deixar para nossos filhos é o exemplo de uma vida dedicada aos outros, vivendo dias de superação na região do Berço do Contestado.

K. R. F. Souza



keniarosa4@hotmail.com

Varginha – Minas Gerais

Donzelas à espera

O inverno perdeu seu ar superior.

Ah, sim, teremos flores na primavera, dizia assim a jovem curiosa na janela, ouvindo aquele que vem lá na esquina, com lindas flores amarelas, mais entusiasmado que a donzela à espera.

Na espera que nada, flores pra que servem, só amargura de serena.

Ai, ai, quantas sandices dessa prenda, dizia assim Elena, que tinha em mente outra cena.

Teremos flores, sim, no verão, muita curtição, como é linda todas as manhãs, com um sol preguiçoso, mas aquecendo a todos, dizia a curiosa tentando amenizar a cena.

Oh! Elena tão pequena e já discordando da verdade, mas o que seria da mentira se não houvesse a verdade?

O rapaz vem e distribui a sena, e desce e sobe a bela Serena, lava, passa e cozinha e sai de cena.

Logo a curiosa chega: Ah! Como tem sorte a doce Elena, e pasme, querida Serena, olhe a magnífica joia no dedo de Elena, teremos, sim, flores e bailes, e você, se não fosse tão marrenta, teria a sorte de Elena.

Serena sorri e disse toda plena:

A primavera não precisa sorte pra liberar as flores, nem o outono permissão pra se livrar das folhas, o que é destinado está a caminho, toda estação tem seu encanto.

Revelações do vento

Te vi ali sentado, e observei do alto da montanha, te vi pelas brechas do tempo e tinha algo a mais, saíam flechas de luz, então o tempo parou e observei você. Tinha tristeza e alegria, sono e agonia, observei mais um pouco e pude ver que era humano, perfeito como toda criação de Deus, não era um anjo, porém se assemelhava a um. Tinha a mente perturbada e confusa, tinha dor e pedia a cura. Ah! Louvado seja o criador e suas criaturas, não tenho formas como tu, posso te ouvir, não posso te curar, mas posso levar para aquele que cura, você não me vê, mas eu te vejo e você me sente.

Sábio

Oh! Céus, que dá vida aos maus, imaculou o bem, perpetuou o humilde, que todos detêm, subtraia e aquieta os sonhos, abra-se o mundo, dê um lugar na sombra de quem vem, apaga os insultos, tu que não reconhece aqui e bane de dentro, pois não é digno, não é propício, o mal vence, porém não permanece, tolos são tolos e somente isso, nunca entenderam que a mente é como o universo, livre, grandioso, sem fim, tenham olhos e ouvidos não pra alimentá-los, mas pra que eles te renovem, seja sua boca entrada e saída de bons fluidos.

O sentido

A razão da existência contesta o valor humano, questiona o conhecimento, dá forma à invenção.

O saber do viver viola a lei do nunca.

Saber calar, saber ouvir, enxergar com o coração.

Quem encontrará o sentido, quem o viu?

Ela existe, está lá, bem no fundo, mas... quem o viu? Quem ouviu?

Não leve tão a sério as coisas do mundo!

Não siga o exemplo do sentido, que contém várias setas.

Não existe regras reais.

O sentido irá para a imortalidade, tão solitário como o anoitecer, misterioso como a morte e sublime como a vida!

Siga seu coração, cuja seta deva ser sempre o amor.

Saber viver, eis aí o sentido!

Dias que se vão, dias que vêm, e aonde queremos chegar?
Dias normais, outros nem tanto. Talvez eu queira um sentido pra tudo isso.

Pouca miséria, muito amor;

Ou talvez algo que nos faça sentir melhor, um abraço amigo, um olhar de irmão.

A vida é semelhante a uma brisa que passa acariciando e deixando um arrepio leve, às vezes forte, mas passa.

Sentido da vida? Vai ser eterno.

Um sentido pra viver bem a vida, são muitos.

Que saibamos

O belo se torna eterno, talvez eterna se torne a dor!

Nas carícias ao comodismo,

Na falta de amor! Sondagem, um equívoco, deprimente.

Insultante.

Aonde nasce o sol? O sol não nasce, sempre está lá! Eternas são as estrelas, que também não nascem como o sol! Apenas morrem e se fundem.

Mortas estão as carícias, que nunca foram eternas, essa sim nasce, se fosse eterna como o sol e as estrelas.

Essa sim seria dor!

Liberte o que está secreto dentro de ti, aprenda a chorar e também a sorrir.

Liberte as flores de seu jardim, aprenda a filtrar pessoas, passando pelo deserto, pelo sucesso e pela desgraça.

O sentido 2

Estranho dizer, apavorante pensar, um sentido pra vida todos irão encontrar, dias que vão, dias que vêm, e aonde queremos chegar, dias normais, outros nem tanto, talvez eu queira um sentido pra tudo isso, pouca miséria, muito amor, ou talvez algo que nos faça sentir melhor, um abraço amigo, um olhar de irmão.

A vida é semelhante a uma brisa que passa acariciando e deixa um arrepio leve, às vezes forte, mas passa.

O sentido da vida é eterno, tantos se foram tentando 129otmail129-lo, viver bem a vida faz parte do sentido tão somente de cada um.

É como navegar em sonho, um orvalho que não seca com o sol, como a brisa da manhã de outono expulsando suas folhas e renovando-as.

Intenso, sublime como árvores frutíferas, fascinante como pássaros em seus ninhos e os cuidados com seus filhotes, envolvente como a noite estrelada,

Sabe reconhecer nos gestos a bondade, não enxerga o terror,
é compreensivo, não se ausenta na dor e é presente na alegria.

Confusa mente

A vida nos reserva caminhos que, muitas vezes, as escolhas
que fazemos são cruciais.

Sempre te amei, nunca te vi de tão perto, a soma exata eu e
você, estupidez talvez, o único e primeiro amor, o que vem lá de
tão distante, vem do mundo deslumbrante, distraindo a pureza, o
que importa é o sentimento, nunca havia provado facilmente, livre,
verdadeiro é diferente, bom, ingenuamente muito carente, porque
se cala, fala o que sente, grite, lamente, diga algo a esse mundo
carente, que nunca mente. O verdadeiro amor está na simplicidade
de gestos, coragem e renúncias, o amor de fato constrói e não
destrói.

Se o caminho que escolhemos não nos trouxe esse amor, é
porque o coração não estava lá.

Escuridão

Preciso achar as palavras, vou 130otma-las em meio a juras
e consolo.

Definitivamente o vento não trouxe a paz;

Não é azul, está longe de qualquer cor, chegando perto do
cinza.

Minha alma parece navegar na escuridão, a dúvida
consome e esgota o sono, que chega juntamente quando o sol
brilha, escurecendo o dia!

Nada é verdade, a cortina é de fumaça!!!

O meu rastro se apaga, insanidade e capricho seguem de mãos dadas.

Aonde estava na tempestade,

Aonde estava na escuridão.

Sinto falta de você agora!

Não tenho mais ilusão nem alegria, o que era doce agora amarga.

Preciso achar as palavras, ela se foi quando você adormeceu.

Aonde estava quando eu caí,

Aonde estava quando todos se foram,

Aonde estava quando atravessei o deserto de olhos vendados?

O muro que cerca a realidade acaba de cair, desmoronou e virou fumaça.

Nada mais impede a felicidade, a vida sem amor é como uma gota d'água no deserto escaldante, é como um pássaro sem ninho.

O amor aquece e renova!

Sim, teremos flores na primavera!

Luciana Portella



lscportella@gmail.com
Uberaba – Minas Gerais

Lamento!

Ah! Quanto tempo perdi, todas as vezes em que me levantei muito depois do nascer do sol!

Lamento não ter contemplado a beleza irreproduzível do momento em que o sol, essa bola de fogo, parece tocar a superfície das águas e dos rios...

Se não me atrasasse, poderia ter ouvido, com sonoridade bem mais apurada, as primeiras notas dos pássaros, que parecem fazer fundo, oferecendo um deleite sonoro, como numa orquestra, sobre as árvores e sobre os telhados... Quem sabe... até mesmo poderia ter a grande sorte de ver um tucano, com sua majestosa beleza, num desfile de cores, oferecendo uma visão deslumbrante.

Poderia ter visto, embora também com muita sorte, a construção do João-de-barro antes de arranjar sua “companheira”.

Que felicidade seria se, eu me despertando quanto antes, poderia ter visto a “dança das borboletas”, ziguezagueando nos jardins.

O canto característico dos pardais, dos bem-te-vis, das araras, anunciando um novo dia, ou até mesmo o gorjeio das corujas, que trocaram, estrategicamente, o dia pela noite para caçar em seu horário de sono ou “repouso”. Pode ser que as mais espertas já conseguiram ver, num giro de 360º, o que sua visão lhes permite: essas imagens que provocam sensações inebriantes, de modo a comover até mesmo os corvos e os urubus...

Perdi o grito “estridente”, mas alegre, com sua beleza verde, dos periquitos nas árvores, nas “linhas de transmissão”, contrastando a beleza natural da paisagem urbana.

Lamento não ter percebido tanta beleza nestes cenários espetaculares que nossos olhos podem registrar.

Me culpo por todas as vezes em que não apreciei as rosas, as violetas, de variadas cores, a nos presentear no raiar de um novo dia.

E tudo é tão perfeito, que amanhã será um dia novo, jamais igual a qualquer outro dia em que perdi todo este espetáculo e toda essa sinfonia.

Lições!

Todos os dias, quando se abrem as cortinas, a natureza nos oferece grandes lições, que talvez possamos demorar anos de estudos, em diversos cursos, e não encontremos algo semelhante.

Para compreender tanta coisa à nossa volta, quase sempre nos deslocamos para muito longe, e o tempo passa muito rápido. Há muita coisa despercebida, que nenhuma máquina ou qualquer tecnologia avançada possa nos oferecer.

Sem sucesso efetivo, estão aqueles que não desenvolveram a capacidade da apreciação das coisas mais sutis...

Uma colmeia nos apresenta o mais perfeito modelo de organização social, onde cada indivíduo trabalha para o bem comum da colônia. Não há competição.

As operárias, os zangões e a rainha trabalham, cada um dentro de seus papéis, garantindo a produção do mel, como numa empresa, oferecendo, a quem tenha a sensibilidade de observar, inspiração para encontrar o sucesso nos mais variados setores e empreendimentos.

Tudo nos é oferecido bem perto de nós.

E não sentimos porque nos falta um apurado senso de percepção.

A observação das coisas simples, corriqueiras, está bem à nossa frente, se nos apresenta, e não podemos deixar a oportunidade de reflexão passar.

As folhas das árvores se renovam todos os dias.

A terra bem cuidada nos devolve os alimentos, nos oferecendo frutos e um espetáculo de rara beleza.

As flores estão à nossa vista para nos alegrarem, nos erguerem as esperanças, e o sol nasce todos os dias, como fiel cumpridor de seu papel, para nos garantir a vida.

O dia em que grande parte da humanidade encontrar, na simplicidade a nós oferecida, o seu valor, não se deparará com o insucesso ou fracasso.

O grande sucesso almejado por toda a humanidade está ao nosso redor, ao nosso alcance; e chegaremos à conclusão de que a vida envolve a sincronia entre a observação, a comparação e as posturas humanas diante da perfeição Divina.

Sonho de baile

Me deixei bailar, ouvindo o ritmo do meu coração.

Fechei os olhos e esqueci quem eu era; nada mais importava, ou mesmo existia naquele momento.

Me imaginei com aquele fluido vestido, a rodopiar ao sabor do vento, a ponto de quase me levar em um voo, onde eu, certamente, cairia em meu próprio lugar.

Somos livres no pensamento. O mundo do imaginário nos descortina tons, cores, sabores, aguça nossos sentidos e nos inebria, como se estivéssemos assistindo a um filme.

Teria eu o direito de sonhar um pouco, depois de tanto trabalho para confeccionar aquele vestido?

Sentindo ainda os dedos ágeis, num ritmo diferente do que eu sentia nesse momento, valsando livremente num “pra lá”, dois “pra cá”?!

Quanto encantada eu já fiquei, sem negar que, diversas vezes, me vi no espelho, naquele cenário inebriante e radiante das noivas, prontas para embarcar num sonho encantado.

E a valsa se foi...

E, com meus olhos fechados, tão absorta em meu deleite, demorei a perceber que uma mão me tocava, e um braço me “enlaçava”.

Quando abri os olhos... não sabia se me escondia, ou se fugiria... tamanha era minha vergonha...

E os meus olhos fechados me permitiram o encontro com outro alguém que, como eu, também queria bailar.

Ao final da melodia, quando tudo parou, no meu sonho ficou.

E hoje, retorno ao lugar onde por muito tempo trabalhei, com muita felicidade, para que tantas moças bailassem, se vestissem à altura de seus “príncipes”, para buscar o meu vestido de baile, mas agora, com a diferença de que meu “príncipe” era de verdade...

O meu “fluido” vestido era de noiva, e eu estava de olhos bem abertos e, ao final do baile, iríamos juntos fazer a “promessa”,

assumir o compromisso de nunca, nem jamais, deixarmos o baile se acabar.

Jardins floridos

Quando se penetra no mundo encantado da literatura, não há caminho de volta!

Se permanecer estagnado pelo encanto de uma verdade literária, é sinal de que os olhos, por algum motivo, estão fazendo o coração “bater” mais forte e mais rápido.

Pela mente vão passando letras, estrofes, “verdade que rima” e verdade que não rima.

É possível transformar pétalas em letras, para saber “ler” os jardins.

Os belos jardins existem para que fique registrado perenemente que, dependendo de como entendemos a vida, flores de variadas cores, misturadas, ornamentadas pelo capricho humano, podem simbolizar a paz, a concórdia, a calma e revelar a beleza a quem passa e não tem sensibilidade para observar.

A quem possa perceber, os espinhos em determinadas flores, folhagens, podem significar “proteção”, símbolo de defesa a quem possa agredir, colhendo uma flor que, certamente, tornaria o cenário desarmônico.

As flores emanam perfume, mesmo agredidas, oferecendo grande lição a seus agressores.

O panorama encantador que se forma, este cenário de beleza, tem a capacidade de asserenar mentes e corações.

Quando se oferece, se dedica, uma flor para alguém, ela se torna um oferecimento de reconciliação.

Convencionaram que a flor de cor branca significa paz, e a vermelha, paixão.

É preciso cuidar dos “jardins da vida” todos os dias, para que a beleza permaneça e seja capaz de tocar até mesmo os corações mais empedernidos. E, a esta altura, quem resiste aos campos floridos?

Os botões, ao se abrirem em flores, são como uma “explosão” de tamanha maravilha!

Os jardins fazem soerguer a esperança na vida!

Quando uma rosa se abre saudavelmente, significa que há esperança de um mundo feliz!

Quem olhar com alegria para as flores e se encantar com seu viço e nobreza está garantindo a vida, porque o mundo “para” para quem se sensibiliza com a perfeição Divina.

É preciso cuidar das pessoas com o mesmo cuidado com que se cuida das flores, dos jardins, para manterem a beleza natural e sentir o amor que elas exalam.

E então, da mesma forma com que compramos flores para enviar para alguém, também recebemos a oferta da beleza, quando cuidamos das maravilhas da criação de Deus.

Manoel Guedes Neto (PAPAGUA)



manoel.guedes.papagua@hotmail.com

Recife – Pernambuco

Segredos do Bisavô

Uma região calma, onde a vida no campo reinava soberana. O verde da natureza estava sempre presente. Havia abundância de água, e a chuva era visita constante. Em certos períodos, a brisa dava o tom dos encantos do lugar. Ao olhar para a serra coberta, percebia-se o brilho nos olhos de todos os que ali viviam. Animais, pássaros e a própria natureza pareciam partilhar da harmonia observada pelo senhor Peroco.

— Pai — chamou o pequeno Marquiel. O seu nome lhe fora dado pelos pais por rimar com “céu”, e os amigos costumavam brincar, dizendo que Marquiel havia vindo do céu.

— Sim, filho, diga o que você quer.

— Pai, conte um pouco sobre o rio Papacacinha.

Antes que a conversa prosseguisse, uma voz ecoou pelo espaço: era a mãe de Marquiel chamando todos para o almoço.

Dona Eufalina era conhecida em toda a região por seu conhecimento na cura por meio das plantas. Sempre que alguém do povoado adoecia, ela era prontamente chamada e preparava remédios naturais à base de ervas. E também ajudava nos partos; lá não havia nem parteiras nem médicos.

Depois do almoço, todos se dirigiram ao alpendre da pequena casa. Ali, o senhor Peroco, deitado em sua rede, começou a contar a história que seu bisavô narrara a seu avô e que o seu pai contou.

Marquiel e Dona Eufalina estavam deitados sobre uma esteira. O chão ainda estava frio, e eles gostavam de permanecer ali, de onde se avistava a montanha conhecida como **Asas do**

Gavião. A formação lembrava duas asas abertas, dando a impressão de estar sempre em voo.

— Filho, essa história nasceu de um sonho que o meu bisavô teve e sempre conviveu como se fosse realidade. Ele era sonâmbulo e, de vez em quando, vagava pelos campos da região. Nunca ninguém conseguiu comprovar o que era contado. Muitos diziam que parecia história de pescador.

O meu bisavô contou ao meu avô, que contou ao meu pai, e agora estou contando a vocês.

Certa tarde, ele foi até o rio para pescar. Minha bisavó ficou aguardando seu retorno com os peixes para o almoço, mas ele não apareceu. Os dias se passaram, e todos da vila saíram à sua procura por diversos lugares. Como nada encontraram, além da vara de pescar e de alguns peixes à beira do rio, chegaram a supor que tivesse sido levado pelas correntezas do rio Papacacinha.

A tristeza tomou conta da família do meu bisavô. Até que, numa tarde de domingo, ele retornou para casa. O espanto foi geral. Com voz serena, disse apenas que estava bem e que contaria tudo mais tarde, pois precisava descansar. A notícia de seu retorno espalhou-se rapidamente pela vila, trazendo alívio e alegria. A paz voltou a reinar em sua casa.

Na noite seguinte, sob a lua cheia e um céu intensamente estrelado, os moradores do povoado reuniram-se no alpendre. Foi ali que o meu bisavô contou a história:

Estava à sombra de um pé de mandacaru quando vi a linha da vara de pescar ser puxada com força. Corri, mas, em vez de puxar o peixe, fui arrastado por uma luz brilhante. Caí no rio e segui aquele clarão. Entrei por uma caverna de pedras no fundo do rio e, logo depois, avistei uma linda santa orando numa pequena

capela. Em voz baixa, ela dizia: “Sua jornada continua. Este tesouro que você vê brilhar é apenas uma ilusão. O verdadeiro brilho mora no coração.”

Caminhei pelas ruas que davam acesso à capela. As pessoas passavam, mas não me viam; eu, porém, via todas elas — umas sorrindo, outras cantando. Recordo-me de uma canção que dizia:

“A luz do amor reina pelos encantos da natureza.

A vida segue rumo ao imaginado, Caí nos braços santos.

E segui os meus passos.”

— Tião perguntou:

— O senhor viu algum tesouro por lá?

— Sim, Tião. As ruas eram enfeitadas com pedras preciosas, que brilhavam como ouro. Em cada esquina, havia potes cheios de riquezas.

— Larinda perguntou:

— E o senhor trouxe alguma coisa?

— Não, Larinda. Quando acordei, estava na casa de uma senhora chamada Dona Verdade. Ela me deu alguns mantimentos para que eu pudesse retornar para casa. E aqui estou.

— Filho, essa história atravessou gerações. Muitos, iludidos pela ideia do tesouro, perderam a vida tentando encontrar essa suposta caverna, que, na verdade, não existe. O que há ali é uma correnteza forte quando caem trovoadas, e todo cuidado é pouco.

— Pai, eu acredito no seu bisavô. Às vezes, quando vou até lá ao entardecer para ver o pôr do sol, percebo o brilho das pedras no fundo do rio.

— Filho, até hoje ninguém conseguiu chegar a esse lugar. O que você vê são os reflexos da luz do sol.

Filho, quando você for ver o pôr do sol, vou com você.

Vamos jantar e depois dormir — disse Dona Eufralina —, já está tarde e amanhã tem aula.

Desde então, a história do bisavô do senhor Peroco continua sendo contada de geração em geração.

Epígrafe

Na realidade, o bisavô do senhor Peroco, ao correr para pegar a vara e puxar o peixe, caiu no rio, sendo levado pela correnteza. Acabou sendo resgatado, em estado grave, por pescadores de uma vila distante, filhos de uma senhora conhecida como Dona Verdade. Delirava, tinha febre alta e permaneceu sob cuidados por uma semana. Durante esse período de recuperação, sua mente construiu as visões que relataria mais tarde. Após agradecer profundamente à família que o socorreu, retornou para casa.

Alguns cuidados devem sempre ser lembrados: nunca ir sozinho a lugares desertos, não buscar tesouros onde eles não existem, respeitar os perigos das florestas, ouvir contos, versos e poesias — e celebrar a vida.

Assim, as histórias seguem sendo transmitidas de geração em geração.

História fictícia. Qualquer semelhança com a realidade é coincidência.

O rio Papacaçinha existe e está localizado na cidade de Bom Conselho — PE.

Rio Papacaçinha

O **rio Papacacinha** é um importante curso d'água localizado no município de **Bom Conselho**, no agreste do estado de **Pernambuco**. Ele é um dos afluentes do **rio Mundaú**, que nasce na região e segue em direção a Alagoas, desagando no Oceano Atlântico.

O Papacacinha tem grande relevância histórica e ambiental para Bom Conselho. Suas águas já foram fundamentais para o abastecimento da cidade e para atividades agrícolas e de subsistência das comunidades rurais próximas. No entanto, como ocorre com muitos rios da região, ele enfrenta problemas de **assoreamento, poluição e redução do volume de água**, especialmente em períodos de seca.

A paisagem ao redor do rio é típica do agreste pernambucano, com áreas de vegetação de caatinga e pequenas propriedades rurais. Em tempos passados, o rio também era ponto de lazer e convivência para os moradores locais.

Em resumo, o **rio Papacacinha** é um símbolo natural e cultural de Bom Conselho, representando tanto a riqueza hídrica da região quanto os desafios ambientais que o município enfrenta para preservar seus recursos naturais.

Martivs Bellator



martivs.bellator@gmail.com
Pouso Alegre – Minas Gerais

Contra Tudo e Contra Todos

Nascido em um beco estreito de um bairro esquecido pelo tempo, João aprendeu cedo que o mundo não estendia a mão para os sonhadores. Cresceu ouvindo que seu destino já estava escrito: ser mais um entre tantos que passam a vida inteira tentando, sem nunca alcançar. “Gente como a gente não vai longe”, diziam. Mas João, ainda que contra toda a lógica de um sistema que exclui e marginaliza cada vez mais os desfavorecidos e desafortunados, nunca aceitou essa verdade imposta.

Ainda criança, ao encontrar livros descartados num lixão próximo ao seu paupérrimo bairro, os recolheu e, ao lê-los, encontrou neles um refúgio e, mais do que isso, uma promessa de futuro. Lia escondido à luz de velas, pois a eletricidade em casa era um luxo intermitente. A cada página virada, sentia-se mais próximo de algo maior, de um mundo jamais imaginado. Mas os desafios eram incessantes. A escola era um campo de batalha onde os professores o olhavam com desdém e os colegas riam da sua aparência esvaecida, de seus sapatos gastos, das suas roupas remendadas e de seus cadernos velhos.

Quando completou 12 anos, devido à escassez de recursos de sobrevivência de sua família, precisou dividir seu tempo entre os estudos e um trabalho informal no mesmo lixão onde encontrara seus livros. “Largue essa bobagem de estudar, rapaz, trabalho de verdade é o que enche o prato”, aconselhava um companheiro de trabalho daquele local altamente insalubre, com uma risada seca. João apenas sorria de forma tímida e guardava suas ambições no peito, como brasas protegidas do vento.

Com o passar do tempo e, entre livros encontrados e madrugadas em claro, desafiou cada prognóstico. Evoluía a cada dia, desenvolvia-se intelectualmente no recôndito da sua subjetividade. Aos trancos e barrancos, terminou a sua formação básica, e o que parecia inacreditável se tornou realidade: João foi aprovado em uma universidade pública, contrariando todos os que haviam zombado de seus sonhos. Mas as dificuldades não cessaram. A vida não arrefecia minuto algum. Trabalhou ao longo de anos como ajudante de cargas, garçom, entregador, dentre muitos outros bicos e subempregos para pagar os custos extras da vida universitária. O cansaço muitas vezes se agigantava e ameaçava vencê-lo, mas sua vontade era o seu motor, e a esperança, o seu verbo de ação.

Anos depois, vestido com uma beca que simbolizava não apenas um diploma, mas uma vitória contra o impossível, João olhou para trás e viu toda a sua trajetória percorrida como que num êxtase arrebatador, atemporal. Aquelas dificuldades que pareciam oceanos inavessáveis e montanhas intransponíveis eram agora apenas pegadas na areia, marcas permanentes da sua história. E ele havia vencido. Não apenas os obstáculos impostos pela vida, mas também o peso das palavras que tentaram lhe arrancar os sonhos.

A grande lição de João? O impossível só existe para quem aceita enxergá-lo dessa forma. E ele não aceitou. Em toda a sua caminhada, João jamais se esqueceu das frases lidas em alguns dos livros encontrados no lixão e que marcaram a sua jornada — pensamentos que alimentaram a chama da esperança em sua mente e que fizeram acelerar as batidas do seu coração:

“Se você sente dor, é porque está vivo; se está vivo, então pode lutar; se pode lutar, é possível vencer.”

“Entre o infinito e a eternidade, somente o agora resiste.”

“Esperar contra a esperança é a decisão de quem compreendeu que o improvável não é sinônimo de impossível.”

Maria Aparecida Fernandes Araujo dos Reis



cidareis17896@gmail.com

Praia Grande – São Paulo

Ilusão ou Fantasia?

Nunca pensei que um dia fosse me apaixonar, mas aquele garoto mexeu com meu coração. Bonito, simpático, aquele sorriso, aquela boca, aqueles olhos... tudo nele era perfeito, pelo menos eu achava. Sempre gostei de contos de fadas, encontrar um príncipe lindo e viver felizes para sempre.

Mas descobri que os príncipes só servem para serem lindos e aparecem só no final da história, e ficam com a imagem do herói.

Eu era uma garota sonhadora, e ele, o garoto que eu gostava. Bom... uma garota que não tinha coragem de assumir que gostava dele... Até que um dia esse sentimento não quis ficar escondido e pulou pra fora. E fiz a declaração, começamos a namorar.

Ele entrou na minha vida e a mudou completamente, coloriu de tal forma que não consigo explicar. Cada gesto, cada brincadeira ficará guardado no meu coração. Lembro das vezes que você sumia e eu ficava preocupada e te procurava em tantos lugares, mas meu coração tinha certeza que voltaria, sentia você perto.

Agora também te sinto perto, mas já não tenho certeza que vai voltar, pois a distância entre nós foi ficando cada vez maior, até aquele dia triste que guardo na memória, pois você continua guardado no meu coração.

Ele se foi, me deixando sentada naquele banquinho à beira-mar, simplesmente se foi. Nem ao menos um beijo de despedida me deu. Se foi levando meu coração e deixando o seu.

Quando me aproximei de você, eu sabia que algo havia mudado. Vi sua expressão mudar drasticamente; aquele sorriso lindo que sempre existiu deixou apenas lembranças. Sua cara fechada me fez sentir uma pontada forte, me deixando pior do que eu já estava.

Nunca entendi o porquê, mas sei que doeu. Doeu tanto que achei que meu pobre coração tivesse sido arrancado do peito. Agora tudo acabou, da mesma forma que começou: do nada. Senti meu coração sendo fuzilado e despedaçado em infinitos e minúsculos pedacinhos.

Senti tudo à minha volta mudar. Na mesma hora, o céu que estava no mais puro azul escureceu; as pessoas à nossa volta se transformaram em sombras.

Mas percebi que, ao longo do tempo, os sentimentos se modificaram, e nossa história, que começou como uma brincadeira de criança inocente, que buscava descobrir algo novo, terminou muito rápido, e foi doloroso e letal.

Mas enfim, ele se foi caminhando pela praia. Apenas acompanhei com os olhos cheios de lágrimas, e foi a última vez que o vi...

Fim.

Maria C. Tavares



mc529972@gmail.com

Petrópolis – Rio de Janeiro

Encontrando o Caminho de Volta

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.”

James R. Sherman – Rejection, 1982.

Você já sentiu em seu coração um forte desejo de fazer algo maior, como se todos os caminhos percorridos te direcionassem para esse algo?

Eu sempre gostei de escrever e sempre sonhei em escrever um livro. E as pessoas ao meu redor sempre disseram que eu deveria escrever um livro. Eu comecei bem cedo; aos treze anos já escrevia. Porém, naquela época não possuíamos tantos recursos como os que temos atualmente. Recordo-me que eu não tinha sequer uma máquina de escrever. E era meu grande sonho ter uma máquina de escrever! Contudo, isso não me impedia de compor lindas narrativas. Papel e caneta na mão, sentada na varanda, eu começava a rascunhar.

Eu acreditei tanto que lançaria um livro, que economizei cada centavo para comprar um caderno verde de capa dura, fazendo dele o meu esboço, o início da minha obra literária. Ah! Quem me dera ter guardado aquelas anotações. Lembro-me de que ali escrevi textos bem emocionantes, típicos de quem está na fase das grandes descobertas.

O período ao qual me refiro relata uma época em que não havia essa infinidade de informações ou distrações, nem tampouco tínhamos acesso à internet. E, para ser bem sincera, eu nem sabia o que era internet. Então, o meu passatempo predileto era “escrever o meu livro”.

Bom, como podem imaginar, as páginas desse livro nunca foram concluídas; as linhas nele escritas também não foram lidas por muitas pessoas, apenas por alguns amigos, daqueles mais chegados, que a gente sempre pede uma opinião.

O tempo passou, comecei a trabalhar, precisei ter mais responsabilidades. Faltou tempo para sentar na varanda e me dedicar às “futilidades”, como alguns se referiam ao meu interesse pela escrita. Tornei-me adulta; até tentei rascunhar algumas coisas nesse período, porém, sem muito êxito.

Como uma pessoa qualquer, me apaixonei algumas vezes. Quando a paixão não era correspondida, junto com o sofrimento vinha a inspiração. E eu começava a escrever. Tive ainda a pretensão de comprar um diário e nele lançar informações bem detalhadas; quem sabe, em um futuro próximo, aquelas anotações iriam me servir como base para finalmente escrever o livro.

O tempo passou novamente. Casei-me, constituí família. Nessa época eu ainda estava no Ensino Médio, então sempre que a oportunidade surgia eu ia à biblioteca da escola pegar alguns livros para ler e buscar inspiração para escrever. Não aconteceu. A história não fluiu, as palavras não fizeram mais sentido. Entre a rotina cansativa e os afazeres da nova vida, não demorou muito para que eu mesma pensasse que teria sido um grande equívoco; que, na minha história, esse sonho teria sido apenas mais uma banalidade.

E foi assim que eu rompi com a minha “possível” carreira de escritora. Na ocasião, interrompi os meus estudos, joguei fora o diário com as anotações e encerrei aquele capítulo da minha trajetória, dedicando-me ao doce ofício de ser mãe, esposa e administradora do meu lar...

Todavia, caro leitor, onde quer que você esteja, não importa a circunstância, a sua alma irá ansiar por encontrar um sentido ou, como muitos dizem, o propósito.

E quer saber algo muito interessante sobre “o propósito”? Ele está atrelado à busca de significado. Quando analisamos sua definição, percebemos que é algo que vai além do indivíduo. Ele começa em nós, mas não é só nosso. Ele é para o mundo, para fazer a diferença na sociedade.

Guarde essa informação importante: todos nós possuímos uma riqueza escondida em nosso interior. Um tesouro que nos foi dado por Deus no momento em que nos criou à Sua imagem e semelhança. Alguns irão passar pela vida sem ter a ousadia de explorar essa riqueza. Outros, porém, colocarão em prática, de forma excelente, esse tesouro plantado por Deus. Acredite: eu descobri isso quando estive no fundo do poço.

...Voltando ao ponto onde encerrei o ciclo da minha possível carreira de escritora: muitos anos se passaram. Durante esses anos, a escrita sempre me acompanhou, mesmo que eu a tenha ignorado. Ainda que fosse como uma homenagem no aniversário de um amigo ou até pelo simples fato de expressar meus sentimentos no papel, ela sempre esteve presente, até quando eu mesma deixei de acreditar.

Um dia, motivada por uma grande amiga, eu decidi voltar a estudar. Concluí o Ensino Médio, fiz pré-vestibular, ingressei na faculdade de Pedagogia e comecei a vivenciar novamente o universo da escrita por meio dos trabalhos acadêmicos. Resgatei o gosto pela leitura e senti desejo de voltar a escrever. Comecei a rascunhar algumas linhas, mas nada aconteceu; não consegui

chegar a uma ideia, uma história que pudesse despertar o interesse do leitor.

Então, quando estava na metade do curso, enfrentei problemas emocionais que me levaram a mergulhar em uma tristeza tão profunda, que perdi toda a vontade de prosseguir. Abandonei a faculdade e, junto com ela, todos os projetos para o futuro. Passei por momentos tão desafiadores que perdi o encanto pela vida, tornando-me uma pessoa amarga, sem esperanças, pessimista e sem capacidade de sentir prazer nas atividades que, outrora, traziam tanto conforto ao meu coração. E foi ali, naquele momento mais obscuro da minha existência, que Deus me fez ver uma luz no fim do túnel.

Você se recorda da informação importante, quando mencionei as pessoas que colocam em prática os tesouros plantados por Deus? Pois é, eu costumo chamá-las de heróis e heroínas. Falo daqueles que escolheram viver o propósito em suas vidas, colaborando de forma positiva na vida de outras pessoas.

Nesse meu momento tão conturbado, em que eu não tinha desejo de prosseguir e nem conseguia compartilhar a minha angústia, eu fui alcançada pelo altruísmo daqueles que, através de suas vidas, contribuíram para que eu me reerguesse.

E acredite se quiser: muitos deles sequer sabem o quanto foram essenciais para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Alguns cruzaram o meu caminho por meio de um livro, uma palestra, um projeto social ou trazendo uma mensagem de Deus num domingo de manhã. Também tiveram aqueles mais próximos, que escolheram caminhar lado a lado, dar conselhos muito valiosos e segurar na minha mão, me mostrando sempre o melhor caminho a seguir. Alguns não estão mais por aqui, partiram, porém

deixaram um legado e vivem eternamente na minha memória. Outros, no entanto, permanecem no meu caminho e me inspiram por seus exemplos. E, por meio deles, eu conheço outros que sempre trazem consigo elementos enriquecedores, exemplos preciosos e conhecimentos inestimáveis.

Sabe o que eu aprendo com isso?

A vida sempre irá nos apresentar pessoas, ocasiões ou caminhos que nos levarão para mais perto da nossa missão. Seja através de amigos, conexões ou situações inusitadas.

Então, permita-me dar um conselho: esteja sempre atento aos sinais.

E o mais importante de tudo: quando for você essa pessoa na vida de alguém, esteja disposto a estender a mão. Talvez você não saiba, mas pode ser o motivo para que alguém encontre forças para se levantar e se reencontrar.

Entenda: cabe a nós decidirmos que tipo de pessoa seremos.

E, a essa altura, você deve estar se perguntando quem sou eu. Bom, eu sou alguém comum, porém que acredita que podemos construir conhecimento todos os dias, basta abrir o coração e aprender a ouvir com muita atenção. Eu recebi uma nova chance, voltei a estudar, concluí a Graduação no curso de Ciência da Felicidade e me apaixonei de novo pela aventura de viver.

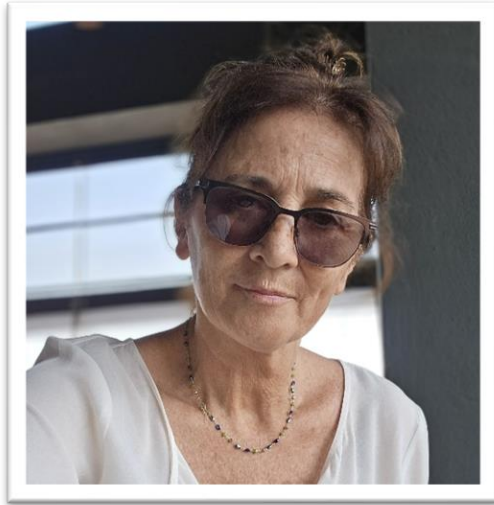
Aprendi a celebrar pequenas vitórias que trazem um grande resultado de satisfação e vivo a minha vida com muita gratidão. Voltei a escrever, aceitando e agradecendo por esse dom que me foi presenteado pelo Criador.

Dia desses, nessa minha incrível jornada, alguém disse que não devemos ser como uma folha seca que o vento leva para qualquer lugar. Todos nós temos um papel muito especial nesse

espetáculo. Só precisamos descobrir qual é a nossa missão nesse mundo.

Se eu já sei qual é a minha? Ainda não. Mas, se de alguma forma, amigo leitor, esse meu pequeno relato fez sentido na sua vida, então entenderei que estou no caminho certo.

Mel



memlaal@gmail.com

Belo Horizonte – Minas Gerais

Cartas de Amor

Porto, setembro de 1980. O sol de fim de verão entrava pelas janelas do Hospital de São João, criando padrões dourados no chão do corredor do -1, um espaço amplo, geralmente cheio de estudantes que frequentavam o bar ou se agrupavam para conversar, “para ver e serem vistos”... Naquela tarde, porém, estava vazio. Sofia, de 22 anos, no quinto ano de Medicina, dava por terminadas as aulas do dia. Julgando estar sozinha, guardou a bata e, enquanto arrumava o cacifo, percebeu que Miguel estava ali à sua espera, como de costume, para a levar para casa.

Sorriu ao recordar como se tinham conhecido durante a Queima das Fitas. Sofia estava no quarto ano de Medicina, e Miguel, no sexto. A noite estava quente, o ar impregnado de promessas e possibilidades que só a juventude consegue criar. Tinham dançado até de madrugada, primeiro em grupo, depois só os dois, cada vez mais próximos à medida que a noite avançava. E Miguel roubara-lhe um beijo — tímido, hesitante, mas que rapidamente se transformou em algo mais profundo. Naquele momento, Sofia soubera que algo especial tinha começado. Um ano depois, aquele beijo roubado transformara-se numa história de amor que agora enfrentava a distância.

Atravessaram o parque de estacionamento, onde o Renault 5 os esperava. No rádio, tocava Still Loving You, dos Scorpions, e ele aumentou o volume, deixando que a música suavizasse o silêncio entre eles. Miguel partiria para Trás-os-Montes, onde fora destacado para estagiar no centro de saúde local. Embora Sofia soubesse que a separação o estava a magoar, consolou-o com um sorriso.

— É só por alguns meses. E prometo que volto todos os fins de semana para ti.

Ambos compreendiam que o início de carreira em Medicina exigia sacrifícios. Mas a distância doía mais do que ele imaginara, mesmo com as visitas semanais e as raras chamadas telefónicas.

Restavam-lhes as cartas. Cartas que atravessaram as montanhas de Trás-os-Montes, levando palavras de amor, saudade e esperança.

E, assim, durante um ano, Miguel escreveu cinquenta cartas de amor.

Uma por semana, com frases que se repetiam, mas nunca perdiam o significado:

— “Meu amor, quantas saudades!”

— “Estou tão triste por não te ver...”

— “A falta que eu sinto de ti...”

— “Agora compreendo o que significa dizer que vives no meu coração.”

— “Como é difícil estar longe...”

— “Os dias não passam...”

Entremeadas por relatos do quotidiano — as primeiras experiências profissionais, os pequenos acidentes, as paisagens que a saudade tornava mais belas:

“Hoje fiz o meu primeiro parto. Foi um menino, cheio de vida. Pensei em ti.”

“Fui às escolas da aldeia fazer saúde escolar. São pequenas, com meia dúzia de crianças alegres e curiosas. Ri-me tanto que até me esqueci, por momentos, da tua falta.”

“Iniciei sozinho as consultas de planeamento familiar. E adivinha? A primeira doente disse-me: ‘Quero fazer o meu

Parlamento Familiar.’ Quase me ri, mas consegui manter-me sério!”

“Hoje, no centro de saúde, distraí-me e deitei um fósforo ainda aceso no cesto dos papéis. As labaredas foram quase instantâneas! Com a ajuda das enfermeiras, evitámos o desastre. No fim, até ríamos — disseram-me: ‘Dr., podia era incendiar o edifício todo para irmos para casa mais cedo!’”

“Hoje acordei e tinha nevado. Tudo branco, uma beleza que não consigo descrever. Pena não ter trazido a máquina fotográfica... Mas o frio, meu amor, só se aguenta bem à lareira. A nossa casa vai ter de ter uma, como sei que tu gostas.”

E, sempre, as perguntas:

— “E tu, como estás?”

— “As aulas de Medicina Operatória correram bem?”

— “Passaste no exame?”

— “Como foi a tua primeira prática no Serviço de Urgência?”

— “...Pensas em mim?”

Claro que sim. E tanto.

Miguel recebeu outras tantas cartas de Sofia — mais leves, menos introspectivas, mas não menos amorosas. Ela contava-lhe as conversas com as amigas, os vestidos que comprava “só porque o verde combinava com os seus olhos”, as noites em que adormecia a pensar nele. Era o seu jeito de amar: sem dramatismos, mas com uma constância que o aquecia.

Este ano passou, e o casamento dos dois foi em setembro de 1981.

A antiga quinta da família de Sofia, no Alto Minho, era mais do que uma propriedade: era o coração da família. Por gerações, ali

se reuniam todos os anos — periodicamente, toda a família alargada — e transformou-se no cenário de um casamento glamoroso e tradicional. As vinhas, antes da vindima, ainda mantinham a beleza da folhagem e dos cachos de uva, dando frescura naquele fim de tarde quente de setembro.

A casa testemunhara gerações de histórias familiares, e a avó de Sofia, a matriarca da família, e a sua irmã, ainda imponentes e altivas na sua elegância, estavam determinadas a que este último grande evento na quinta fosse memorável.

Sofia, radiante num vestido de noiva simples e tradicional, com Miguel a seu lado, elegantemente vestido no seu fraque, celebrou essa união rodeada de toda a família, amigos e colegas. Os pais de Sofia foram os elegantes e simpáticos anfitriões que tudo supervisionaram.

Foi um dia muito feliz, que terminou numa agradável e quente noite de setembro, e ali se iniciou uma vida conjugal repleta de harmonia e felicidade.

Mas o tempo, implacável, levou Miguel ao fim de 17 anos. Sofia teve de aprender a viver sem Miguel.

Quase cinquenta anos passados, Sofia ainda vivia na casa que fora dos dois.

Das recordações mais dolorosas, guardadas num canto do coração e no fundo de um baú, emergiram as cartas — embrulhadas em papel de cetim, como relíquias de outro tempo.

Sofia lê as cartas de Miguel e revive-o. Vê-o na sua caligrafia e nos relatos daquele passado já meio esquecido, relembra o quotidiano dos dois. É quase como se ele estivesse ali com ela. Sorri ao ler a ternura e a candura daquele amor tão lindo e puro. Alguns trechos são agradáveis, outros cómicos, momentos que já tinham

ficado lá para trás no tempo e que agora despertam riso, sorriso e uma nostalgia boa.

Não há lágrimas nos olhos de Sofia. Há um sentimento sereno de paz ao reviver um pouco do passado perdido.

São uma dádiva... essas cartas de amor
(já ninguém as escreve).

Maria Bellatrix



mj040962@gmail.com
Sangão – Santa Catarina

Poema — Despedida da Escola

Estudar

Aos meus dez anos de idade, parei de estudar,
Por falta de transporte
E professores para ensinar.

Complicado

Na época, no sertão, tudo era complicado:
Sair do sítio para estudar na cidade.
Parei na quarta série
Por falta de oportunidade.

Encontrei

Chegando em Limeira,
Oportunidade encontrei
De voltar aos estudos.
Com alegria, retornei,
Revivendo os tempos
Do início que comecei.

Reclamar

Na cidade era diferente,
Não tinha muito o que reclamar,
Mesmo sabendo das preocupações
Que tínhamos que enfrentar.

Achei / Olhei

Tinha na minha companhia
Três adolescentes
Que, para trás, tinha que deixar.
Sem esquecer que eu precisava trabalhar,
Sabendo das dificuldades, para elas não olhei.
Dei início ao meu sonho
E assim as recomecei.

Chegar

Parabenizo os professores
Porque aqui me ajudaram a chegar,
Concluindo o terceiro ano
Com a oportunidade de cursar
Uma faculdade,
Se assim eu desejar.

Formados

Nós, todos juntos,
Na Escola Brasil,
Em uma sociedade,
Formamos muitos perfis.
Temos hoje aqui
Muitas turmas de formados.
Acredito ter sido
Um pouco muito puxado.

Professores

Para permanecer
Todos no mesmo objetivo:
Um diploma receber.
São centenas de alunos
Recebendo também os parabéns
De cada professor.
Aqui, nesta mesma luta, chegaram
Com muito amor.

Profissionais

Não precisamos ser poeta,
Mas precisamos ter perfil
Para fazermos parte dos formados
Que concluem no Colégio Brasil.
No Colégio Brasil
Tem muitos profissionais.
Se não, teríamos nos formado
Em escolas estaduais.

Covardia

Temos Valmir, de matemática;
Magali, em português;
Tem Fernanda, em sociologia;
E a Érica, inglês.
Tem Paulo, de história;
Sérgio, de filosofia.
Não falar da Cristiane
Seria uma covardia,

Pois, pra mim, ela dá aula
De geografia.

Contar

Temos vários professores,
Deles, até não conheço.
Temos o substituto,
Pois também tem que contar.
Mas, para substituir o “Mel”,
Nós não vamos encontrar.

Parabenizar

Cada um de vocês
Que aqui puderam estar,
Nós, das turmas de formados,
Queremos parabenizar.
Muitas vezes, com sono,
Mesmo assim vínhamos estudar,
Pensando no nosso futuro
Para um sonho realizar.

Sacrificar

Os jovens, mesmo jovens,
Tiveram que retornar,
Talvez pensando na família
Que no futuro vão formar.
Os que hoje têm família
Foi muito mais difícil:
Tinham que esquecer um pouco,

E assim foi sacrifício.
Sacrificar a família
Para poder continuar...
Eu sei que muitos
Dos nossos filhos
Pararam de estudar.
Hoje eles se arrependem
E querem continuar.

Objetivo

Somos exemplos para eles,
Para os amigos e professores,
Porque temos os mesmos
Como nossos superiores.
Com orgulho e alegria,
Chegamos até aqui.
Cada um com seu objetivo,
Pensando com firmeza,
Firme, forte e positivo.
Se fossemos contar mais,
Escreveríamos um livro.

Terceiro Três

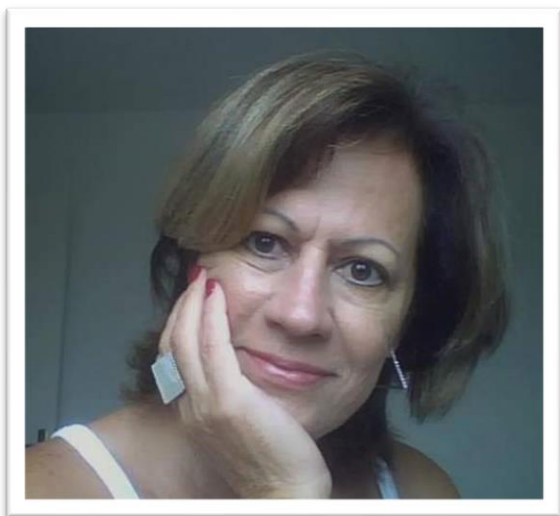
Se eu pudesse, descrevia
Cada colega da sala —
Começando pelo Agildo,
Gente fina e educada.
Mas com uma palavra a escrever,
Não preciso falar mais nada.

E tem as demais turmas
E a minha, do Terceiro Três.
Para finalizar,
Parabenizo todos vocês.

Dedico essa obra aos leitores em geral,
Sim, aos meus ex-professores, amigos da escola
EEB de Limeira, São Paulo —
18 de dezembro de 2017.

E agradeço à Editora MEPE
Por ter me acompanhado
Nessa trajetória
Para chegar
A um sonho realizado.

Maria Silvia Ribeiro



camposribeiro@uol.com.br

São Paulo – São Paulo

O Anjo e o Demônio

Anos e anos pensando que ela tinha duas personalidades. Lembrava-se do livro que tinha lido quando menina: Sybil. Essa personagem tinha 16 personalidades. Ora, se alguém pode ter 16, ela também podia ter 2.

Sozinha, ela pensava “com seus botões”: uma é um anjo, a outra, um demônio. Eram antagônicas. Água e vinho, preto e branco. Quando o anjo aparecia, ela era boazinha, amável, amorosa, tolerante, compreensiva. Quando era a vez do demônio, ela ficava irritada, triste, deprimida, intolerante, brava. Quanta instabilidade emocional.

Assim foi por muito tempo. Resolveu contar para suas melhores amigas.

— O quê? Duas personalidades?

E riam. Achavam mesmo muita graça daquilo. Afinal, ela era sempre tão equilibrada, tão sensata. Era isso que as pessoas pensavam sobre ela: uma pessoa comedida, ponderada. Mas, na verdade, não tinha graça nenhuma. Era terrível essa instabilidade. A fase do demo era angustiante.

Havia uma pessoa que sofria calada com essas mudanças de humor, o mais próximo: seu marido. O coitado não entendia nada. Talvez pensasse: “Como pode estar tão bem e, de repente, se transformar nessa coisa horrorosa de se conviver?”. Mas aguentava calado. Não reagia bem, não esboçava empatia. Para ele, era apenas capricho de uma pessoa mimada que, quando nervosa, despejava tudo sobre ele.

Ela, por sua vez, na fase do demo, sentia tanta raiva dele... ou ódio? E por razões tão banais. Não, ódio é muito forte. Mas era

forte. Muito!!! Chegava a pensar em se separar dele sempre que o demo aparecia. Eram dias de profunda tristeza. Era só nisso que pensava: “Vou me separar, não aguento mais!”.

Contou para sua irmã:

— Vou me separar dele, não o amo. Por que ficar com ele? Ele é muito difícil, ele é isso, ele é aquilo.

Só defeitos, lógico. Mas aí vinha o anjo.

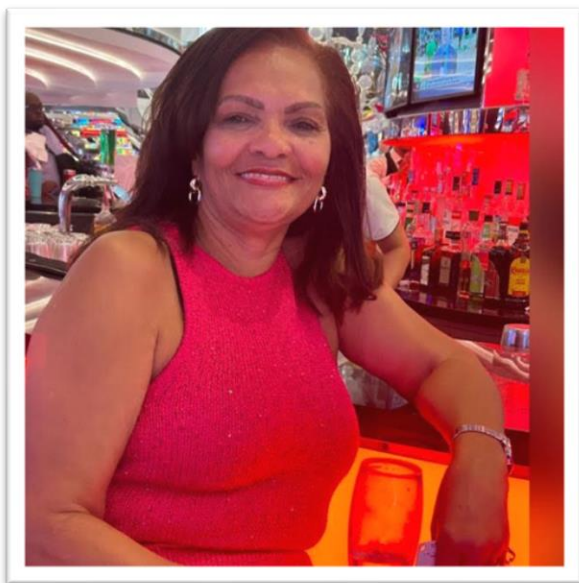
“Como pude pensar em me separar?”, ela pensava. “Ele é tão bom, trabalhador, honesto, divertido, bom pai.” E ela também pensava na família: ninguém havia se separado, ela seria a primeira. Pensava nos filhos: separar seria uma porta aberta para eles também se separarem no primeiro desentendimento. Pais separados, filhos separados! Puro preconceito! Parentes e amigos iriam pensar: “Ela está louca, como pode uma separação? Ele é tão agradável, tão bem-intencionado!”.

E os dias passavam, o demo ia se despedindo e o anjo ia chegando. Pura harmonia, uma fase tranquila, com muito amor e entendimento. Ela só via qualidades nele. Marido perfeito. Responsável, amoroso, colaborador, arrimo da família.

Seja lá o que for que vier agora, o melhor a fazer é aceitar. Tudo passa. Isso também vai passar!!!

No entanto... que o anjo venha para ficar!!!

Marileide Dourado



douradomarileidee@gmail.com

Dianópolis – Tocantins

A dança da vinha e do vinho: uma reflexão sobre vida, trabalho e tempo

Na terra onde o horizonte se dissolve em colinas suaves e o cheiro da terra úmida preenche o ar, cresce a vinha. Planta de tronco retorcido e folhas que balançam ao sabor do vento, a vinha é um dos maiores testemunhos da passagem do tempo. Sua história, inseparável da do homem, é um conto de resiliência, paciência e celebração.

Para os que trabalham com a terra, a vinha é mais do que uma planta. É uma companheira de jornadas, uma interlocutora silenciosa que, ano após ano, devolve ao homem o fruto de seus cuidados. Dela nasce o vinho, essa bebida quase mística que, ao longo dos séculos, se tornou símbolo de comunhão, de celebração e, por vezes, de consolo.

A terra e o nascer da vinha

Tudo começa na terra. Para muitos, o solo pode parecer apenas inerte, um suporte para raízes. Mas, para os viticultores, a terra é viva: ela respira, conversa e carrega em si os segredos de milênios. Solos arenosos, calcários, vulcânicos ou argilosos contam histórias de erupções, de mares antigos e de erosões que moldaram o mundo como o conhecemos hoje. Cada vinha cresce em uma terra específica, dialogando com ela — e é isso que dá a cada vinho seu caráter único.

A vinha, como uma boa contadora de histórias, absorve essas memórias do solo e as transforma. Suas raízes profundas, por vezes alcançando metros abaixo da superfície, buscam nutrientes e

água como se fossem exploradores em busca de tesouros escondidos. O que nasce dessas raízes não é apenas a uva, mas a expressão do lugar, do clima, do cuidado humano.

Mas a vinha, por mais resistente que seja, não trabalha sozinha. Ela precisa do viticultor, do toque humano que molda sua forma e regula seu crescimento. O ato de cultivar videiras não é apenas uma tarefa agrícola; é um ritual que combina ciência, tradição e fé.

A história que fermenta o tempo

O vinho é tão antigo quanto a própria civilização. Há registros arqueológicos que apontam para sua produção há mais de 7.000 anos, em regiões que hoje correspondem à Geórgia, no Cáucaso. Ali, entre vales e montanhas, o homem descobriu que o sumo das uvas, se deixado por tempo suficiente, transformava-se em algo mais. Era como se a própria natureza quisesse participar da criação de algo divino.

Ao longo da história, o vinho assumiu muitos papéis. Na Grécia antiga, era a bebida dos deuses, celebrada nas festas de Dionísio, em que a embriaguez era vista como forma de transcendência. Entre os romanos, tornou-se símbolo de civilização e poder, sendo levado a todos os cantos do império. Os romanos não apenas beberam o vinho; eles o espalharam, levando videiras para terras distantes e criando sistemas de irrigação e armazenamento que revolucionaram sua produção.

Na Idade Média, quando o mundo parecia desmoronar em guerras e pragas, o vinho encontrou refúgio nos monastérios. Os monges, com sua paciência e dedicação, não apenas mantiveram viva a tradição do vinho, mas a aperfeiçoaram. Eles começaram a

entender que o local onde uma vinha cresce — o que os franceses chamam de *terroir* — influencia profundamente o sabor do vinho. A uva deixou de ser apenas uma fruta; tornou-se uma tradução do lugar.

O ciclo da vinha: lições de espera e trabalho

O ciclo anual da vinha é uma aula de paciência e humildade. Tudo começa no inverno, quando as videiras são podadas. Para quem vê de fora, a poda pode parecer destrutiva, quase violenta. Ramos são cortados, folhas caem, e a vinha parece ser reduzida ao essencial. Mas, para o viticultor, esse ato é uma forma de preparar a planta para o futuro. Poda-se hoje para que os frutos de amanhã tenham mais força e qualidade. É um lembrete de que, às vezes, é preciso abrir mão do excesso para concentrar a energia no que realmente importa.

Quando a primavera chega, as vinhas começam a despertar. Brotos surgem, as folhas se abrem ao sol e, finalmente, pequenas flores aparecem. É um momento delicado, quando uma geada inesperada ou uma chuva torrencial pode comprometer tudo. O viticultor observa, preocupado, mas sabe que não pode controlar o tempo. Ele aprendeu a confiar no ciclo natural, a aceitar os caprichos da estação.

No verão, as uvas começam a se formar. A cada dia, elas acumulam açúcar, desenvolvem acidez e tomam a cor que definirá seu destino. Algumas se tornarão vinhos brancos, outras tintos; algumas serão leves e frescas, outras complexas e encorpadas. Tudo depende do cuidado recebido e da paciência em deixá-las amadurecer no tempo certo.

A vindima, a colheita, é o ápice desse ciclo. É um momento de celebração e trabalho árduo. Vinhedos se enchem de vozes, de mãos que colhem cachos com cuidado e de risadas que ecoam entre as fileiras. É também um momento de escolhas: as uvas devem ser colhidas na maturidade perfeita, nem antes, nem depois. Cada cacho é um reflexo do ano que passou, carregando consigo a história daquela safra.

A transformação da uva em vinho

Depois da colheita, as uvas passam por um processo de transformação que é, ao mesmo tempo, científico e místico. Elas são esmagadas para liberar o mosto, uma mistura de suco, cascas e sementes. Esse mosto, com a ajuda das leveduras, começa a fermentar. É nesse momento que o açúcar se transforma em álcool, e o mosto começa a ganhar vida como vinho.

Mas essa transformação não é automática. O enólogo, aquele que guia o vinho em seu nascimento, deve fazer escolhas cruciais. Quanto tempo o vinho ficará em contato com as cascas? Qual será a temperatura da fermentação? Ele deve amadurecer em barris de carvalho ou em tanques de aço inoxidável? Cada decisão molda o caráter final do vinho, sua complexidade, seus aromas, sua alma.

Depois de fermentado, o vinho precisa descansar. É no envelhecimento que ele encontra equilíbrio, suavizando arestas e desenvolvendo sabores mais profundos. Barris de carvalho conferem notas de baunilha, especiarias e madeira tostada, enquanto tanques de aço preservam a pureza das frutas. Esse tempo de espera, que pode durar meses ou anos, é mais uma lição de paciência.

A conexão humana com o vinho

Quando o vinho finalmente chega à taça, ele não é apenas uma bebida. É uma narrativa. Cada gole carrega a memória da terra onde cresceu, das mãos que o colheram, do clima que o moldou e das escolhas que o transformaram.

O vinho é uma celebração da comunhão. Ele une as pessoas ao redor da mesa, inspira conversas e marca momentos importantes. Um brinde com amigos, uma comemoração em família, uma noite de reflexão solitária — o vinho sempre encontra seu lugar. E há algo profundamente humano nessa relação. Assim como o vinho, nós também somos moldados pelo tempo e pelas circunstâncias. Assim como a vinha, enfrentamos períodos de seca, de frio e de abundância. E, como o enólogo, tomamos decisões que definirão quem nos tornaremos.

A filosofia do vinho

Talvez seja por isso que o vinho é tão simbólico. Ele nos lembra que a vida é feita de ciclos, de escolhas e de espera. Há vinhos que precisam de anos para atingir a maturidade, enquanto outros são melhores quando jovens. Assim também são as pessoas. Algumas revelam seu potencial cedo; outras precisam de tempo para se encontrarem.

E, no fim, o vinho nos ensina a aproveitar o presente. Cada taça é um convite a pausar, a saborear o momento e a reconhecer que, mesmo em sua simplicidade, a vida é extraordinária.

Uma taça cheia de vida

O vinho, assim como a vinha, é um reflexo do que significa ser humano: lutar, esperar, transformar e, finalmente, celebrar. Seja

na taça de cristal em um jantar elegante, seja no copo simples de um almoço de domingo, ele nos lembra de olhar para a vida com gratidão e reverência. Porque, assim como a vinha que resiste às tempestades e ao calor, nós também somos capazes de florescer, mesmo nos terrenos mais desafiadores.

O papel do vinho na cultura humana

O vinho não é apenas uma bebida; é uma herança cultural que transcende geografias e atravessa eras. Desde as tabernas do Império Romano até os banquetes renascentistas, ele ocupou um lugar central na vida social. Poetas e escritores o celebraram em versos e prosas. Omar Khayyam, o matemático e poeta persa, certa vez escreveu: “Bebe o vinho, pois a vida é efêmera como uma sombra”.

O vinho, em várias culturas, carrega significados religiosos e espirituais. Na tradição judaico-cristã, representa o sagrado: é o sangue de Cristo na Eucaristia, uma metáfora de redenção e sacrifício. No judaísmo, é a bebida do Kiddush, abençoando o início do Shabat e outras celebrações. No Islã, embora o consumo de álcool seja proibido, o Alcorão traz referências metafóricas ao vinho como símbolo de recompensa divina no paraíso.

Ainda assim, talvez a essência mais universal do vinho esteja em sua habilidade de unir pessoas. Em torno de uma garrafa, amigos reavivam memórias, casais firmam compromissos, e desconhecidos compartilham momentos que criam laços temporários, mas significativos. O vinho é, acima de tudo, um catalisador de encontros e emoções, dissolvendo distâncias e aproximando corações.

As mãos que fazem o vinho

Por trás de cada garrafa de vinho está uma cadeia de mãos que trabalham com dedicação e amor. Desde os trabalhadores que cuidam das videiras até o enólogo que define os detalhes finais, cada etapa do processo é marcada por esforço humano.

Os viticultores são os primeiros a entrar nessa história. Eles acordam cedo, enfrentam o frio e o calor, lidam com pragas, secas e tempestades. São eles que conhecem cada curva do vinhedo, cada peculiaridade do solo. Em muitas regiões, o trabalho nos vinhedos é um esforço familiar. Pais e filhos, avós e netos, todos se reúnem para cuidar das videiras, criando uma tradição que se passa de geração em geração.

Depois vêm os trabalhadores da colheita. Em algumas regiões, como em Champanhe, na França, as uvas ainda são colhidas manualmente, cacho por cacho, para preservar sua qualidade. É um trabalho exaustivo, mas carregado de alegria. Vindimas são frequentemente acompanhadas por cantos, risadas e refeições coletivas que transformam o cansaço em festa.

O enólogo, por sua vez, é o alquimista do vinho. Ele observa, experimenta, ajusta. Suas escolhas moldam o caráter da bebida, transformando uvas em uma experiência sensorial única. Um bom enólogo combina ciência com intuição, conhecimento técnico com sensibilidade artística. Ele entende que cada safra é diferente e que o vinho não pode ser forçado; deve ser guiado.

O vinho e o tempo

Se há algo que o vinho nos ensina, é a importância do tempo. Ele é uma bebida que não se apressa. Cada estágio — desde

o crescimento das uvas até o envelhecimento nas adegas — exige paciência.

Existem vinhos feitos para serem consumidos jovens, frescos e vibrantes, como muitos brancos e rosés. Outros, no entanto, pedem tempo para amadurecer. Grandes vinhos tintos, como os Bordeaux ou Barolos, podem levar décadas para atingir seu ápice. Durante esse tempo, os taninos se suavizam, os sabores se integram, e a bebida alcança uma complexidade que só o tempo pode proporcionar.

Esse envelhecimento é um espelho da vida. Assim como um vinho amadurece e se transforma, nós também mudamos com o passar dos anos. O que nos parece forte e desequilibrado na juventude pode se tornar suave e harmonioso com o tempo. É por isso que degustar um vinho envelhecido é como ouvir a história de um velho amigo: cada gole revela camadas de experiência, memórias e evolução.

As paisagens das vinhas

As vinhas também deixam sua marca nas paisagens. Em regiões como a Toscana, na Itália, ou no Vale do Douro, em Portugal, os vinhedos não são apenas terrenos de cultivo; são obras de arte moldadas pela mão humana. Fileiras simétricas de videiras se estendem por colinas e vales, criando cenários que encantam os olhos e o coração.

Essas paisagens não são apenas bonitas; elas contam histórias. Cada vinha reflete as decisões de quem a cultiva. Algumas são plantadas em terraços íngremes, desafiando a gravidade, enquanto outras ocupam planícies banhadas pelo sol. Em lugares como o Chile ou a África do Sul, as videiras convivem

com montanhas imponentes, enquanto na França elas crescem sob a névoa que protege os cachos da luz excessiva.

Essas paisagens também nos lembram do impacto do clima. Em regiões mais frias, como a Alsácia, as vinhas produzem uvas com alta acidez, perfeitas para vinhos frescos e aromáticos. Em climas mais quentes, como na Austrália, as uvas acumulam mais açúcar, resultando em vinhos ricos e encorpados. Essa interação entre terra, clima e homem é o que dá ao vinho sua diversidade infinita.

O vinho como metáfora

Por fim, o vinho é mais do que um produto da terra; ele é uma metáfora para a própria existência. Assim como a vinha, nós enfrentamos desafios: tempestades inesperadas, períodos de seca, mas também momentos de abundância. Assim como o vinho, carregamos em nós as marcas do tempo, as influências de onde viemos e as escolhas que fizemos.

Quando seguramos uma taça de vinho, seguramos um pequeno universo. Ali estão o trabalho humano, a generosidade da terra, a paciência do tempo. Cada gole nos convida a refletir sobre a vida, não apenas como um caminho linear, mas como um ciclo de transformação e renascimento.

E talvez seja essa a maior lição que o vinho nos oferece: não importa se somos jovens e vibrantes, como um vinho branco recém-produzido, ou maduros e complexos, como um tinto envelhecido. O que importa é o sabor que trazemos para a vida, as memórias que deixamos e as conexões que criamos ao longo do caminho.

O brinde final

Então, quando levantamos uma taça de vinho, brindamos a muito mais do que uma bebida. Brindamos à terra que sustenta, ao trabalho que transforma e ao tempo que revela. Brindamos às histórias que nos unem, aos momentos que compartilhamos e à jornada que continua. E que cada brinde seja um lembrete de que, assim como o vinho, somos capazes de florescer, transformar e inspirar. Afinal, a vida, como o vinho, é uma celebração.

O vinho e o fio da espiritualidade

Em sua essência, o vinho sempre esteve ligado a algo maior, um elo entre o terreno e o divino. Essa conexão não é mero acaso. Há algo quase místico no processo de sua criação: a transformação de um fruto humilde em uma bebida complexa e profundamente evocativa.

No Antigo Egito, ele era oferecido aos deuses em cerimônias religiosas, um tributo sagrado que ligava o homem ao além. Nas escrituras cristãs, o vinho assume um papel central, tornando-se o símbolo da vida eterna. “Eu sou a videira, vós sois os ramos”, diz Jesus, ligando a vinha à comunhão espiritual e à interdependência entre o humano e o divino.

Mesmo fora do campo religioso, o vinho muitas vezes simboliza o transcendente. Sua complexidade, que pode ser interpretada de tantas formas, é comparável às próprias nuances da vida. Um único gole pode evocar lembranças, sensações e até uma espécie de gratidão silenciosa pelo instante vivido. Não é à toa que, em muitas culturas, abrir uma garrafa de vinho é tratado como um ritual, um momento que exige respeito e atenção.

A comunidade ao redor do vinho

Se há algo que o vinho faz com maestria, é aproximar as pessoas. Pense nos banquetes antigos, onde as taças circulavam livremente, selando alianças e celebrando vitórias. Ou nas mesas familiares das vilas mediterrâneas, onde o vinho acompanha o pão e o azeite, enquanto histórias são contadas e laços se estreitam.

Essa capacidade de reunir é tão poderosa que algumas das maiores tradições gastronômicas do mundo foram moldadas ao redor do vinho. Na França, uma refeição sem vinho é quase impensável. Na Itália, ele é tratado como um ingrediente tão importante quanto o tomate ou o manjericão. No Vale do Douro, em Portugal, os vinhos do Porto são parte da identidade local, um símbolo de orgulho e hospitalidade.

Mas o vinho não se limita às grandes celebrações. Ele também tem seu lugar nos momentos simples. Um piquenique sob uma árvore, um jantar casual em casa, uma conversa que se estende pela noite — em todos esses cenários, o vinho atua como um catalisador de presença, um convite para estar no momento e compartilhar algo genuíno.

Os mistérios do envelhecimento

Um dos aspectos mais fascinantes do vinho é sua relação com o tempo. Enquanto a maioria dos alimentos perece, o vinho tem o potencial de melhorar. Mas isso não acontece com qualquer garrafa. O envelhecimento exige condições específicas: temperatura controlada, umidade constante, ausência de luz direta. É um processo que demanda paciência e fé.

Durante o envelhecimento, o vinho passa por transformações invisíveis, uma dança química que suaviza arestas

e revela novos sabores. Um vinho jovem pode ser vibrante, com notas de frutas frescas e acidez marcante. Mas um vinho envelhecido é como um livro antigo, repleto de camadas de histórias. Sabores de frutas maduras, especiarias, couro e até tabaco emergem, criando uma experiência que transcende o paladar.

Esse processo de maturação nos lembra que o valor de algo não está apenas no seu estado inicial, mas na sua capacidade de evoluir. Assim como o vinho, as pessoas também carregam em si o potencial de se transformarem, de suavizar suas arestas e encontrar harmonia com o tempo.

O papel das regiões vinícolas

Cada região vinícola do mundo tem sua própria identidade, um reflexo de sua terra, clima e história. A Borgonha, na França, é reverenciada por seus Pinot Noirs e Chardonnays, que capturam a essência de seus pequenos vinhedos, ou climats. O Vale do Napa, na Califórnia, combina inovação com tradição, produzindo Cabernet Sauvignons que competem com os melhores do mundo. Já o Chile e a Argentina trouxeram à tona a beleza do Malbec e da Carménère, uvas que prosperaram nos Andes.

Essas regiões não são apenas lugares; são experiências. Visitar um vinhedo significa caminhar por fileiras de videiras, sentir o cheiro da terra e ouvir as histórias dos produtores. É um lembrete de que o vinho é uma expressão do lugar onde nasceu, uma cápsula líquida do que aquele solo, clima e cultura podem oferecer.

A arte da degustação

Beber vinho pode ser um ato casual, mas transformá-lo é uma arte. Envolve todos os sentidos: a visão para observar sua cor e viscosidade, o olfato para captar seus aromas, o paladar para explorar sua estrutura e equilíbrio e até a audição, para ouvir o tilintar de um brinde.

A degustação também é um exercício de presença. Cada gole convida à atenção, à reflexão. O que você sente? Notas de frutas vermelhas? Um toque de baunilha? Talvez um sutil amargor no final? Essas percepções não são apenas sobre o vinho; são sobre você. Como disse Ernest Hemingway: “O vinho é uma das maiores coisas civilizadas do mundo, e uma das mais naturais, que tem sido levada à maior perfeição”.

O futuro da vinha e do vinho

No mundo moderno, o vinho enfrenta novos desafios e oportunidades. A mudança climática está alterando as condições de cultivo, forçando produtores a se adaptarem. Ao mesmo tempo, a tecnologia tem permitido uma produção mais sustentável, com técnicas que respeitam a terra e reduzem o impacto ambiental.

Além disso, o vinho está se tornando mais inclusivo. Antigamente, ele era visto como uma bebida elitista, reservada para ocasiões formais. Hoje, há um esforço para desmistificar o vinho, tornando-o acessível a todos. Afinal, ele é, em sua essência, uma celebração da terra e do trabalho humano — algo que pertence a todos nós.

O último gole

Ao refletir sobre a vinha e o vinho, fica claro que eles são mais do que um produto agrícola ou uma bebida. Eles são uma expressão da humanidade, uma conexão com a natureza, uma celebração do tempo. Em cada taça, há um universo: a terra, o trabalho, a paciência, a arte.

E assim, ao erguer sua taça, lembre-se: o vinho não é apenas para ser bebido. Ele é para ser vivido. Que cada gole seja um brinde ao que nos torna humanos: nossa capacidade de transformar, celebrar e conectar.

Um brinde à vida!!

Marli Batista dos Reis Santos



marlisantostga@gmail.com

Tangará da Serra – Mato Grosso

“Mulher virtuosa, quem a achará?”

“Mulher virtuosa, quem a achará?

O seu valor muito excede o de finas joias.” (Provérbios 31:10)

Senhor Deus, baixem sobre cada mulher, as Tuas misericórdias
para que sejam um modelo de virtude,
e que isto continue em nosso dia a dia,
até alcançar a plenitude!

Batiza-nos com o Espírito Santo

e assim, cada mulher cristã

será um testemunho confiável,

“exalando o bom perfume de Cristo” (II Coríntios 2:15)

para ser sempre amável!

Mulher virtuosa, quem a achará?

Deus nos confiou várias responsabilidades.

Cabe a nós organizarmos as prioridades,

pois **“o reino de Deus deve estar em primeiro lugar,**

e as demais coisas Ele vai acrescentar.” (Mateus 6:33)

Mulher virtuosa, quem a achará?

Deus a fez para vencer onde Eva falhou.

Concede-nos, ó Deus, um pouco de Eva,

enquanto auxiliadora idônea no lar,

junto ao esposo sempre andar em comunhão,

para conduzir os filhos no caminho em que devem andar,

numa atmosfera de encorajamento e inspiração.

Mulher virtuosa, quem a achará?

Deus a fez para buscar consagração,
sempre buscando a Deus em oração.
Nenhuma mulher pode estar tão longe,
que não possa ser alcançada por Jesus,
que nos convida para proclamar
Sua glória e Sua luz.

Mulher virtuosa, quem a achará?

Sigamos a perseverança de Ana
e o espírito missionário da mulher samaritana,
para levar Jesus, que é a água da vida, ao mundo sedento
que perece por falta de conhecimento.

Mulher virtuosa, quem a achará?

Livra-nos, ó Senhor, de olharmos para trás,
como aconteceu com a mulher de Ló...
Também não queremos amaldiçoar, jamais,
como fez a mulher de Jó.

Mulher virtuosa, quem a achará?

Que bênção foi Joquebede para Israel!
Ela preparou Moisés, o libertador.
Incutiu-lhe na mente o temor do Senhor!

Mulher virtuosa, quem a achará?

Dá-nos, ó Senhor, de Ellen White a humildade,
e por ser ela uma mulher frágil,
aceitou nas mãos de Deus estar

e recebeu a luz da verdade.
Reconheceu de Deus a soberania
e recebeu o dom de profecia.

Mulher virtuosa, quem a achará?

Deus a fez para batalhar!
Dá-nos, Senhor, a coragem da rainha Ester,
que optou pela fé, esperança e amor,
lançando fora qualquer temor!
Perante o rei compareceu,
pelo seu povo intercedeu,
e no dia da batalha nenhum deles pereceu!

Mulher virtuosa, quem a achará?

Deus a fez para a salvação!
É hora de perseverar no jejum e oração,
nos salmos, cânticos e na comunhão,
e Deus nos capacitará nesta peregrinação.

Mulher virtuosa, quem a achará?

Deus a fez para testemunhar.

“Busquemos a Deus enquanto se pode achar”, (Isaías 55:6)
pois a porta da graça poderá se fechar.
Com nossa família vamos nos apressar,
para pregar que Jesus Cristo vive,
e que em breve voltará! Amém! (João 14:1 – 3)

Marluce Benaion Alencar



marlubenaion@gmail.com

Manaus – Amazonas



O Vil

- *Tu viste, meu caro Holmes o infame vil?*
- *Viste como tem conspirado e prosperado contra o povo?*
- *Viste o quanto é terrível, espantoso e sobremodo forte?*
- *Viste seus grandes dentes de ferro a rasgar nossa lei maior?*
- *Viste como a fez em pedaços e pisou sobre o que dela restou?*
- *Viste como o vil inspira terror sobre o povo; como é desprezível, abjeto e traidor?*
- *Viste com é diferente de todos os que já apareceram antes dele?*
- *Viste sua boca a contaminar os incautos com suas mentiras odiosas?*
- *Viste como mandou prender inocentes do povo para os maltratar?*
- *Viste como os lançou no cárcere, entregando-os às infames milícias a seu serviço?*
- *Torquemada, o temível frade inquisidor não teria maior compaixão?*
- *Quando, meu caro Holmes, o filho do diabo e inimigo da justiça cessará sua fúria insana?*
- *Será nosso destino tão fatídico e, tão elementar, meu caro Holmes?*



Maurício Ruas



dl.mauricioruas@hotmail.com

Praia Grande – São Paulo

“Sem Muita Embalagem”

Um homem de 35 anos, Eduardo, comerciante, com uma loja — Empório do Celular —, onde comercializa telefones celulares de diversas marcas, acessórios e equipamentos. Como fazia todos os dias, chega mais cedo, prepara a sua loja e, às 9 horas da manhã, abre a porta de ferro da loja. No momento em que ele levanta a porta do comércio, Luísa estava lá na sua frente: morena jambo, linda, olhos verdes, minissaia azul, uma blusinha amarela, um sorriso lindo. Olhou bem nos olhos dele e disse: “Você tem capinha para esse celular?”, esticando seu braço e abrindo a mão, mostrando o celular que ela segurava. Mas os olhos dele só conseguiam ver aquele rosto angelical, lindo.

Eduardo piscou devagar, como quem precisa acordar de um sonho sem querer abrir os olhos. Um segundo antes, ele era apenas um comerciante cumprindo seu ritual; agora, sentia-se um personagem num capítulo que não havia escrito.

— Claro... — respondeu, quase num sussurro, limpando a garganta logo em seguida para disfarçar.

— Temos de vários tipos — respondeu Eduardo.

Conduziu-a até a vitrine, mas cada passo que ela dava parecia ecoar dentro dele. O perfume doce, com um toque cítrico, misturava-se ao cheiro familiar de plástico novo e eletrônicos, criando um aroma que ele jamais esqueceria.

Ela se inclinou levemente para observar as capinhas expostas, e Eduardo reparou no detalhe do brinco dourado, que balançava como um pequeno pêndulo hipnótico.

— E essa aqui? — perguntou Luísa, apontando para uma capa transparente com brilhos discretos. — Será que combina comigo?

Eduardo hesitou, os olhos percorrendo o rosto dela antes de olhar para a capinha.

— Combina — respondeu com convicção.

— Mas acho que qualquer coisa combina com você.

Ela sorriu de novo, e dessa vez havia algo a mais: um leve rubor nas bochechas, ou talvez fosse o reflexo da luz da vitrine.

O tempo parecia não obedecer às horas comerciais. Lá fora, a cidade continuava, mas, dentro daquela loja, Eduardo sentia que o mundo tinha diminuído até caber no espaço entre ele e Luísa.

Ela girou a capinha nas mãos, como quem avalia, mas seus olhos não deixavam os dele por muito tempo. Havia algo no jeito que ela olhava; não era apenas curiosidade comercial, era uma dança silenciosa, um convite para que ele decifrasse um mistério.

— Você acha mesmo? — disse, arqueando levemente uma sobrancelha. A voz tinha uma doçura lenta, quase preguiçosa, que fazia as palavras deslizarem pelo ar como mel.

Eduardo se aproximou para pegar o celular dela. Seus dedos roçaram de leve nos dela, e, nesse instante, ele percebeu que podia descrever a temperatura daquela pele por toda a eternidade. Um calor suave, quase um sussurro, percorreu seu corpo.

— Acho — disse firme, mas com um sorriso que denunciava seu encantamento. — Acho que ela não vai só proteger o seu celular... vai revelar algo sobre você.

Luísa mordeu o canto dos lábios, como se estivesse prestes a responder, mas se conteve. Apenas deixou que ele encaixasse a capinha e, quando a colocou de volta em suas mãos, seus dedos se

encontraram outra vez, como se o destino tivesse decidido repetir o toque.

Do lado de fora, um vento leve passou pela rua, carregando folhas secas e o som distante de uma música que algum vizinho ouvia. Lá dentro, o ar parecia mais denso, carregado de uma eletricidade que não precisava de tomada.

— Acho que vou levar... — disse ela, mas seu tom não falava apenas da capinha.

Eduardo, sem entender exatamente, sentiu o coração acelerar.

— Eu vou embrulhar? — perguntou, tentando manter a formalidade de vendedor, mesmo que sua voz já tivesse traços de homem envolvido.

— Não precisa. — Ela ajeitou a alça da bolsa no ombro e inclinou-se levemente em direção a ele. — Gosto de coisas assim... sem muita embalagem.

E, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela sorriu novamente, um sorriso que ficou gravado nele como a primeira frase de um livro que ele teria que ler até o fim.

Eduardo entregou o celular a Luísa e, naquele instante, algo nele relutava em deixar a cena terminar. Ela segurou o aparelho com delicadeza, mas, ao mesmo tempo, seus dedos permaneceram um segundo a mais tocando os dele, tempo suficiente para que seu corpo registrasse aquele gesto como uma promessa.

— Quanto deu? — perguntou ela, já abrindo a bolsa.

Ele falou o valor, mas sua voz soou distante, como se as palavras fossem apenas um pano de fundo para o que realmente estava acontecendo ali. Luísa pegou a carteira e, ao abri-la, um papelzinho dobrado caiu discretamente no balcão.

— Ops... — disse ela, abaixando-se para pegar, mas Eduardo foi mais rápido. O toque de suas mãos sobre o papel foi breve, mas carregado de algo que nem um romance inteiro poderia explicar em poucas linhas.

Ela sorriu, pegou o papel e, antes de guardá-lo, escreveu rapidamente alguma coisa na parte de trás. Em seguida, estendeu-o para ele, como se fosse um simples recibo.

— Caso precise falar comigo... — disse, piscando de leve.

Eduardo segurou o bilhete como quem segura um segredo perigoso, mas irresistível.

Luísa deu dois passos em direção à porta e, antes de sair, virou-se. O sol da manhã bateu nos fios de seu cabelo, criando um brilho dourado ao redor do rosto.

— Até logo, Eduardo.

Não foi um “tchau” comum. Foi um “até logo” carregado de significado, como se ela já soubesse que voltaria.

Quando ela passou pela porta de ferro, Eduardo ficou ali, parado, com o papel entre os dedos e o coração batendo mais rápido que qualquer notificação de celular.

Olhou para o bilhete. Um número de telefone. A caligrafia feminina, levemente inclinada, parecia um convite para atravessar um portal.

Lá fora, Luísa caminhava sem pressa pela calçada. Lá dentro, Eduardo sabia que aquele dia não seria como os outros e que, de algum jeito, a vida acabara de lhe entregar algo mais precioso do que qualquer produto em sua vitrine.

Naquela noite, Eduardo demorou a ir embora. Fechou a loja mais tarde do que de costume, não por falta de clientes, mas porque o pensamento insistia em não sair dali. O bilhete repousava

dobrado no bolso da camisa, como se tivesse peso próprio. Não era papel. Era promessa.

Em casa, tentou jantar, ligou a televisão, fingiu normalidade. Tudo em vão. O mundo parecia em modo silencioso, esperando apenas um gesto. Pegou o celular, respirou fundo, deu aquele suspiro meio ridículo, meio inevitável, e digitou o número.

“Oi, aqui é o Eduardo... da capinha. Espero não estar ligando tarde demais.”

A resposta veio rápida, quase impaciente com a espera.

“Eu estava começando a achar que você gostava mesmo era de embalagens.”

Ele riu sozinho, alto, daquele riso que não pede permissão. Conversaram por horas. Sobre coisas simples, bobagens, sonhos guardados, silêncios antigos. Descobriram afinidades improváveis e diferenças deliciosas. Desligaram tarde, com a sensação estranha e maravilhosa de quem se conhece há muito mais tempo do que admite.

Luísa voltou à loja dias depois. E depois de novo. Às vezes comprava alguma coisa, às vezes não. Às vezes ficava pouco, às vezes ficava demais. O Empório do Celular virou ponto de encontro, desculpa elegante, cenário de algo que crescia sem pressa, como tudo que é verdadeiro.

Vieram os cafés, os almoços improvisados, as caminhadas sem destino. Vieram as conversas sérias e as gargalhadas sem motivo. Vieram os dias difíceis, porque eles sempre vêm, mas vieram também as mãos dadas, os olhares cúmplices, a certeza tranquila de não estar mais sozinho.

Eduardo aprendeu que o amor não chega com fogos de artifício todos os dias. Às vezes, ele chega perguntando por uma

capinha. Luísa aprendeu que algumas portas se abrem não para vender, mas para mudar destinos.

Anos depois, quando alguém perguntava como tudo começou, eles trocavam um olhar rápido, cúmplice, e sorriam.

— Foi coisa simples — dizia Eduardo.

— Sem muita embalagem — completava Luísa.

E era verdade.

Porque o amor, quando é de verdade, não precisa de vitrine.

Ele apenas entra, fica... e transforma tudo.

Nah Carvalho



nahcarvalhoamgmail.com

São Bernardo do Campo – São Paulo

O Fundamento de uma Fé Sobrenatural

Toda explicação da fé cristã repousa sobre a convicção de que há um poder invisível que governa o mundo visível. A Bíblia Sagrada, nossa fonte de autoridade e sabedoria, nos apresenta o patriarca Abraão não apenas como um exemplo de obediência, mas como o “Pai da Fé”, cujo relacionamento com Deus definiu o que significa crer no impossível.

“(Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem.” (Romanos 4:17)

Este texto não é apenas uma descrição de Abraão, mas também uma descrição de Deus e de como a fé deve operar em nós. Ele nos revela que a fé genuína está alinhada à natureza de Deus e que possui dois atributos fundamentais:

1º – O Poder da Ressurreição: Ele “vivifica os mortos”.

2º – O Poder da Criação: Ele “chama as coisas que não são como se já fossem”.

No versículo 3, podemos ver: “Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça.”

Primeiramente, podemos perceber que a salvação, ou a justificação (o ato de sermos declarados justos diante de Deus), não é conquistada por obras da lei, rituais ou por mérito próprio. Na verdade, ela acontece pela fé. O apóstolo Paulo descreve a fé de Abraão como algo que não se baseava na sua capacidade ou no seu esforço, mas na confiança em um Deus que dá vida aos mortos e faz acontecer o que parece impossível.

No início deste versículo, quando Paulo fala, ele ilustra esse princípio: Deus o constituiu *“pai de muitas nações”*, mesmo antes que ele tivesse qualquer descendência. A fé de Abraão não era uma fé passiva; era uma confiança no caráter e no poder do Criador, que consistia em concordar com essa declaração, acreditando com toda a sua esperança natural. E isso se tornou realidade justamente por causa da sua fé em Deus. Essa mesma fé se estendeu a todos os que creram e se tornaram filhos espirituais de Abraão.

O Deus que Vivifica os Mortos

A primeira parte deste versículo diz: *“o qual vivifica os mortos”*, e tem duas aplicações na vida de Abraão.

1ª – O ventre de Sara: Abraão considerou o seu próprio corpo como *“amortecido”* e o ventre de Sara como *“sem vigor”*, ou morto para geração (Romanos 4:19). Deus precisava fazer o que era humanamente impossível para cumprir Sua promessa. Sara, mesmo já tendo uma idade avançada, com 90 anos, concebeu e deu à luz o filho da promessa. A concepção de Isaque foi um milagre que atestou o poder de Deus de dar vida onde a biologia e a idade decretavam *“a morte”*, mostrando a confiança em Deus mesmo nas circunstâncias mais improváveis. Quem hoje, em idade avançada, teria essa coragem e essa esperança? Ele deu vida ao ventre de Sara, que naquela idade jamais poderia gerar um filho.

2ª – A Ressurreição de Cristo: Para nós, herdeiros da fé de Abraão, esta frase aponta diretamente para a ressurreição de Jesus. A fé que justificou Abraão é a mesma fé que nos justifica hoje: crer no Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos (Romanos 4:24–25). O poder de Deus que vivificou o ventre de Sara e ressuscitou a

Cristo é o mesmo poder que opera em nós para nos dar nova vida e cumprir Suas promessas.

O Deus que Chama à Existência

A segunda parte do versículo, e o foco principal da nossa reflexão, é o poder de Deus que *“chama as coisas que não são como se já fossem”*. Esta é uma definição da autoridade criativa d’Ele. Quando Deus muda o nome de Abrão (*“pai elevado”*) para Abraão (*“pai de uma multidão”*), ou seja, *“pai de muitas nações”*, Sara ainda não tinha filhos. A realidade física era de esterilidade, mas a realidade decretada por Deus era de fertilidade e multiplicação.

Deus não espera a evidência para falar; Ele fala para criar a evidência. A fé de Abraão foi simplesmente concordar com a realidade de Deus acima da realidade visível. Ele acreditou na declaração do Criador e, ao fazê-lo, alinhou sua vida à força criativa do universo. Ele não tentou criar a descendência; ele creu na Palavra que a criaria. Ele não foi ingênuo, ele foi realista.

Os versículos Romanos 4:19–21 nos dão a imagem completa de sua luta e vitória:

“E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido (pois era já de quase cem anos), nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara; e não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus, e estando certíssimo de que o que Ele tinha prometido também era poderoso para o fazer.”

Abraão considerou a situação; ele levou em conta os fatos (a idade avançada, a esterilidade). Ele viu a *“morte”* da situação, mas não enfraqueceu na fé.

Portanto, a expressão “chamar as coisas que não são como se já fossem” significa que Deus enxerga o resultado final antes mesmo de ele se concretizar. Ele fala dessa realidade como se já existisse. Isso mostra que a fé é exatamente assim: acreditar naquilo que ainda não podemos ver, confiando que o resultado já é garantido.

Tudo depende de você, desde que sua fé e suas palavras estejam alinhadas aos princípios de Deus, de acordo com a vontade d’Ele. Chamar à existência é a troca intencional da confissão da derrota pela confissão da promessa.

Devemos declarar a realidade que desejamos, chamando à existência coisas que ainda não existem no mundo físico. Isso não significa pensamento positivo “vazio”, mas uma confissão de fé baseada na autoridade da Palavra de Deus. Podemos abrir a boca para declarar (*falando declarado*) o resultado que esperamos, como se já tivesse acontecido. Romanos 10:10 diz que “*com a boca se faz confissão para a salvação*”. Isso não se limita à salvação da alma, mas à manifestação da vitória em qualquer área.

Por exemplo, em vez de dizer “*estou doente*”, podemos declarar: “*... e pelas suas pisaduras estou curado.*” (Isaías 53:5) ou “*... pelas suas feridas fostes sarados.*” (1 Pedro 2:24). Nossa palavra deve ser um eco audível da promessa de Deus. Quando falamos da promessa, estamos, de fato, “chamando à existência” a paz, a cura, a provisão e a restauração.

Outro ponto importante é o olhar da fé. Como está escrito: “*Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem.*” (Hebreus 11:1)

A visualização da fé é fundamental. Não é apenas imaginação; é a capacidade de ver a situação resolvida, sentir o

milagre acontecendo, a provisão chegando, antes que se manifeste no mundo natural. Isso fortalece nossa convicção e nos impede de duvidar. É a mente espiritual se recusando a aceitar a imagem da derrota imposta pelo mundo e abraçando a imagem da vitória decretada por Deus.

Um exemplo prático: se você está lutando por uma cura, a visualização da fé é “*ver*” seu corpo curado, cheio de vigor, realizando atividades que a doença impedia. É dar glória a Deus (Romanos 4:20) pelo corpo já sarado. É como um arquiteto que vê o prédio pronto antes mesmo de cavar o primeiro buraco. O projeto existe na mente; a vitória precisa existir no espírito.

O princípio de Romanos 4:17 é uma convocação para vivermos na Realidade Maior do Reino de Deus. Nossa realidade não deve ser definida pelo que o ego diz, pelo que as pessoas dizem ou pelo que os olhos naturais veem, mas pelo que Deus diz a nosso respeito.

Neste momento, há algo “morto” ou “não existente” em sua vida que Deus deseja vivificar ou criar?

- Talvez seja um sonho enterrado.
- Talvez seja um relacionamento.
- Talvez seja sua saúde.
- Talvez seja sua vida financeira, por estar desempregado(a).
- Talvez seja um ministério que esfriou.
- Talvez seja a paz interior que a ansiedade roubou.

Lembre-se: você é filho e filha de Abraão pela fé. A mesma capacidade de crer no Deus que dá vida aos mortos e chama as

coisas que não são como se já fossem está disponível para você, por meio do Espírito Santo.

Nossas ações devem refletir a certeza da nossa fé, e não a incerteza das circunstâncias. Este versículo nos dá a chave para uma vida de vitória: a fé que declara a realidade de Deus acima da realidade visível. Não se trata de esperar para ver, mas de crer para criar.

Ao chamarmos as coisas que não são como se já fossem, estamos liberando o poder de Deus em nossas vidas. Haja e fale hoje a partir da promessa cumprida e veja o invisível se tornar visível em sua vida.

Neusa Maria Cesarino Martins



neusacesarino1gmail.com

Osasco – São Paulo

Pé-de-Porco

A história de Juvenal, que mais tarde seria conhecido como “Pé-de-porco”, é a história de tantas outras pessoas espalhadas em qualquer grande metrópole brasileira.

Juvenal da Silva, nascido em Gilbués, no interior do Piauí, chegou a São Paulo em 1965, aos 18 anos, escapando da pobreza e da seca. De sua cidade natal, trazia consigo poucos pertences, calcanhares rachados e um carrapato escondido no dedão do pé esquerdo.

Pegou carona num pau-de-arara e, de cidade em cidade, a bondade de um caminhoneiro o aproximava cada vez mais de seu destino. Numa madrugada fria, chegou à terra da garoa. Os faróis de tantos automóveis e o vai e vem de gente de todo sotaque, trejeitos e tipos entonteceram Juvenal, cujos passos já vacilavam pela fraqueza no estômago.

Nas costas, a pequena trouxa de roupas parecia mais pesada que antes, como se a poeira da estrada, misturada ao suor, tivesse lhe acrescentado mais quilos do que conseguia suportar. Sentou-se no meio-fio da calçada, na estação Júlio Prestes, e ficou ali observando o movimento.

Conseguiu, enfim, chegar à pensão onde o primo Neto, já estabelecido na capital, tinha um quarto alugado e um emprego na construção civil. A esperança se acendeu em Juvenal: “Havia de ter a mesma sorte”, pensou. O pouco dinheiro que trazia, contudo, mal daria para uma semana na pensão, comendo apenas pão e água.

A construção civil se tornou a tábua de salvação para Juvenal. Empregou-se em uma obra perto da pensão, trabalhando de sol a sol. O almoço era garantido, além de um salário-mínimo

mensal. Nordestino de corpo franzino e pele queimada pelo sol do Sertão, ele estava acostumado à lida dura na roça. Trocou o arado puxado pelo burro Barnabé pela pá e enxada que misturava areia e cimento na obra. Que obra! Iniciada em 1913, a Catedral da Sé só ficaria pronta em 1967, e Juvenal estava lá, fazendo parte desse feito grandioso.

No ano seguinte, com a fase de acabamento se aproximando, muitos operários foram dispensados. O trabalho agora exigia gente mais qualificada, e Juvenal, que dominava apenas a massa, o transporte de tijolos e todo o serviço braçal, não se encaixava no perfil.

Desempregado, Juvenal precisou deixar a pensão e passou a ocupar um pequeno espaço embaixo do Viaduto do Chá. Em pouco tempo, tornou-se **invisível**. As pessoas iam e vinham quase pisando em suas pernas quando ele estava sentado na calçada. “Que poder é esse de se tornar invisível?”, pensava.

Perambulando pelas ruas do centro da cidade, buscava qualquer tipo de oportunidade, mas, sem qualificação profissional e semianalfabeto, seu perfil não se encaixava nas vagas. A cada dia, sua aparência o distanciava mais de qualquer possibilidade de recolocação. Roupas surradas e sujas, barba por fazer, cabelos compridos e emaranhados, e o forte odor de suor impregnado em sua pele eram verdadeiros repelentes a qualquer tentativa de contato.

Começou a recolher latinhas e papelão nas lixeiras dos comércios, mas até essa forma de sobrevivência lhe foi negada. A área já estava saturada de catadores de recicláveis, que disputavam cada material. Numa dessas brigas, Juvenal se envolveu em uma confusão que lhe custou um olho perfurado.

Não havia mais dinheiro, nem mesmo um trocado para o pãozinho do café da manhã. Não demorou para que Juvenal revirasse os contêineres de lixo nas calçadas, tamanha era a fome que fazia seu estômago gritar. Cada vez mais invisível, aquele homem franzino e de pele queimada parecia mais um urubu revirando latas de lixo, disputando restos com os pombos da cidade, que vinham em bandos. Chegou a pensar em comê-los, mas logo tirou a ideia da cabeça; comer pombos seria o fim de sua dignidade humana.

O álcool passou a ser seu companheiro nas noites frias de São Paulo. Durante o dia, procurava incansavelmente por garrafas com restos de bebida esquecidas nos cantos das calçadas e copos deixados nos balcões dos bares, onde, sorrateiramente, sugava até a última gota. Do alcoolismo para as drogas, foi apenas um passo. Um traficante, disfarçado de bom samaritano, lhe ofereceu o primeiro trago e, depois, passou a explorar sua miséria, tirando-lhe até os sapatos surrados que, bem ou mal, ainda protegiam seus pés das longas caminhadas diurnas.

Roubar jamais fora uma opção para Juvenal. Criado em uma família humilde do sertão do Piauí, a pobreza nunca impediu que seus pais lhe transmitissem os bens mais preciosos: o caráter e a religiosidade. Católicos fervorosos, educaram-no com os rigorosos preceitos da Bíblia e sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição.

Mas entre a força interior e a fome intensa, somada à abstinência de álcool e drogas, Juvenal fraquejou. Pela primeira vez em sua vida, ele arrancou o celular das mãos de um jovem que passava distraído. Esse feito lhe rendeu a comida do dia, um copo de cachaça e um baseado. Aquela noite foi perfeita, não fosse o

romper da manhã seguinte, que o despertou com o pesadelo de estar sendo duramente chicoteado pelos pais e excomungado pelo pároco da igreja onde, na infância, fora coroinha.

O Natal se aproximava, e as ruas do Centro estavam iluminadas como nunca. Uma beleza de se ver. Como ele gostaria que seus pais e irmãos menores pudessem apreciar aquilo de perto. Era incrível como o espírito natalino transformava o olhar da maioria das pessoas. De repente, um transeunte ou outro enxergava Juvenal. Por sorte, alguém o cobriu com um cobertor velho em uma madrugada fria perto do viaduto onde ele, encolhidinho, se refugiava. Outro deixou-lhe um resto de comida em um marmitex.

Mas esse tempo mágico, que fazia ressurgir a solidariedade, logo passava com a mesma rapidez com que as luzes da cidade se apagavam, e as almas humanas voltavam a ser invisíveis. A alegria de Juvenal duraria pouco. Logo as festas passariam, e as crianças exibiriam pelas ruas os presentes que Papai Noel lhes deixou – nem todas as crianças, apenas as obedientes, pois o bom velhinho era implacável nesse quesito. Muitas crianças, como era comum, seriam privadas de presentes, especialmente as mais pobres. Juvenal, que nunca fora visitado pelo Papai Noel na infância, pensava: “Será que quanto mais pobre, mais desobediente a criança é?”. E, em sua cabeça, estava ali a justificativa, e o bom velhinho, então, estava perdoado.

Antes de se fartarem na ceia de Natal, as famílias lotaram a Catedral da Sé para a Missa do Galo. Juvenal continuava ali, embaixo do Viaduto do Chá. Gostaria de ir à missa para agradecer a Nossa Senhora da Conceição pelos tijolos que ajudou a erguer na Catedral, mas em seu íntimo sabia que não era “digno” de juntar-

se aos ilustres naquela noite especial. Ficou ali, ouvindo de longe as badaladas do sino que anunciavam a chegada da meia-noite. A Missa do Galo.

Na madrugada, Juvenal continuava observando a multidão que deixava a Catedral: homens e mulheres vestidos de luxo, disfarçados de luxúria, que, depois de assistirem à Missa do Galo, voltavam para casa aparentemente felizes e com a sensação do dever cumprido.

Para Juvenal, aquela madrugada deixou apenas uma marca: um apelido tão cruel quanto apropriado à sua nova aparência: **Pé-de-porco**. Um jovem, com a preguiça de perguntar seu nome, o chamou assim, e o apelido pegou. Ninguém enxergou a intensidade do frio que ele estava sentindo, arrepiando sua pele e fazendo seus dentes tremerem. Tampouco ouviram o barulho do seu estômago roncando de fome, mas o jovem notou a aparência de seus pés rachados e sujos.

Os sentimentos de Juvenal eram tão invisíveis quanto os de tantos outros que habitam os cantos sombrios da cidade de pedra. Os mesmos sentimentos que transformam homens em humanos costumam ser seletivos. Aquelas pessoas tão bem-vestidas pareciam mais humanas, enquanto os maltrapilhos que estavam aos montes pelas calçadas, tentando se aquecer uns com o calor dos outros, pareciam qualquer coisa, menos humanos.

Nessa noite, o jovem tão criativo que apelidou Juvenal de Pé-de-porco, assim como as outras pessoas que rezaram fervorosamente na Missa do Galo, dormiram em paz, no calor de suas camas macias.

A cidade amanheceu silenciosa e fria na manhã de Natal — algo incomum para o verão. As famílias estavam recolhidas em

suas casas, aquecidas pelas lareiras acesas e fartando-se das delícias entre rabanadas, peru recheado e uma infinidade de presentes trocados, tão supérfluos quanto as horas desperdiçadas entre bebedeiras, fofocas e intrigas familiares.

Juvenal, naquela manhã, teve seu dia de glória e saiu do anonimato para as páginas dos jornais. Ajoelhado em frente à porta principal da Catedral da Sé, com uma medalhinha de Nossa Senhora da Conceição cravada entre as mãos, ele terminou seus dias. Não suportou o frio intenso.

O jovem que o apelidara de **Pé-de-porco**, por motivo desconhecido, atirou-se do Viaduto do Chá naquela mesma manhã. Há quem afirme fervorosamente ter visto a pobre alma se desprender do corpo do rapaz enquanto ele caía, emitindo um gemido pavoroso, como o de um porco a caminho do matadouro. Se isso é realmente verdadeiro, deixo para o leitor decidir. Foi assim que me contaram.

Olvir Fadani Canton



olvircanton68@gmail.com

Arvorezinha – Rio Grande do Sul

Pacto com o Diabo

Silvestre termina as suas tarefas e vai tomar banho no rio. Após o banho, pega o cavalo para sair.

— Aonde vai, homem, com tanta pressa? — pergunta Maria, sua esposa.

— Vou lá no compadre Gumerindo.

— Mas o que tu vais fazer lá?

— Vou levar o violão para o compadre afinar.

Cavalo encilhado, dá um beijo na pessegueira e vai saindo bem devagar.

— De que adianta afinar o violão, se tu nem sabes tocar?

— É, mas hoje é sexta-feira, e é a primeira sexta-feira da quaresma. Vamos ver se ele ajuda?

— E o que tem isso?

— Tem que, na volta, na volta, lá na encruzilhada, eu vou pedir ajuda ao diabo para me ensinar.

— Larga mão disso, homem de Deus, não mexe com essas coisas.

E lá se foi o futuro violeiro pro rumo do rancho do compadre. Dava mais ou menos uma hora no lombo do pingo até a casa do compadre. Quando chegou, estava quase escuro. O compadre Gumerindo estava lá com uma panela de carne no fogo, sobre o tição. Ele fez uma festa com a chegada do amigo.

— Vai chegando, compadre. Apeia, que é pra já que eu preparo um bom chimarrão para nós tomarmos, que a boia é pra já que sai.

Tomaram umas cuias de mate e depois o compadre tirou a panela do fogo.

— Vamos comer, que está pronto. Se não, esfria. E boia fria não presta.

Comeram meio no escuro, só com o claro do fogo.

— Amigo, depois tu me afinas o violão, que não tem jeito de aprender.

— Afino, sim, compadre, mas agora vamos comer.

— Eu vou tirar mais uma pratada... Que essa carne está muito boa.

— Tu sabes, compadre, que eu sempre faço boia boa.

Depois da pança cheia, o compadre Gumercindo pergunta:

— Do que tu achas que era a carne que tu comeste?

— De galinha, ora!

— Que galinha! Nada de galinha! Era carne de lagarto que eu matei lá perto da taipa. Deu uns 5 kg. Meus 2 cachorros se viram mal com o bicho; deu uma peleia das boas e mais ou menos 1 hora de briga. Não vai passar mal agora que tu sabes o que comeu.

— Não vou ficar doente, mas me passa mais um trago de canha para acomodar essa carne de lagarto.

— Toma mais uns goles enquanto eu afino o violão do amigo.

Gumercindo afinou violão e tocou umas modas para o compadre, umas milongas, uns xotes, uns tangos. Silvestre estava admirado com a destreza e os ponteios do compadre. De vez em quando, Silvestre olhava para o relógio de bolso e seu compadre intervinha.

— É cedo, compadre, parece preocupado.

— É que hoje é sexta-feira.

— E o que tem a sexta-feira?

— Antes da meia-noite, eu vou para a encruzilhada para ver se o diabo me ajuda a aprender a tocar violão e a ficar rico.

— O senhor tem coragem?

— Tudo bem, sabes que eu tenho, compadre.

— Sei que não é assustado, mas tu sabes que o diabo dá, mas quer algo em troca.

— O que o diabo pode querer de mim, que só tem uma mulher e um rancho caindo aos pedaços?

— Não sei. A sua alma, por exemplo. Seu Gumercindo, se eu fosse o amigo, não fazia tal negócio, não cutucaria o diabo com a vara curta, pois o senhor pode se queimar, mas como eu não sou o compadre, faça o que bem entender.

Silvestre, lá pelas onze e meia, diz para o compadre:

— Falta trinta minutos para meia-noite. Obrigado pela boia, pelo mate, pela canha, pela cantoria, mas eu tenho compromisso. Quando quiser, venha se cobrar lá em casa.

Despediu-se do compadre e se mandou para encruzilhada. Chegou, apeou do pingo, acendeu mais um palheiro, tomou um trago de canha e, a cada instante, puxava o relógio do bolso. Estava ansioso e um pouco nervoso. Não é toda a noite que se tem um encontro com o tinhoso. Olha novamente as horas, e são exatamente meia-noite, nem um segundo a mais ou a menos. Então ele fala:

— Vim aqui propor um negócio ao senhor, seu tinhoso.

Silvestre cortou uma mecha do seu cabelo e fez um pequeno corte no dedo para pôr umas gotas de sangue no contrato. Pôs também uma fotografia e colocou tudo dentro de uma pequena caixa. Fez uma cova com a ponta da faca e enterrou-a bem no meio da encruzilhada. E ficou esperando, andando de um lado para o

outro. Já estava ficando impaciente, pois ninguém estava interessado em vir escutar a sua proposta de negócio. Esperou mais um pouco e aí resmungou umas palavras feias, resolveu ir embora. Quando desanimado, já estava com o pé no estribo, achando que ninguém apareceria. Do nada, baixou uma cerração e um cheiro forte de enxofre. Ele ficou meio assustado, pois não viu mais nada ao seu redor. Viu só um vulto, como se fosse um cachorro grande. Daí a um pouco, surgiu uma mulher linda, com o cabelo preto e um longo vestido vermelho.

— Sr. Silvestre, achou que eu não vinha? Quem mexe com o capeta tem que estar preparado.

— Eu não tenho medo. Achei que não viria ninguém.

— Eu estou aqui, não estou?

— É, mas eu esperava o chefe, não uma empregada.

— Tu achas que sou só uma empregadinha?

— É, diziam que o diabo era muito feio?

— Então o senhor gostou da diaba linda?

— Sim, gostei, e o chefe de guampa?

— O chefe está muito ocupado com coisas maiores. Quando a coisa é pouca, ele manda uma de nós. Faça logo o seu pedido, que eu não tenho a noite toda.

— Eu quero ser um grande violeiro e enriquecer.

— Só isso — disse a diaba, rindo. — Mas o senhor sabe que vai ficar me devendo e que, em alguns anos, eu lhe mando a conta.

Assim como chegou, desapareceu.

Daquela noite em diante, seu Silvestre passou a ser o violeiro mais requisitado da região. Tocava em tudo o que era festas, casamentos, carreiras, fandangos; onde ele tocava, o povo comentava: Esse é dos bons. Parece que toca pelas tripas do diabo.

Tudo o que ele fazia dava lucro. Até no jogo de baralho, que antes nunca ganhava de ninguém, agora passou a ganhar, no truco, no nove, e embaralhava com tanta destreza; fazia um pouco de tudo com o baralho. E a sorte nas carreiras: apostava sempre no azarão e sempre ganhava, com os cavalos dos adversários. Sempre dava alguns problemas: saíam do trilho, o jockey caía, o cavalo não saía; de uma maneira ou outra, seu Silvestre gaivava em tudo o que era jogo. Estava enriquecendo o praga. E Gumerindo, seu compadre, começou a contar o caso da noite da encruzilhada: Ele não sabia nem afinar o violão, fui eu que lhe ensinei, e não tocava nada. Depois daquela noite que o diabo lhe ensinou lá na encruzilhada, ele está fazendo coisas que até Deus duvida. E quem ouvia as histórias do seu bom Gumerindo, alguns ficavam meio descrentes; outros, que acreditavam, contavam a história adiante e emendavam mais um pouco. Assim, a história do seu Silvestre se esparramou mundo a fora e seu Silvestre cada vez mais rico e poderoso.

Alguns anos mais tarde, aquela mesma diaba entra no quarto do nosso violeiro e acorda-o, e diz:

— Vim receber. Tu sabes que eu lhe dei o que o senhor me pediu. Agora é a minha vez.

Silvestre acorda, esfregando os olhos, meio assustado, como que não acreditando em que estava ali, em seu quarto.

— Mas qual é o pagamento?

— O teu filho vai completar sete anos. A cada sete anos o diabo cobra. Eu quero a vida do teu menino.

— Meu menino, o meu Valentino, não.

— Se não for ele, tem que ser alguém da sua família. Em três dias eu volto.

Silvestre andava muito preocupado, pois não sabia o que fazer. Naqueles dias, ele andava nervoso, tudo era motivo para briga, bebeu, resmungou, quase não ficava em casa. A diaba em breve estaria de volta e ele teria que entregar o filho ou a mulher dona Maria, ou ele mesmo; um dos três iria para o caixão. O tempo correu de pressa e a diaba voltou com aquele forte cheiro de enxofre, com aquele sorriso debochado e macabro.

— E aí, quem será? Já chegou a uma conclusão?

— Posso fazer um outro brique?

— Não lembra que o senhor colocou o seu sangue no contrato?

— Sim, eu lembro, mas eu estava desesperado.

— Com o diabo não há volta.

— Pode levar a mulher.

Quando foi meia-noite, dona Maria morreu. Foi aquele desespero, principalmente do filho. Silvestre também chorava. Mas fazer o que? Não podia mais voltar atrás do trato com o tihoso.

Silvestre ficou pensando no que a diaba lhe disse: de sete em sete anos o diabo cobra conta. Resolveu então fazer alguns filhos com algumas escravas: quando vierem me cobrar, eu entrego alguns desses mulatos. E assim fez: pagou algumas negras para elas de terem filhos com ele. Como a Josefa, ele já estava envolvido a algum tempo, com a Leia, com a Margarida e sabe lá mais com quem. Em pouco tempo, o terreiro estava cheio de meninos e meninas chamando-o de pai.

Parece mentira, mas o tempo voa. E passaram-se mais sete anos e mais uma vez chegou à conta. Lá veio a diaba com seu vestido vermelho e seu cheiro de enxofre, e aquela rizada do outro mundo, e que sabe.

— E aí, seu Silvestre, vai me entregar seu filho Valentino?

— Não pode ser um outro? Eu lhe entrego o Sebastião, que é o meu filho com a nega Josefa.

A diaba ficou meio contrariada. Não quis aceitar, mas acabou aceitando.

— Desta vez eu aceito, mas na próxima é o senhor ou o seu filho Valentino; um dos dois vai para o caixão. Se quiser fugir, pode fugir, mas não vai adiantar: meus cães do inferno o encontrarão, nem que tu fores para o fim do mundo, eles o encontrarão, e tu iras ao fogo do inferno.

Na meia-noite, morre o Sebastião, o filho da negra Josefa. Muito choro e tristeza, mas o que posso fazer, se é o destino quis assim. Seus silvestres continuavam fazendo muita festa, muita folia e muitos filhos. Parecia que quanto mais gastava, mais ganhava dinheiro. Seu filho Valentino sabia que todos os filhos das escravas, os meninos, as meninas, eram filhos de seu pai e eram, portanto, seus irmãos.

Anos mais tarde, Silvestre andava cada vez mais pensativo. O tempo passa. Valentino vê que seu pai anda mudado, calado, meio acabrunhado; nem parecia o mesmo de algum tempo atrás. Já não canta, toca mais.

— O que está acontecendo com o senhor, meu pai?

— Nada, meu filho. Já está na hora de arrumar uma boa mulher para se casar, que o seu pai não vai viver para sempre.

— O que é isso? O senhor é de ferro, nunca ficou doente.

— Sua mãe também não era doente. Fui dormir e nunca mais acordou.

Silvestre sabia que o dia da cobrança se aproximava, pois Valentino estava com quase 21 anos. Willy, o filho, um dos 2 iria

pagar o caixão e seria levado ao cemitério. Resolveu fugir, encilhou o melhor cavalo e se mandou para a casa do negro Gumerindo, que há muito tempo não via. Seu compadre já estava bem velho, com seus cabelos brancos, mas recebeu com muita alegria o amigo. Como recebia a todos que chegasse ao seu rancho, Silvestre contra toda a história ao compadre.

— O que eu lhe disse naquela vez, lembra? O tihoso dá tudo o que se pede, mas quer algo em troca. E o preço é muito alto.

— É, compadre, hoje eu sei que o amigo tinha razão, mas agora já é tarde. A diaba me disse que se eu fugisse, ela mandaria os cães do inferno para me pegar.

— Deixa para mim, compadre, aqui eles não entram.

Colocou sal grosso e água benta nas portas, nas janelas e redor da casa. O negro Gumerindo ficou em pé, cuidando.

— Pode dormir. Qualquer coisa eu lhe chamo.

Lá pela meia-noite, os cães chegaram, fazendo um barulho infernal lá fora, mas não conseguiram entrar, pois o sal grosso e a água benta os mantiveram há uma certa distância. No outro dia, foram ver o estrago na árvore próxima; todas estavam arranhadas; as tábuas do galpão estavam quase todas destruídas.

— Não posso mais ficar aqui, pois o amigo também corre perigo. Vou fugir durante o dia.

— Mas, compadre, eu não estou lhe mandando embora; fiques o tempo que quiser.

— Eu sei, meu amigo, mas eu devo seguir e enfrentar esse problema que eu mesmo criei.

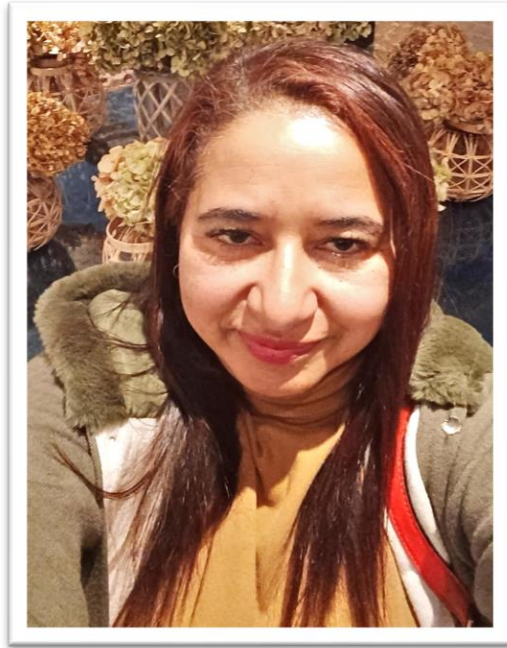
— Se é a vontade do compare.

— Sim, eu vou correr muito durante o dia; quando for noite, eu estarei bem longe daqui.

Silvestre montou em seu cavalo e saio grande disparada. Gumerindo ficou na porta acenando para o seu compadre e falando sozinho: pobre do compadre, os cães não são deste mundo. Ele pode correr todo o dia, de nada vai adiantar.

Mas à noite, os cães encontram o rastro. O cavalo correu, mas não o suficiente. Numa ribanceira, o cavalo se assustou com os cães; seu Silvestre caiu no cavalo, quebrou o pescoço e morreu. Como a morte de quem fez o pacto, a maldição acabou. Valentino, após a morte do pai, resolveu dar partes iguais aos irmãos. E o seu Gumerindo veio morar junto com ele para ser o seu conselheiro. Em toda a questão mais complicada, Valentino que dia opinião do velho negro, quero endereçado que por ser muito sábio sempre achavam uma saída.

Patricia Santos de Azevedo



patriciaenilson1977@gmail.com
Corella – Navarra – Espanha

Amor Incondicional

Amor incondicional é o amor de Deus pela humanidade. Sabemos que existem muitos e vários tipos de amores, mas o amor único, puro e verdadeiro vem de nosso Pai Celestial, porque quem seria capaz de dar o seu filho para sofrer e morrer por outras pessoas? Que mãe ou que pai diria a seu filho para ele apanhar, ser humilhado, sofrer e, por fim, ter uma morte de cruz, de terrível dor e sofrimento, somente porque esse Pai ama tanto os seres humanos que preferiria ver seu único filho morto para salvar a todos esses filhos que são maus filhos, são filhos ingratos que não o reconhecem como Pai, não o obedecem, não querem ser melhores pessoas e não reconhecem o sacrifício do seu filho, não o amam, porque, se o amassem, fariam a sua vontade e o serviriam, não o respeitam; se o respeitassem, não fariam tanta desobediência à sua palavra e aos seus mandamentos.

É difícil entender o amor de Deus para com o ser humano, porque somos seres que temos raciocínio, sabemos o que é certo e o que é errado e seguimos a praticar mais o errado do que o correto. É difícil ver pessoas preocupadas com outras pessoas, é difícil ver gente querendo ajudar o próximo, é quase impossível que uma pessoa deixe de comer para dar a outra que esteja muito mais necessitada ou que esteja realmente morrendo de fome. Todos pensamos em nosso bem-estar em primeiro lugar, não que esteja errado pensar em nós e em nossa família, temos que pensar em nós, é claro, mas também devemos ser mais humanos e tentar sentir um pouco a dor do outro, temos de ser mais justos, mais corretos e mais humanos.

Por que não buscamos entender o amor de Deus e de Jesus Cristo por nós? Por que não paramos para pensar que todos, afinal, somos irmãos? Somos filhos do mesmo Deus Todo-Poderoso e misericordioso, que nos ama de verdade, nos cuida, nos guarda, nos dá saúde, nos dá vida e ar para respirar. Deus criou a Terra para nós, Ele se preocupa conosco, Ele está a todo tempo esperando por nosso arrependimento, Ele espera até o nosso último respiro para que possamos arrepender de nossas maldades e pedir-lhe perdão.

Deus está atento a todas as nossas necessidades, Ele está sempre disposto a nos socorrer e nos ajudar para que a nossa vida aqui na Terra seja uma vida de gozo e paz, seja uma vida plena com Ele e com a sua vontade para conosco. O amor de Deus é grande demais para com a humanidade, o amor de Deus é um amor infinito e maravilhoso. Ele é nosso dono, foi Ele o nosso Criador, e se hoje existimos é porque Ele assim o desejou. Ele nos criou para que fôssemos sua obra perfeita, imitação sua e de Jesus Cristo. Somos à sua semelhança em alguns aspectos da nossa vida, mas, na verdade, a sua vontade era que fôssemos como Ele: de bom coração, bom pensar, boas atitudes, obediência e amor, muito amor.

Deus é puro amor e, por nos amar tanto, muitas vezes Ele tem que nos corrigir, e isso não nos agrada em nada. Não sei por que não entendemos que, se Ele ainda nos corrige, é porque quer que estejamos bem. Ele vê muito mais além do que vemos, Ele está no alto e sabe o que vai acontecer em meia hora, em um dia ou em anos, e tudo o que Ele evita ou o que Ele não permite será para o nosso melhor dentro de um tempo. Deus só nos dá o que realmente podemos levar.

O que acontece é que sempre estamos reclamando e nunca estamos de acordo com nada. Parece que a vida das outras pessoas é melhor que a nossa própria vida, e aí vem a murmuração, vem a reclamação e vem a maldade ao nosso coração, e daí nasce essa falta de amor, essa falta de respeito e de humanidade com o nosso próximo. E, como não chegamos a ser o que Deus nos criou para sermos, vivemos como vivemos, cada vez mais afastados de Deus e do seu plano para nossas vidas.

Creio que já está na hora de voltar para Deus e buscar a salvação enquanto é tempo. Sabemos que temos que mudar, sermos melhores pessoas, ajudar o próximo, ler a Bíblia e buscar o plano de Deus para nossa vida e nossa família. Você já tentou de tudo e nada melhorou? Por que não tenta ler a Palavra de Deus e fazer diferente? Fazendo o mesmo você não vai mudar nada. É hora de mudar, meu povo, é hora de tentar fazer algo diferente, é hora de conhecer o amor incondicional de Deus e deixar Ele te guiar e te proteger, é hora de dar um basta a essa vida medíocre e passar a viver o sobrenatural com o Senhor.

Tome essa decisão, faça a prova e espere a resposta, que é verdadeira. Aceite a Jesus Cristo como teu Salvador, busque uma Bíblia e comece a ler, e, se possível, busque uma igreja para congregar e vá mudando os maus hábitos para boa conduta, onde agradar a Deus, o nosso dono e nosso Criador. Siga em frente nesse novo caminho, e te garanto que, se você fizer o que é certo, cumprir os mandamentos do nosso Senhor, você vai ter essa mudança para melhor em tua casa, em tua família, em tua vida.

Vamos amar, porque Deus é amor.

Agradecimento ao Espírito Santo de Deus pela inspiração.

Paulo R. B. Schwártzhaupt



escritor.paulo.rbs@gmail.com
Viamão – Rio Grande do Sul

O jovem que quase fez história – Crônica dos bastidores

Antes de você mergulhar nesta história, quero te contar algo: estou finalizando meu primeiro livro, A Arte da Assessoria Parlamentar (ou talvez O Assessor, ainda estou decidindo). Mas, mais do que um título, esse livro representa algo maior — um chamado para revelar os bastidores da política brasileira como poucos já se atreveram a mostrar.

Ao longo dos últimos vinte anos, vi coisas que muitos nem imaginam. Vi egos desabarem em silêncio. Vi líderes nascerem e ruírem antes mesmo de assumirem o cargo. Vi o poder transformar pessoas em personagens. E, acima de tudo, aprendi que, por trás de cada grande nome, existe uma engrenagem invisível — feita de estratégia, suor e, muitas vezes, renúncia.

O que você vai ler agora é apenas uma das muitas histórias reais que vivi nos bastidores da política. Ela fará parte de uma coletânea — mas tenho histórias que não caberiam em um palanque, mas que dizem tudo sobre o que acontece quando os holofotes se apagam.

Essa é a história de um jovem que quase fez história.

Mas antes de você julgá-lo, leia com atenção. Porque talvez, no fundo, essa também seja a história de todo aquele que se encanta com o brilho da política... sem perceber o preço da vaidade.

O JOVEM QUE QUASE FEZ HISTÓRIA – CRÔNICA DOS BASTIDORES

A política tem cheiro de sonho e gosto de batalha. Nos bastidores, onde as decisões realmente acontecem, aprendemos

que cada eleição é um jogo de estratégia, um tabuleiro onde peões podem virar reis – e reis podem cair em um piscar de olhos.

Foi nesse tabuleiro que encontramos ele.

Um jovem brilhante, desses que nascem uma vez a cada geração. Carismático, elétrico, dono de um sorriso que desarmava qualquer desconfiança. Ele tinha uma luz própria, um jeito de falar que fazia os olhos das pessoas brilharem. Não era apenas mais um nome na política. Era alguém que poderia mudar tudo.

E nós? Nós sabíamos exatamente o que fazer com ele.

O plano perfeito

Lançá-lo como pré-candidato a prefeito era uma jogada ousada, mas estratégica. Não se tratava apenas de ganhar uma eleição. A ideia era fazer barulho, crescer sua imagem e garantir, no mínimo, uma vaga de vice em uma chapa forte.

Os primeiros passos foram precisos. Uma foto com um deputado aqui. Um vídeo ao lado do governador ali. Um discurso bem colocado, um aperto de mão na feira, uma visita discreta a lideranças influentes. O nome dele começou a correr solto. No café da manhã das famílias, nos grupos de WhatsApp, nas conversas do mercado.

E então, veio o momento mágico.

Um vídeo. Um simples vídeo. Mas nele, nosso jovem caminhava ao lado do governador, falando como igual. O povo não via mais um garoto sonhador. Via um líder.

Ali, soubemos que tínhamos mudado o jogo.

Mas o brilho cega

Algo mudou. Ele mudou.

As mãos que antes apertavam as nossas com gratidão agora se afastavam. Os olhos que buscavam orientação agora brilhavam

de autoconfiança. “Eu já sou grande o suficiente”, parecia dizer sem precisar de palavras.

Tentamos alertá-lo. Ele não quis ouvir.

E então, veio a queda.

No auge da sua força, no momento exato em que só precisava seguir o caminho que traçamos, ele tomou a pior decisão possível: aliou-se a um grupo que o povo rejeitava.

O que era esperança virou desconfiança. O que era novidade virou decepção.

Podíamos ver nos olhos das pessoas – aquele brilho de entusiasmo? Sumiu. No lugar, restaram olhares vazios, desconfiados.

Aquele jovem que poderia ter escrito seu nome na história assistiu, impotente, sua trajetória desmoronar.

E nós?

Tentamos salvá-lo. Fizemos o impossível para reverter o estrago. Mas era tarde demais.

E então, a verdade brutal se revelou: um líder não se constrói sozinho.

Ele poderia ter sido prefeito. Poderia ter sido muito mais. Mas sucumbiu ao ego, à impaciência, ao jogo de ilusões da política.

Nós seguimos em frente. Porque a política não espera. Reposicionamos estratégias, protegemos o que ainda podíamos e garantimos a vitória do nosso grupo. Mas a lição ficou gravada em nós.

Porque, na política, como na vida, só vence quem equilibra coragem com humildade.

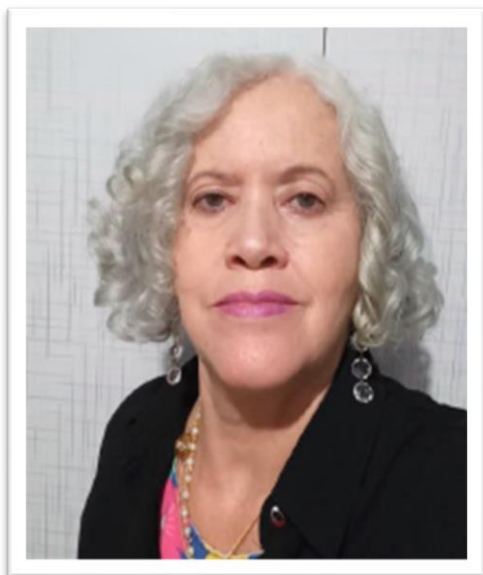
E essa é a nossa missão. Formar líderes. Conduzir batalhas. Escrever histórias.

Este não é o fim. É o início de uma nova trajetória.

Nos vemos nos bastidores.

Ainda estamos no trecho. Porque nós somos assessores parlamentares.

Romilda Cunha



romildafrances25@gmail.com

Hortolândia – São Paulo

Uma Mãe que Troca o Papai Noel por uma Trilha

Todo final de ano a gente já sabe: a mãe aqui não compra presente de Natal porque “é pagão”, mas não perde a chance de preparar lombo assado, fazer farofa e ainda sonhar com aquele almoço de família que nunca acontece — e, quando acontece, *my God*.

Ano passado, o filho fez um comentário: “Ah, nas festas de fim de ano passado a mãe não estava”. Sumiu dois anos, ficou só com a esposa e nem o tio deu um “vem almoçar”.

A mãe, que já tem o coração de mãe de novela, já começou a planejar um almoçinho “perdido pelo tempo”.

Mas a vida tem um humor ácido que nem o café amanhecido da manhã de domingo. Quando o filho aparece todo animado:

— Mãe, vou fazer trilha dia 25 nas cachoeiras com a galera!

Foi como levar um soco no estômago — a mãe já estava tentando digerir a notícia da morte do primo da esposa, afogado numa lagoa, e ainda tem aquele “perigo que ela sente” que só mãe sabe.

— Trilha? Mas, filho, esse tempo chuvoso, tromba-d’água... Você viu o Tiago. Vocês não estão sendo imprudentes?

Dias depois, ele volta com a novidade:

— Mãe, tem uma menina indecisa. Se ela não for, você vai?

A mãe, que ainda tem um espírito aventureiro, pensa: “Uau, trilha, ar puro, selfie da pedra!”. Até que percebe que virou o “step” da menina, a carteira de pedágio, gasolina e companhia indesejada.

Rapidamente inventa:

— Já combinei de almoçar com a vizinha.

Embora não tivesse nada combinado.

No outro dia, ele aparece na porta, dá um abraço apertado e diz que está partindo com o dinheiro contado. Nem um bolinho, apenas um lanche simples.

A mãe, que antes oferecia até o último biscoito, agora tem só o suficiente pra si, e não sente culpa nem preocupações. Afinal, se ela não prioriza a si mesma, quem prioriza?

Ainda pergunta se todos colaboraram, se a menina indecisa já está “no papo”, porque já ficou de escanteio, né.

Ele, com a ironia que só quem tem filho adulto casado (adolescente) responde:

— Convidado não convida outro. Ela só diz “sei...”.

E ele ainda tem a cara de pau de pedir um bolo pro lanche, enquanto guarda o papel-filme pra embrulhar sabe-se lá o quê.

O filho sai de casa. A mãe fica na porta com o coração partido, mas com o amor de mãe maior que o próprio ego. Na porta, ainda grita:

— Cuida da esposa, hein?

Percebendo a preocupação da mãe, ele diz:

— O que pode acontecer? O máximo é o carro quebrar, eu chamo o guincho.

Enfim, todo final de ano ela sonha com a família reunida, mas a vida insiste em colocar um obstáculo: trilha, menina indecisa, dinheiro contado, coração despido.

Ela sabe que precisa colocar as coisas no lugar, mas fica em silêncio, porque o coração de mãe é maior que tudo e incondicional.

E, enquanto o filho segue a trilha, ela segue na oração, no amor que não tem limite e na esperança de que, no próximo ano, o

almoço seja realmente com quem ela ama — nem que seja só ela e o lombo assado com farofa.

E, se alguém ainda duvidar, a mãe já avisou: tem bolo, sim, mas só se o filho trazer a trilha inteira de volta.

Os Irmãos Especialistas (e Eu Tentando Sobreviver)

Na minha família, talento não falta. O que falta, às vezes, é silêncio. Meus dois sobrinhos, irmãos de sangue e de exagero, são a prova viva de que Deus distribui dons... mas se diverte no processo.

Começando pelo Renato. O Renato não fala. Renato anuncia. Ele entra na casa gritando “bom-dia” como se estivesse chamando o bairro inteiro pra reunião. Conversar com ele não exige atenção — exige protetor auricular.

Renato é especialista em economia. Pelo menos na teoria. Ele sabe tudo: inflação, juros, mercado, futuro financeiro do país e até do vizinho. Só esqueceu de aplicar esse conhecimento na própria vida.

Paga aluguel, sonha em ficar rico e passa horas procurando o “caminho fácil da prosperidade”. Estuda muito... principalmente os joguinhos do tigrinho, onde a esperança nasce toda noite e morre no café da manhã.

A esposa vai firme junto. Cozinha pobre, tentando acompanhar os planos milionários dele. Eu olho e penso:

— Senhor, dê-me esse amor... ou essa paciência.

E o pior nem é o tanto que ele fala. É o volume. Renato não conversa — ele declara.

Você pensa em responder, mas não consegue competir com aquele tom de microfone aberto em festa junina. Mas fazer o quê?

É meu primeiro sobrinho. Eu amo. Mesmo gritando, mesmo explicando economia sem ter saldo, mesmo falando por mim, por ele e por mais três pessoas imaginárias.

Já a Monique... ah, a Monique é outra obra-prima. Ela é a especialista em disfarçar a preguiça com inteligência.

Porque preguiçosa ela é — mas ninguém prova. Ela esconde isso muito bem atrás de um computador, com cara de executiva internacional, digitando sério, pesquisando tudo, pensando demais.

Você olha e pensa:

— Nossa, essa mulher deve decidir o futuro do mundo.

Mas quem conhece sabe: se ela usasse metade da inteligência que tem, já estaria riquíssima. O problema não é falta de capacidade — é excesso de descanso estratégico.

Monique não dorme... ela recarrega.

Mas olha... inteligente ela é. Muito. Pensadora, estudiosa, prestativa. Quando precisa, aparece. E, quando aparece com uma bebida na mão, aí sim vira patrimônio da família.

Já até falamos de viagem pra Portugal. Ela achou ótima ideia. Eu, aposentada, já imaginei tudo: duas sonhadoras, uma mala grande, nenhum horário fixo e muita história pra contar.

Vai dar certo? Não sei.

Mas vai render gargalhada — e isso já vale a passagem.

No fim, olho pros dois irmãos e penso: um grita demais, a outra pensa demais, e eu fico no meio... observando, rindo e agradecendo.

Porque família é isso: a gente zoa, ironiza, reclama, transforma em crônica... mas, se faltar um, o silêncio dói.

Eles podem ser exagerados, escrachados, confusos e barulhentos. Mas são meus.

E o amor que sinto por eles não precisa falar alto... já se escuta no coração.

Regina: A Mulher Que Sente Dor Até Onde Você Nem Sabia Que Existia

Minha mãe é teimosa, brava e risonha — tudo ao mesmo tempo, dependendo do horário e do nível das dores do dia.

E, quando eu digo dores, não é figura de linguagem. Ela não sente dor genérica, ela narra a dor. Com localização exata, profundidade, intensidade e, se bobear, com legenda.

Ela não fala “tá doendo”. Ela fala:

— Aqui, ó... nessa parte específica, puxando pra cá, descendo pra ali.

Você não entende só com o ouvido — você sente junto, por empatia forçada.

Sua frase clássica? “Teu cu.” Que pode significar amor, discordância, irritação porque ouviu demais.

Ela ama limpar, costurar, fofocar e rir. Mas reclama enquanto faz tudo isso, porque reclamar é parte essencial do processo produtivo dela.

É o famoso: “Reclamo, faço e ainda digo que ninguém ajuda.”

Sempre foi organizada, mas, depois de se cansar tanto da vida, entrou numa fase leve de “foda-se funcional”. Nada caótico, só um cansaço acumulado que virou sabedoria.

Ela demonstra amor do jeito clássico de mãe: preocupação constante, bronca preventiva e aquele “eu avisei” que vem sempre com razão — mesmo quando você finge que não.

Quando perde a paciência, ela não explode. Ela solta o olhar mortal, a frase definitiva... e sai. Vai chorar sozinha.

E eu vou atrás, porque mãe também precisa de colo.

E, se você ligar procurando por Maria, não vai achar. Aqui mora a Regina. Sempre morou.

E é assim que todo mundo a conhece e ama.

Família: Atualização Automática (e Amor Sem Wi-Fi)

Entro no grupo da família toda empolgada e anuncio:

— Gente, vi um vídeo de um gato que toca piano igual maestro!

Antes de eu terminar a frase, a tia do TikTok — que provavelmente dorme com o celular carregando — responde:

— Já vi. Já curti. Já compartilhei. Tá no Reels com filtro de arco-íris e trilha dramática.

Eu tento completar:

— Mas o melhor é que ele...

— Já comentei “perfeitoooo” com três “o” — ela corta.

Percebo que, dentro da família, eu não estou atrasada... eu sou a versão beta humana.

Enquanto eu ainda tô pensando no que dizer, eles já deram print, salvaram nos favoritos e mandaram pra cinco grupos diferentes — inclusive um que eu nem sabia que existia.

Mas tudo bem. No grupo da família ninguém envelhece — só fica sem atualização.

Chega a ceia. Mesa cheia, farofa espalhada, copos desconstruídos e aquele clima de festa, vida nova... “talvez”.

No meio do brinde, resolvo ser otimista:

— Ano que vem eu vou viajar! Já comecei a pagar em 12 vezes!

A mesa reage educadamente:

— Que legal!

Até que surge ela... a irmã do passaporte internacional, que atravessa fronteiras com a mesma facilidade que eu atravesso a rua.

Ela ergue a taça e diz:

— Eu já reservei as Maldivas. Só eu, o mar azul e uma piscina que parece propaganda de margarina.

Naquele momento, minha viagem de 12 parcelas vira oficialmente uma canoa de madeira fina, sem colete salva-vidas e com o cartão chorando no bolso.

Ela continua, animada:

— Vou fazer snorkel, yoga ao nascer do sol e aprender a fazer sanduíche gourmet de peixe.

Eu sorrio, tentando manter a dignidade:

— Que lindo, mana. Quando voltar, me traz uma conchinha... se couber na mala de luxo.

Por dentro, porém, sei a verdade: enquanto ela já está no portão de embarque, eu ainda tô pesquisando malas mais em conta e “como viajar barato sem vender um rim”.

Mas aí eu olho em volta.

Vejo a mesa bagunçada, a risada alta, alguém discutindo quem comeu o último pedaço de pernil. Vejo a tia do TikTok gravando story, a irmã contando vantagem, e eu ali... na minha canoa meio torta, mas cheia de gente.

E percebo que, na família, ninguém navega igual.

Uns vão de iate. Outros vão de canoa parcelada.

Mas todo mundo chega ao mesmo lugar: na gargalhada, na provocação carinhosa e naquele amor que briga, compara, zoa... mas não abandona.

Porque família pode até nos deixar na versão beta da vida, mas o amor — esse nunca precisa de atualização.

“Papis Bagaceira: O Homem, o Mito, o Wi-Fi Vivo”

Meu pai sempre foi uma figura difícil de explicar.

Esquecido... mas não quando se trata de deixar todas as luzes acesas. Aí a memória funciona. Apagar? Aí já é pedir demais.

Ele acorda do jeito mais irritantemente feliz possível: assoviando, cantando, rindo e pensando besteira que só ele entende — porque aparentemente essa habilidade vem de fábrica na nossa família.

E, quando não está cantando, está fazendo paródia de qualquer coisa que passe na cabeça. Até a geladeira vira música nas mãos dele.

Seu maior talento? Enfiar o dedo no nariz e não largar o celular.

O celular é praticamente um órgão dele. Ele nem respira sem conferir as novelinhas do Kwai e as moedinhas que ganha lá — o verdadeiro investimento, muito mais emocionante que qualquer aplicação financeira.

Aliás, finanças... Se deixar, ele dá uma palestra de três horas sobre investimentos antes do café da manhã.

E irrita, viu?

Mas o melhor é vê-lo perdendo a paciência quando o celular não desbloqueia. A digital não funciona, dedo ressecado, cortado, detonado... quem é o culpado? O celular. Claro. Nunca é ele.

Bagunceiro profissional, ele vive num caos. Sempre falo: ele é o primeiro filho da minha mãe. Tudo tem que mandar, tudo tem que perguntar, tudo tem que reclamar. Ele é adulto só quando quer.

E quando nega que está dormindo? Ah, isso é arte. Ele ronca tão alto que o vizinho da China escuta, mas acorda indignado:

— Eu? Dormindo? Nunca!

Tá bom então, Papis. Aham.

Nas reuniões de família, mergulha dentro do celular. Temos que arrancar o aparelho da mão dele pra ele lembrar que a vida tem pessoas de verdade também.

Mas, no fim, o Papis Bagaceira é isso aí: alegria pura, drama ambulante, música de manhã, xingamentos poéticos à tarde e um show de teimosia a qualquer hora.

Um caos adorável. Nosso caos.

E não trocaríamos por nada.

A arte de sobreviver sendo mãe

Ser mãe é um curso sem formatura. E, depois de certa idade, vira estágio não remunerado — com carga horária integral e sem direito a reclamar.

Numa segunda-feira qualquer, dessas que já nascem cansadas, uma mãe de 64 anos resolveu pedir ajuda ao filho. Nada grandioso. Nada dramático. Apenas mover uma pia de granito de um lugar para outro, porque um poste de energia ia ser instalado.

Um poste. Sempre tem um poste na vida das mães.

Ela pediu ajuda.

Ele disse que vinha.

E, como todo “já estou indo”, virou lenda urbana.

O tempo passou, o sol mudou de posição, o pessoal do poste chegou, trabalhou, terminou... e o filho não apareceu.

A pia, coitada, continuava ali — pesada, imóvel e totalmente consciente de que sobraria pra quem sempre sobra.

Aos 64 anos, a mãe fez o que mães fazem desde que o mundo é mundo: respirou fundo e foi.

Arrastou a pia com o resto das forças, quase quebrando os pezinhos — os da pia e os dela também —, sem contar os cuidados com a coluna e os tendões rompidos dos braços.

Quando o filho finalmente surgiu, já com tudo resolvido, ainda perguntou com espanto genuíno:

— Mãe... como você conseguiu?

Ela respondeu simples, sem drama:

— Arrastando.

Ele fingiu demência. Uma demência seletiva, muito comum em filhos adultos: lembra do Wi-Fi, esquece da mãe.

Enquanto isso, ela já estava no próximo capítulo do dia: o almoço.

Não teve tempo de ir ao mercado. Então improvisou — esse verbo que as mães dominam melhor que qualquer outro.

Ovos, arroz, feijão e tomate. Pra ela, estava perfeito. Porque perfeição, às vezes, é só conseguir sentar e comer sem chorar.

Mesmo assim, perguntou:

— Você já almoçou?

Ele disse que não.

Ela, ainda sendo mãe — apesar de tudo — se ofereceu:

— Faço uma omelete com bacon.

Ele recusou.

Segunda-feira pedia comida japonesa. Porque a vida é difícil demais pra quem não carrega pia.

Fez o pedido. Cancelado. Fez outro. Cancelado também.

Talvez o universo estivesse tentando ensinar algo. Mas ele não entendeu.

Acabou comendo exatamente o mesmo prato da mãe: ovo, arroz, feijão e tomate.

A ironia, quando quer, serve almoço.

Lá fora, a calçada tinha entulho. Na garagem, um monte de terra aguardava solução. Ele ajudou a tirar o entulho da calçada — talvez por vergonha, talvez por impulso humano momentâneo.

Na garagem, ficou tudo. Porque ajudar até o fim é coisa rara. Melhor prometer.

— Talvez eu leve umas sacolinhas no carro depois — disse ele.

Disse.

E o “depois” sentou na garagem junto com a terra.

No silêncio da casa, a mãe se perguntou onde estava o filho dela. Porque aquele homem ali... ela não reconhecia.

Às vezes parece outro. Ou talvez seja só o filho que cresceu tanto que deixou o afeto pequeno.

Ela não fala. Ela não cobra. Ela apenas guarda — como sempre guardou tudo: dores, cansaços, silêncios.

E ri. Ri porque chorar dá trabalho. Ri porque mães aprendem cedo que o riso é a última forma de não endurecer o coração.

Mas, no fundo, ela só queria uma coisa simples: não ajuda, não dinheiro, não almoço japonês.

Só o filho. Aquele que um dia segurou na mão para ensinar a andar — e que agora parece não saber mais o caminho até ela.

Duas Irmãs, Dois Extremos

Na família, Deus cria as pessoas e depois se diverte combinando os opostos. Foi assim que surgiram as irmãs Neusa e Roh — unidas por um amor inabalável, separadas apenas por quilômetros e por... personalidade.

Neusa é aquela alma que Deus moldou com calma, régua, cronograma e uma paciência reforçada. Daquelas que fazem a casa parecer capa de revista e ainda pedem desculpa se o bolo não cresceu “direitinho”.

Religiosa até o talo, participa de tudo na igreja — até do que não podia, mas acabou indo “só pra ajudar”.

Ela vive pra cuidar: da casa, da comida, da família, da igreja, dos netos, da memória emocional de quem mora com ela.

Cuida até de dois homens adultos que nunca sabem onde está nada — nem as chaves, nem o controle, nem o bom senso.

Mas engana-se quem pensa que Neusa é feita só de serenidade celestial.

Quando a paciência começa a escorrer pelo ralo, surge o famoso “NOOOOSSSA”, que não é palavra, é aviso sísmico.

E, quando ela encerra qualquer assunto com um “Certinho”, todos sabem: acabou. Mais uma frase e alguém vai chorar ou jogar uma panela...

Do outro lado dessa equação familiar está Roh.

Roh não vive — Roh acontece.

Metade gargalhada solta, metade teimosia herdada da mãe, ela conversa rindo do nada, como se tivesse acesso a piadas internas que ninguém mais ouviu.

Você até pergunta:

— Do que você tá rindo?

E ela:

— Ah... nada, não.

Mas você sabe que foi coisa.

O único problema da Roh é a memória. Ou a ausência quase total dela.

Ela esquece chave, óculos, celular, compromisso, às vezes até o motivo de ter levantado do sofá. Mas nunca esquece o café, a fofoca e a bebidinha comigo — porque caráter ela tem.

Teve o dia do lixo, por exemplo. Esqueceu tanto que os bigatos da varanda já estavam quase organizando uma associação de moradores.

Ela olhou a cena, respirou fundo e soltou, filosófica:

— Ah, foda-se.

E riu. Porque rir da própria bagunça é uma habilidade que ela domina.

Neusa organiza o mundo.

Roh bagunça, esquece, ri e segue.

Uma controla tudo até chorar no final.

A outra chora... de tanto rir.

E, mesmo assim, elas se amam de um jeito bonito, leve, cúmplice. Tudo vira motivo de piada, de ligação longa, de gargalhada que atravessa a distância como se fosse quintal compartilhado.

Porque família não é sobre ser igual.

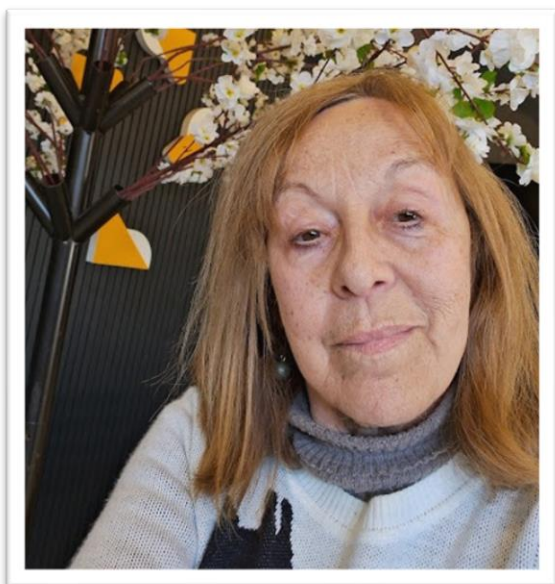
É sobre rir junto, mesmo quando uma quer organizar o caos
e a outra responde ao caos com um:

— Depois eu vejo isso... ou não.

Duas irmãs. Dois extremos.

Um amor que não esquece — nem quando a memória falha.

Suely Penha Coriolano



suely_coriolano@hotmail.com

São Paulo – São Paulo

Amigos em todo o tempo

Suporte comigo os meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus.

2 Tm 2:3

Como diz a música¹, os amigos são para sempre, ou como as novas amizades podem ser sólidas?

Aquele foi um ano de muitas transformações, imprevistos e soluções demoradas. Tirza tinha meia família e morava com sua mãe e uma empregada que auxiliava muito naquele grande sobrado no alto da ladeira.

A mãe adoeceu devido a um desgosto muito grande, quando sua imunidade baixou e enfermidades se instalaram. O fator emocional era a causa e não oferecia recuperação. Foram várias as consultas e as análises de exames com médicos de especialidades distintas, e o diagnóstico estava difícil.

A filha pertencia a um grupo musical cristão e ali pedia orações pela saúde de sua mãe. Os meses passavam e não havia melhoras, mas fatos novos no quadro de saúde.

Um dos últimos médicos, Dr. Pedro Paulo, após novos exames, constatou a existência de uma bactéria não reagente a antibióticos. E Tirza havia visto uma reportagem sobre este assunto aproximadamente há quinze dias. Havia pesquisas e grande luta de médicos e cientistas em outros países para descobrir o medicamento certo. Eram bactérias.

¹ A música "Amigos para Siempre" em espanhol, conhecida por ser o tema dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, Composição: Andrew Lloyd Webber / Don Black.

Naquele momento, o médico afirmou ser caso de internação urgente e, em linguagem cifrada, declarou que a paciente iria morrer. Além disso, havia o Mal de Parkinson, mais exatamente na base do cérebro, que a fazia perder o equilíbrio, cair e não exatamente tremer.

Como Tirza iria prosseguir? Sabia que estava a perder sua mãe e não sabia quantos dias as duas teriam pela frente. Em função desse prazo indefinido, ela começou a realizar todas as vontades de sua mãe. Foi um período de bastante proximidade, diferente dos anos de infância e adolescência, em que havia faltado ou haviam perdido muitas oportunidades boas no relacionamento.

E aconteceram duas internações em dois hospitais, intercorrências, tristezas.

Ela atravessou uma praça arborizada, repleta de sombras, no dia frio de agosto, e sombras era o que havia em sua vida naqueles últimos três meses. Ali se localizava um batalhão de Polícia Militar.

Atravessou a praça, porém chorava muito. Do alto da guarita, um soldado lhe perguntou:

- A senhora deseja o quê?
- Vocês soldados são doadores de sangue?
- Um momento, eu vou descer.

Ele a tomou gentilmente pelo braço e indicou um hall onde ela se sentou para esperar o atendimento.

Nesse momento, apareceu outro soldado, e outro, e mais outro, assim como as moças. E, em meio àquele grupo, cercada daquele carinho novo que passou a conhecer, uma Cabo PM feminina anotou os endereços dos bancos de sangue. Naqueles minutos, lhe serviram café, água, a aconselharam e houve soldados

que tentaram fazê-la rir, pois a encontraram chorando bastante. A Polícia é amparo?

Sl 103:21 Bendigam o SENHOR todos os seus exércitos, vocês, seus servos, que cumprem a sua vontade.

Aquela visita foi preciosa porque conteve as lágrimas de Tirza, que estava mais fortalecida. Ela se foi na certeza de que os soldados doadores iriam ajudar. Já não chorava. Na verdade, era grata àqueles soldados, uma vez que, durante 73 dias, ninguém viera fazer doação: parecia não haver misericórdia em amigos, parentes, vizinhos. E a reposição do plasma foi possível. E aquele apoio a preparou para o falecimento de sua mãe, que ocorreu quarenta e oito horas depois. A doação preencheu a necessidade do banco de sangue.

Após o sepultamento, aceitou jantar na casa de um casal de primos, único gesto e apoio que recebeu, para depois entrar em sua casa repleta de lembranças, solidão e tristeza. Uma casa que parecia ainda maior do que sempre fora. Laços de amizade? Dali para a frente seria tudo muito difícil.

Procurava não demonstrar, mas estava muito ferida pela indiferença de todas as pessoas que, antes dessa perda, eram muito mais interessadas e cordiais. Nada; nem um café na manhã seguinte, a convite de ninguém.

Inscreveu-se num grupo de ajuda para Feridas Emocionais. Mas, uma vez por semana, chorava muito naquele grupo onde ficou três meses. Precisou se afastar para um tratamento. Cuidara

de sua mãe e estava doente também há três anos e teria um tratamento medicamentoso pesado.

Dias antes do início do tratamento e mais conformada, foi até aquele Batalhão de Polícia agradecer a doação. No portal estava um soldado sentinela.

– A senhora veio agradecer? Como? Por quê?

– Vocês soldados doaram sangue para minha mãe. Mas ela faleceu. Agradeço sim, eu li na Bíblia a parábola que Jesus curou 10 leprosos e somente um voltou para agradecer.

Após a expressão séria pela notícia, com um sorriso, o soldado chamou outro companheiro e disse do agradecimento feito aos policiais. E argumentou:

– Ninguém agradece. Venha mais vezes visitar a gente.

Certa noite, ao voltar do curso em horário mais tarde, Tirza tinha medo de chegar e entrar naquela casa com a rua deserta na noite fria. Eis então aparece uma viatura da Polícia Militar, que diminui a marcha para esperar que ela entre na casa e tranque o portão com chave e coloque cadeados. Tirza recebe um cumprimento de boa noite de três soldados e responde:

– Deus abençoe vocês três!

Como o processo médico de Tirza se estendeu por um ano e a debilitou muito, houve um grande intervalo para acontecer uma nova visita aos policiais. Havia efeitos colaterais e sequelas a tratar.

O falecimento de sua mãe não motivaria Tirza a estar em contato com aqueles soldados. Parecia tudo encerrado e até agradecido. Apreço e simpatia de ambos os lados foram mais fortes. Um episódio simples e até cotidiano para soldados doadores, contudo, para alguém em quem a generosidade do gesto despertou um novo sentimento e a comoção, como se tivesse então

muitos irmãos, iniciou-se nova vivência, novos contatos e a curiosidade de estudar a Polícia Militar e visitar batalhões de atividades e funções distintas e especializadas.

Tirza visita esses soldados há anos. Uma amizade que nunca se estabeleceria e foi justamente a perda, a doação de plasma que permitiram uma procura, um elo de amizade.

Amigos para sempre? Muitos se desencontram. Poucos, neste mundo repleto de sentimentos, se reencontram.

Na Polícia Militar (PMESP), há batalhões que têm mais rotatividade, e os soldados são deslocados para outras unidades ao cumprir determinado período de prestação de serviço. É também uma maneira de reciclagem de conhecimentos e práticas policiais. O que importa é a corporação onde são treinados e agem de uma forma padronizada, com prontidão em situações de segurança e defesa que também despertam admiração e amor.

Aconteceu uma aliança invisível de amor ao próximo.

Soldados: um lado humano mais humano do que muitos podem pensar e precisam conhecer.

Is 5:27 Nenhum dos seus soldados se cansa nem tropeça, nenhum deles cochila nem dorme, nenhum afrouxa o cinto, nenhum desamarra a correia das sandálias.

Soldados, uma parte do exército de Deus.

Referência: Bíblia Sagrada on-line, disponível em:

<https://www.bibleserver.com/OL/>

Acesso em 25.08.2025.

Vanda Saraiva



vanilsa350pl@gmail.com

Recife – Pernambuco

Eu sei por que as Borboletas Voam

I

Nasci duas vezes. Acredita?

Se me permitir, vou revelar essa travessia — e apresentar-lhe as duas vidas que habitam em mim.

Vivo entre dois extremos — a felicidade aparente e a busca desesperada pela minha verdadeira identidade e liberdade.

Houve um tempo em que eu me olhava no espelho e não reconhecia a mulher refletida. Os dias passavam como páginas viradas sem cuidado, sem curiosidade, sem propósito.

— Sou Vanda. E esta é a minha primeira vida.

Nesse momento, observo um entardecer espetacular da varanda da minha casa. O sol se despede lentamente do horizonte, e uma nostalgia suave invade a minha alma. Inquieta, pergunto-me: existe uma fórmula para ser livre?

Nas festas, nos encontros com amigos, eu parecia plena. Ria alto, dançava, encantava. Era a alma da festa, o centro das atenções. Para quem via de fora, minha vida era perfeita. Mas ninguém conhecia o que se escondia por trás do sorriso: uma história de dor e silêncio, de perdas, decepções, violência e submissão.

Numa noite quente de verão, em agosto de 2004, depois de uma semana exaustiva de trabalho e estudos, decidi sair com algumas amigas. Fomos à discoteca Garden, em Bilbao. Ao chegar, fiquei hipnotizada pela fachada: um hall iluminado por LEDs que mudavam de cor ao ritmo da música. Anúncios provocantes prometiam uma noite ousada, com shows de strip-tease e excessos permitidos.

Sentei-me numa mesa próxima à pista. Segurava uma bebida enquanto observava os corpos em movimento. A música pulsava forte, contagiante. Em alguns momentos, deixei que meu corpo acompanhasse o ritmo.

Mas, no espelho da minha mente, eu ainda me via encolhida, insegura.

Fechei os olhos.

E foi ali que ela nasceu.

Na minha imaginação, seu nome era Wany, meu ego indomável. Uma mulher madura, bonita e intensamente feminina. Vestia vermelho, como eu. Usava sandálias de salto alto, grandes argolas douradas — as mesmas que sempre me acompanharam. Seu perfume era o meu favorito: 212 Sexy, de Carolina Herrera.

Ela dançava sem medo, como se o mundo fosse seu. Seu sorriso era livre, seus cabelos longos e escuros voavam no ar.

Quando abri os olhos, senti algo diferente. Por um instante, o poder de Wany correu nas minhas veias. Minha imaginação transbordou.

Seria ela uma fuga da realidade? Um disfarce para esquecer os problemas?

Na fantasia, ela se aproxima e pergunta:

— Vamos dançar?

Respondi, hesitante:

— Não sei dançar assim... como você.

Ela sorriu.

— É fácil. Dançar é como a mente: não tem limites.

— Cada erro é apenas um novo passo inventado.

— Você vai amar essa liberdade.

Pensei: é verdade. E, com ela a me guiar, senti que podia voar.

— Então voamos juntas? — perguntei.

De repente, estávamos no centro da discoteca. O espaço era amplo, o teto alto, o piso de madeira vibrava sob nossos pés. Uma enorme bola espelhada girava no alto, espalhando luzes por todo o ambiente. Nas paredes, telas exibiam imagens psicodélicas e frases provocadoras. Ao fundo, o DJ comandava a noite com os maiores sucessos internacionais. Dancei até os pés doerem.

Era como um sonho revelando verdades que eu sempre evitei encarar.

Fui até o bar, onde bartenders misturavam bebidas em copos de vidro e metal. Pedi um uísque e brindei à minha mente, à noite, à vida.

Wany não conhecia o medo. Na minha ficção, ela se sentia segura, inteira, encantada pela própria sensualidade. Minha cabeça girava. Fechei os olhos mais uma vez e pensei: tenho tanto a aprender com ela.

Do crepúsculo sombrio de Vanda à aurora vibrante de Wany, minha história revela a dualidade fascinante que habita em mim.

Como escreveu Clarice Lispector:

“Como uma onça que se recusa a viver em jaulas invisíveis, ela percorre o mundo até mergulhar sem medo no oceano da própria verdade — e, ao tocar o fundo da sua alma, nasce inteira, livre e poderosa.”

Voltei para casa radiante naquela madrugada. Algo havia mudado dentro de mim.

As sementes de Wany tinham sido plantadas.

Agora, quando olho novamente para o espelho, me pergunto: será que o reflexo revelará, enfim, a mulher audaciosa e livre que sempre sonhei ser?

Nos dias que se seguiram, algo em mim já não cabia no silêncio.

Acordava com a sensação de que havia deixado uma porta entreaberta naquela noite em Bilbao — e o vento que entrava por ela não permitia mais que eu fingisse normalidade.

Foi então que compreendi: não se trata de apagar Vanda para que Wany exista.

Trata-se de integrar.

Minha segunda vida não começou com aplausos, nem com promessas fáceis.

Ela começou com um sussurro firme: “nunca mais me abandono”.

E agora, ao contemplar o pôr do sol da minha varanda, já não pergunto se existe uma fórmula para ser livre.

Aprendi que liberdade não se encontra — se constrói passo a passo. Mesmo com medo. Porque nascer pela segunda vez exige coragem.

E eu, finalmente, estou pronta para voar.

Nos momentos de quietude, as lembranças surgiam como páginas de um livro antigo, lidas e relidas com carinho — e, às vezes, com aquela pontada suave de saudade que aperta o peito sem pedir licença.

— Ah... a vida — murmurava em pensamento.

— Uma mistura inevitável de alegrias e dores, encontros que aquecem a alma e despedidas que ensinam, conquistas celebradas e fracassos que moldam quem somos.

Com o passar do tempo, aprendi a valorizar o que antes parecia pequeno demais para ser notado: o aroma acolhedor do café fresco espalhando-se pela casa ao amanhecer, o dourado tímido do sol se despedindo no fim da tarde, o conforto quase terapêutico de uma conversa sincera com amigas leais.

— Sou uma mulher de muitos amores — reconhecia — e de muitas decepções.

De cada relação, extraí lições preciosas. Aprendi que amar é permitir-se ser vulnerável, é aceitar o risco, mesmo quando o medo de perder parece esmagador.

— E, ainda assim, perdi — admitia nos seus diálogos internos.

“Wany” nunca se deixou moldar pelas críticas alheias. Permanecia fiel a si mesma — autêntica, inteira, verdadeira. E, sem perceber, inspirava quem a rodeava a buscar a própria verdade.

— Não há nada mais libertador do que ser fiel a quem se é — refletia, com um sorriso sereno. — Viver segundo as próprias regras, perseguir os próprios sonhos, sem o peso do julgamento alheio.

Ela reagia com firmeza:

— Não deixarei de ser quem sou para agradar ou evitar críticas.

— Sou ousada e não vivo da aprovação de ninguém.

— Sigo a minha razão. Sempre.

E assim... eu, Vanda, aprendi a amar tudo aquilo que faz uma mulher feliz. Sempre me seduziu o lado bom da vida: os bons restaurantes, a boa comida, o vinho escolhido com cuidado, o champanhe que celebra, o uísque indispensável. A boa música,

uma casa acolhedora, filmes que tocam a alma, amigos verdadeiros, companhias que somam e... bons amantes.

E assim sigo pela vida.

Nos momentos de tranquilidade, sentada na minha poltrona preferida, com um livro entre as mãos e um copo de uísque ao alcance, deixo-me levar pela música e pelo pequeno milagre que ela opera em mim. É ali que a minha alma respira.

Peço apenas uma coisa:

Quer me fazer feliz?

Deixe-me ser quem eu sou.

Não me limite.

Deixe-me dançar.

Deixe-me voar.

II

Recordo-me da minha adolescência e do meu primeiro amor. Dos encontros e desencontros, da paixão arrebatadora que me arrancou da inocência e me transformou de menina em mulher. A paixão nos cega — torna invisíveis os defeitos, silencia os alertas. É preciso estar atento aos sinais, mas eu não estava.

Minha mãe dizia: “Não perca a virgindade, porque, se o amor acabar, ninguém vai querer casar-se com você”. Naquele tempo, a virgindade era mais um instrumento de poder do homem sobre a mulher.

Houve momentos em que a loucura tomou conta de nós. Ciúmes, cenas violentas, impulsos de posse. Discussões por causa de um vestido considerado indecente, por conversar com amigas, por existir demais.

Certa vez, num acesso irracional, após uma crise de ciúmes, rasguei a camisa dele. Gritava, fora de mim:

— Você não manda em mim! Não!

Ah, o amor... ele chega sem aviso. Mesmo quando a razão grita “não”, escolhemos a insensatez. Porque o amor, quando distorcido, é irracional, intenso, sublime — e perigosamente inconsequente.

Os anos passaram, e com eles vieram as decepções. O sonho de uma vida compartilhada, construída sobre amor e cumplicidade, desmoronou diante da realidade cruel.

Durante muito tempo, acreditei que a felicidade estava em ter um homem ao meu lado, uma casa bonita cercada por flores, uma mesa sempre cheia, amigos rindo na sala, conversas longas nas noites de domingo. Era o retrato perfeito de uma vida feliz.

Mas tudo não passava de uma ilusão.

Quando os problemas me sufocavam e a tristeza apertava o peito, o jardim se tornava o meu único refúgio. Ali, entre a terra úmida e o perfume das flores, eu encontrava um pouco de paz.

Enquanto regava as plantas, sussurrava para mim mesma:

— Não desista... você é mais forte do que imagina.

Cuidar da casa e do jardim não era apenas um passatempo. Era a minha forma de sobreviver. Era terapia.

Por dentro, porém, minha vida parecia um jardim seco, sem cores, sem vida. Um grito silencioso de socorro — como o de tantas mulheres presas em relacionamentos que as destroem.

A escuridão se instalou aos poucos: lágrimas constantes, medo, violência, mentiras, álcool, traições. Algumas eu conhecia. Outras descobria por acaso.

Ele se sentia dono de tudo.

Dinheiro. Prestígio. Poder. Mulheres.

E eu... apenas a esposa submissa.

No dia em que completei quarenta anos, recebi um presente inesperado. Minha cunhada Teresa estendeu-me um embrulho simples, com um sorriso gentil.

— Acho que este livro é para você — disse ela.

O título era O Segredo da Borboleta.

— Teresa, eu já estou velha demais para mudanças — murmurei.

Ela segurou minhas mãos com firmeza.

— Ninguém está velha demais para ser livre.

Comecei a ler naquela mesma noite.

O livro falava sobre mulheres maduras que descobriram sua força, sua voz e sua coragem. Falava sobre liberdade, recomeços e asas que sempre estiveram ali — apenas adormecidas. Cada página parecia escrita para mim.

Foi naquele momento que algo despertou.

— Eu também posso mudar — sussurrei, com lágrimas nos olhos.

Foi ali que nasceu o desejo de escrever minha própria história. Um chamado silencioso para os voos que eu nunca tive coragem de tentar, e para outras mulheres que precisam despertar para essa mudança.

Nossa casa continuava sendo um campo de batalha.

Quantas vezes fui trabalhar usando óculos escuros para esconder os hematomas?

Até que um dia, olhando meu reflexo no espelho — cansado, machucado e triste — finalmente compreendi:

Eu precisava quebrar aquelas correntes.

Precisava me libertar dele.

E daquela vida.

Respirei fundo e disse em voz alta:

— Chega.

Era hora de criar asas.

De voar.

De fazer minhas próprias escolhas.

De conhecer o mundo, mesmo com medo.

Porque permanecer ali era morrer aos poucos.

A verdade revelou-se com uma clareza dolorosa, como uma luz que cega antes de iluminar. Vi, com nitidez assustadora, o que meu casamento realmente era: uma prisão.

Talvez dourada, mas, ainda assim, uma prisão.

O desrespeito e as agressões tornaram-se rotina. Ele já não se importava com sentimentos, limites ou direitos.

E foi então que compreendi: para sobreviver, eu precisava partir.

Para viver, eu precisava ser livre.

“Eu vivia com medo dele — e ainda mais medo de ir embora. Até descobrir que a liberdade começa com um pedido de ajuda.” (Depoimento de Vanda)

Em dado momento, percebi que o homem com quem me casei e convivi por longos anos era um desconhecido, um déspota.

— Que um dia poderia matar-me.

Em um momento terrível, sob o efeito de álcool, ele apontou uma arma para minha cabeça. Pensei:

— O meu fim chegou.

— Estou morta.

Ele insistia no seu comando cruel:

— Grite, que lhe mato, sua puta!

Minhas palavras estavam oprimidas, assim como eu. Desejava soltar a voz, gritar para ele e para o mundo: não quero morrer!

— Durante o amor juvenil, quando nos amávamos e fazíamos planos para o futuro, já existiam sinais de violência, ainda que sutis.

Meninas, fiquem atentas... tudo começa com o ciúme excessivo, o sentimento de posse, os gritos, as humilhações e pequenos gestos de controle. Com o tempo, isso evolui e se transforma em agressão física. Eu vivi isso!

— Eu faço isso porque te amo!

Mas o que leva uma mulher a permanecer em uma relação que, aos poucos, vai destruindo sua alma?

Não é fraqueza, não é falta de amor-próprio. É medo.

O silêncio da casa, depois de uma discussão, pesa mais que os gritos. As crianças aprendem cedo a andar na ponta dos pés para não fazer barulho e não provocar a fúria do pai.

— Mas eu tenho medo.

Amo meus filhos mais do que tudo.

— Eu fico por eles.

— Você percebe que eles também sofrem?

— Se eu for embora, ele disse que me encontra.

— E as crianças?

— Ele prometeu que faz mal a elas se eu sair.

Ou, em uma conversa sussurrada com alguém de confiança:

— Eu estou cansada... não aguento mais.

— Você não merece viver assim — responde a amiga, com os olhos marejados.

Existe ainda a dependência financeira.

Sair da zona de conforto parece um salto no escuro.

— Eu não tenho dinheiro.

— Para onde eu vou com meus filhos?

— E se a gente passar fome?

Porque, sem independência financeira, não há liberdade.

Ela começa a acreditar que merece aquilo.

— Se eu não tivesse respondido...

— Se eu tivesse sido uma esposa melhor...

— Talvez ele não ficasse tão nervoso.

A violência deixa de parecer injusta e passa a soar como castigo.

E tudo isso é sustentado por normas culturais patriarcais que ensinam que o homem manda, que a mulher deve aguentar, que o lar deve ser preservado a qualquer custo.

— Casamento é assim mesmo.

— Homem é nervoso.

— Ruim com ele, pior sem ele.

— Pelo menos ele não te matou.

Por isso, muitas mulheres permanecem.

Não porque querem.

Mas porque estão presas em uma rede de medo, dependência, culpa e solidão.

Às vezes, acreditava que ele ia mudar.

— Chorou, pediu perdão...

E, por alguns dias, é gentil.

Traz flores. Faz carinho. Fala de futuro.

— Desculpa, você sabe que perco a cabeça.

— É medo de te perder!

É o ciclo da violência: a agressão, o arrependimento, a falsa calmaria — e tudo começa outra vez.

Até que um dia, algo dentro de mim despertou.

Pode ser um empurrão mais forte.

Uma ameaça mais séria.

Ou o olhar assustado do filho.

— Mamãe, ele vai te machucar de novo?

Começo a pensar em saída.

— Eu preciso ser forte.

— Eu preciso proteger meus filhos... e a mim mesma.

Entender isso é o primeiro passo para quebrar o ciclo.

Mulheres, não sejam boazinhas. Não baixem a cabeça. Busquem ajuda. Informação é poder. Formação é caminho. Procurem os serviços sociais, a justiça, os espaços de empoderamento. Conversem entre si. Cuidem da mente, do corpo e da alma. Nenhuma de nós precisa caminhar sozinha.

E, quando finalmente encontra coragem, não é porque o medo acabou.

É porque a vontade de viver ficou maior que o terror.

— Eu vou embora.

— Você não consegue nada sem mim.

— Eu consigo.

A caminhada é difícil.

Há dias de dúvida, de choro, mas há também liberdade.

Respirar sem medo.

Dormir em paz.

Rir de novo.

E, aos poucos, me reconstruo.

Porque não nasci para viver em dor.

Sair é um ato de coragem.

E toda mulher merece uma vida onde o amor não machuca.

III

Então, criei coragem e, no meu alucinante voo, cruzei fronteiras e o oceano. Ao longo do tempo, carregava não apenas pertences materiais, mas também desejos frustrados e o peso do sexo reprimido. Descobri um novo país e uma variedade de culturas. Entre línguas diferentes, rostos desconhecidos, amores efêmeros e despedidas dolorosas, encontrei o meu caminho.

— Confusa e vulnerável, entreguei-me às aventuras e aos prazeres, que se tornaram as minhas prioridades.

Era uma mulher de essência inquieta. Os meus dias e as minhas noites eram repletos de desejos, alegrias e surpresas.

— Amores loucos e intensos, fugazes como estrelas, tranquilos como um remanso de rio e agitados como as águas revoltas do mar. Equívocos, decepções, enganos e farsas marcavam a minha jornada.

Como escrevia Clarice Lispector:

“Lori ousou se encontrar por dentro, soltou o que não era seu e descobriu que até o simples podia pulsar como vida.”

— Era uma mulher redescobrendo a própria sexualidade, envolvida na magia de momentos inesquecíveis, como aquela noite que se tornaria inesquecível.

Na emblemática discoteca Rockstar, em Bilbao, um lugar para pessoas maduras que desejam se divertir e fazer amizades, conheci um homem especial.

— Ele era um capitão marítimo que navegava em barcos estrangeiros e acabava de chegar da Islândia, no navio Pioneer Crude Oil Tanker.

— Ele era um mistério, um homem que eu nunca havia visto nas noites de Bilbao. Atraente, elegante, simpático, com olhos verdes cor do mar.

Ele surgiu diante de mim como um relâmpago no fim da festa — inesperado, intenso, impossível de ignorar. Aproximou-se com um sorriso seguro, quase provocador.

— Sou J. B. — disse, estendendo a mão.

Seus olhos percorreram meu rosto por um instante que pareceu eterno, até que completou, em tom firme e sincero:

— Entre todas as mulheres que vejo, você é a mais bonita...

Fez uma pausa, como se quisesse que aquelas palavras ecoassem dentro de mim.

— A única que realmente vale a pena.

Meu coração disparou.

Passaram-se alguns dias. Ele liga e me convida para jantarmos em um restaurante tranquilo, com vista para o mar iluminado pela lua e um céu salpicado de estrelas. Brindamos com champanhe, rimos como velhos conhecidos e nos olhamos com um desejo que não precisava de explicações. Depois, caminhamos pela orla de mãos dadas, sentindo a brisa suave e o calor daquele novo começo.

Em certo momento, seu semblante mudou. Ele respirou fundo antes de falar:

— Preciso te contar algo...

Assenti em silêncio.

— Eu fui muito feliz uma vez — começou, com a voz embargada. — Mas perdi minha esposa para um câncer fulminante. Ela era jovem... e levou com ela uma parte de mim.

Seus olhos marejaram.

— Desde então, só me restou minha filha. Ela tinha apenas três anos quando tudo aconteceu. Pequena demais para entender por que a mãe não voltaria para casa.

Apertei sua mão com força.

— Você não está sozinho agora — sussurrei.

Ele me olhou, com uma mistura de dor e esperança.

— Talvez você seja a luz que eu pensei que nunca mais encontraria.

Contei-lhe a minha história triste entre goles de uísque e xícaras de café. Ele me ouviu com atenção, os olhos cheios de admiração.

— Você é corajosa — disse, segurando minha mão. — Poucas pessoas teriam força para deixar tudo para trás e recomeçar.

Senti-me compreendida.

Ele se aproximou devagar, como quem pede permissão com o olhar, e me deu um beijo quente, decidido. Suas mãos passearam pelo meu corpo com ousadia, fazendo minha pele arrepiar.

O relógio marcava três da manhã quando ele sorriu de um jeito provocante.

— Venha conhecer a minha casa.

Hesitei por um instante.

— Não sei... é tão tarde...

— Prometo cuidar de você — respondeu, com a voz baixa e firme.

Respirei fundo e aceitei.

Aquela noite foi intensa. Uma mistura de desejo, entrega e liberdade. Sem promessas, sem amarras — apenas paixão.

Dentro de mim, pensei: é ele. Esse é o meu homem.

No quarto, seus braços me envolveram como se o mundo tivesse desaparecido. E, a partir daquele momento, parecia que eu já não sabia mais viver longe dele.

Na manhã seguinte, acordei sorrindo, leve, como uma adolescente apaixonada. Fui para casa, e minha amiga Amelie riu quando contei.

— Wany, foi só uma noite de paixão...

Respondi:

— Quero apenas viver os prazeres da vida.

Ela insistiu:

— Você precisa trabalhar, estudar...

— Não vai à universidade?

Mas eu não conseguia me concentrar em nada. Só pensava nele.

Então veio o inesperado.

O mar o chamava para longe. Um porto distante, um destino incerto.

Ele me ligou do aeroporto.

— Tenho que partir... vou navegar.

Meu coração apertou.

— Vai embora assim?

— Não é por vontade — disse, com a voz carregada de saudade.

Respirei fundo.

— Vamos nos reencontrar?

Houve um breve silêncio.

— Sim — respondeu ele, decidido.

— Posso lhe esperar?

Ele respondeu-me:

— Aproveite a vida.

Nada mais de palavras.

Passaram-se os meses e, numa tarde tranquila, no fim de outubro de 2011, o telefone tocou.

— Surpresa...

Era ele, aquela voz que eu reconheceria em qualquer lugar.

Meu coração disparou.

Horas depois, a campainha soou. Estremeci.

Senti-me como uma jovem apaixonada pela primeira vez, sem saber o que dizer, nem como agir. Abri a porta... e o silêncio falou por nós.

Ali estava ele.

Ficamos alguns segundos apenas nos olhando.

Tudo nele era especial — até as marcas do sol e do mar em sua pele contavam histórias. Mas eram os seus olhos que me prendiam: verdes como o oceano, intensos e, ao mesmo tempo, serenos.

Ele sorriu de leve.

— Você sentiu minha falta? — perguntou em voz baixa.

— Todos os dias — confessei, com os olhos marejados.

Ele se aproximou.

— Então venha... — sussurrou. — Deixa eu te cuidar.

Envolveu-me em um abraço firme, quente, seguro. Seus lábios encontraram os meus com saudade, com desejo, com amor guardado no tempo.

— Não me solta — pedi.

— Nunca mais — respondeu.

Ele me tomou nos braços e me levou até o quarto. Ali residia o centro dos prazeres. Fui ao banho e vesti uma lingerie que revelava mais do que escondia — queria sentir-me desejada, viva, intensa.

Quando voltei, ele me esperava na cama.

— Você está linda... — murmurou, levantando-se de um salto.

Puxou-me para perto, apertando-me contra o peito. Seus beijos eram urgentes, cheios de fome e ternura ao mesmo tempo.

Foi um encontro de almas, de corpos que se reconheciam. Gemidos intensos, suspiros profundos, promessas silenciosas.

— Não deixa esse momento acabar — implorei.

Desde aquele dia, não nos separamos mais.

Vivíamos juntos — nos passeios, nas risadas, nas madrugadas compartilhadas. Nossa cumplicidade era uma linguagem secreta. Nossos desejos, planos cheios de futuro.

Em seus braços, eu sussurrava, completamente rendida:

— Gosto desse homem...

— Ele é do mar... sou da outra fronteira.

Então compreendi: os planos pouco importavam. O que realmente existia era o agora, aquele presente frágil e intenso, até o dia em que o mar o chamaria para um novo destino.

— E quando o mar te levar? — perguntei, quase em um sussurro.

Ele segurou minha mão com firmeza.

— Levo você comigo, mesmo que fique aqui.

Ao seu lado, rompi as correntes do medo, mergulhei em sentimentos que antes evitava e ousei ser quem sempre sonhei ser — sem amarras, sem barreiras, sem receios.

Houve um tempo em que o destino deixou de gritar e passou a sussurrar. Manifestou-se nos silêncios longos e nas entrelinhas das nossas conversas inacabadas.

O silêncio, quando nasce do orgulho ou do egoísmo, não é vazio — ele pesa, confunde e fere.

Os anos passaram, e, em certos momentos, ele me surpreendia com sentimentos confusos, contraditórios, difíceis de entender.

— Onde está o homem do mar? — insisti.

Em muitos momentos, ele parecia distante, com o olhar perdido, como alguém que pertence a outro mundo.

E então compreendi: ele era como o mar.

— Você não sabe viver longe dele — murmurei.

— Porque você é o próprio mar.

Às vezes, calmo, sereno.

Outras vezes, revoltado, imprevisível, capaz de destruir tudo ao redor.

Quando surgiam as incertezas, o silêncio tornava-se sua arma — uma arma que machucava sem tocar, que feria sem deixar marcas visíveis. Meu coração batia acelerado, como se pressentisse a ruptura.

— O que há de errado comigo? — questionei em lágrimas.

— O que há de errado com esse homem?

Observando os sinais, compreendi que ele não deveria se afastar do mar.

Mas a dúvida permanecia:

— Qual era, afinal, o papel desse homem na minha história?

O silêncio que se seguiu não era vazio. Era cheio de tudo o que ainda não tínhamos coragem de dizer.

— Amar não é insistir na dor — disse, com suavidade.

— É ficar quando é leve. É ir quando machuca demais. Eu te quis por muito tempo..., mas agora eu me quero mais.

— Ainda te amo — murmurou.

Sorri de um jeito triste, mas bonito.

— Eu sei. E isso não é pouco. Mas amor também precisa de paz.

Dei um passo para trás, respeitando o espaço que havia conquistado.

— Então esse é o fim?

Balancei a cabeça lentamente.

— Não é um fim. É um recomeço. Para mim. Para você. Só não juntos do jeito que imaginávamos.

Nos olhamos pela última vez daquele jeito que só quem se amou profundamente consegue.

E, quando ele se afastou, entendi.

Algumas histórias não terminam com finais felizes.

Elas terminam com crescimento.

E, às vezes, isso é o tipo mais bonito de amor.

De repente, afirmei:

Mulheres... estamos juntas nesta jornada. Ligadas por um passado de silêncio, violência e submissão, mas também por um futuro que exige união, liberdade e respeito. Resistir ao medo e avançar rumo ao desconhecido não é fácil. Eu, Vanda, vivi isso.

Deus, não permita que as mulheres da minha família — nem as mulheres do mundo — passem por isso.

— A pergunta que fica é simples e poderosa: temos coragem de abraçar a mudança?

Vera Pereira



laryssaandradepl@gmail.com

São Paulo – SP

Cura o que te feriu

Há muito e muitos anos atrás, em uma casinha lá na Serra dos Gregório, era município de Esmeralda, RS, nasceu a menina Verinha. Seus pais eram pobres. Verinha tinha doze irmãos. Verinha nasceu com a cor branca, seu pai era negro, sua mãe da cor branca. Um dos seus irmãos mais velhos odiava a menina. Quando Verinha nasceu, seu irmão a amou, ele cuidava dela, e os outros irmãos não gostaram porque ela nasceu branca.

Os anos foram passando, Verinha cresceu escutando seu pai e sua mãe contando histórias de assombração e outras muitas. Quando o sol nascia, Verinha acompanhava sua mãe na roça. Verinha era muito feliz, sempre sorrindo.

Certo dia, seu pai resolveu mudar para outra fazenda para trabalhar fazendo cercas. Ele era “cerqueiro”. Seu pai levantava de manhã cedo, às cinco horas ligava seu rádio, tomava café e ia trabalhar. Verinha junto acompanhava seu pai, ajudava a fazer os buracos, mal conseguia levantar a cavadeira e os palanques para colocar no lugar, para depois espichar os arames. Era sofrido, mas era feliz por estar ajudando seu pai.

Verinha começou a perceber que seus irmãos saíam e não convidavam ela para sair junto, se escondiam e sentiam vergonha dela por ser mais branca. Verinha se entristecia muito.

Certo dia, o capataz da fazenda expulsou seu pai da fazenda, deu prazo de quatro horas para sair da fazenda. Verinha, junto com seu pai e sua mãe, via as lágrimas caírem dos olhos deles, sem saber por onde ir, estavam sem rumo. Verinha enxugou as lágrimas de seus pais. Naquele instante, no coração de Verinha entrou um ódio e jurou que um dia ia se vingar.

De repente, parou um caminhãozinho boiadeiro na frente da casa. Era o antigo patrão dos pais de Verinha. Seus pais contaram o que tinha acontecido e que não tinham para onde ir. O casal disse: esperem aqui, vamos na cidade, mas já voltamos. O casal veio, alugou uma casa e voltou, carregaram a mudança e Verinha e seus pais. O casal contratou os pais de Verinha para fazer cerca ao redor da fazenda deles.

Não tinha ninguém para ir com seu pai. Verinha disse que ia junto. Seu pai disse: não, você é muito pequena. Verinha tinha dez anos. Verinha escondida arrumou suas roupas, se escondeu na carroceria do caminhão e, quando chegaram na fazenda, Verinha desceu do caminhão. Seu pai se assustou quando viu a menina.

E começaram a fazer o acampamento. Quando estava tudo pronto, seu pai encilhou o cavalo e foi até a cidade comprar comida. Verinha ficou sozinha. De repente, o gado começou a se aproximar do acampamento. Verinha ficou com medo. Ela pensou: e agora, o que faço? De repente, teve uma ideia: subir em cima da casa. Quando seu pai chegou, Verinha estava em cima da casa e o gado ao redor.

À noite, sentavam lá fora para ver as estrelas, a lua, sentir o orvalho da noite, era maravilhoso, e os olhos dos graxains do campo. E com a cuia de chimarrão, ouvindo seu pai as suas histórias a contar. No inverno, com os campos brancos de geada e nós lá trabalhando, era muito lindo de ver, tudo branco com a neve, o frio, a água congelada, era lindo demais.

Certo dia, os patrões vieram nos visitar, sentaram lá fora, pegaram a Verinha pela mão, colocaram sentada ao seu lado e perguntaram: Verinha, o que você pensa ser no futuro?

Verinha não estudava porque ficava longe até a cidade e ela não quis, ela quis ficar morando com a mãe dela. Verinha, com os olhos cheios de água, olhou para seu pai e lembrou de tudo o que tinha acontecido. Com o coração triste, falou: quero crescer, casar, ter meus filhos, amar muito e cuidar de minha família, depois estudar e escrever meu próprio livro, minha própria história.

O casal olhou para seu pai e disse: Verinha, está vendo seu pai? Ele é preto, pobre, mas honesto. Seja como ele, cresça na vida, corra atrás dos teus sonhos, mas nunca pegue nada de ninguém, nunca fale mal de ninguém, nunca passe na frente de ninguém. O dia que tu ganhar um troféu, seja pelo teu próprio esforço, honra teu pai e tua mãe. Pode o mundo falar de você, mas não pode falar do teu caráter.

Verinha guardou cada palavra no seu coração. O tempo e os anos se passaram. A Verinha casou, teve filhos, construiu sua família e é escritora do próprio livro, onde ela leva fé, amor e liberdade. Verinha se inspirou no melhor livro, a Bíblia Sagrada, onde Deus é o criador da história de Verinha, Jesus Cristo o inspirador, e o Espírito Santo o condutor.

Waldir Gomes



stoiwaldirpm@gmail.com
Pesqueira – Pernambuco

Entre o Laço e a Aliança

Capítulo 1 – Terra Batida e Olhos de Brasa

Na fazenda Santa Helena, o sol castigava o chão rachado, mas nada era mais quente que o olhar de Ana Clara, esposa do coronel Antônio Ribeiro. Jovem e elegante, era como flor brotada em solo de pedra. Todos a respeitavam – e temiam o homem com quem ela se casara.

João Miguel, o pião mais novo e mais calado do lugar, chegou naquela primavera. Montava bem, cuidava do gado com destreza e carregava nos olhos um misto de tristeza e bravura. Quando seus caminhos cruzaram com os de Ana Clara, algo invisível e indomável se acendeu.

Ele a cumprimentou com respeito, abaixando o chapéu. Ela respondeu com um leve sorriso, breve demais para ser notado, mas profundo o bastante para nunca ser esquecido.

Capítulo 2 – A Dança das Sombras

Com o tempo, olhares viraram palavras. Palavras, toques. Tocavam-se como quem desafia o destino, sempre às escondidas, entre galpões e trilhas vazias. Ana Clara, que nunca conhecera o amor verdadeiro, encontrava em João Miguel um abrigo, um pedaço de mundo só deles.

Mas o coronel desconfiava. Vigia a esposa com olhos de jaguar e já prometera que trairia sangue quem ousasse desonrá-lo.

Mesmo assim, Ana Clara e João sabiam: recuar era viver pela metade. O amor deles era puro, mas proibido, e a terra que os unia também ameaçava separá-los.

Capítulo 3 – Tempestade no Sertão

Certa noite, o coronel os flagrou entre os milharais, os corpos colados, a verdade escancarada ao luar. O grito do patrão ecoou como trovão. João puxou Ana pela mão, e correram. O coronel jurou vingança, armado de fúria e espingarda.

A fuga foi dura: dormiram em celeiros abandonados, enfrentaram fome, frio e o medo constante. Mas era o amor que os guiava. Ana, que deixara o luxo pela liberdade, tornara-se tão forte quanto a terra. João, que só conhecia o peso da lida, agora conhecia o calor de um abraço sincero.

Capítulo 4 – Raiz e Liberdade

Depois de meses escondidos, chegaram a um vilarejo distante, onde ninguém os conhecia. Construíram uma pequena casa de madeira, plantaram sua própria roça. A vida era simples, mas verdadeira.

Anos depois, o coronel morreu, sozinho e amargurado. A fazenda foi vendida, e ninguém mais falou da senhora que fugira com o peão.

Já Ana Clara e João Miguel envelheceram de mãos dadas, entre sorrisos e rugas, com filhos e netos que corriam livres como o vento.

Conclusão – Onde o Amor Planta, a Vida Floresce

O amor deles não precisou de perdão, nem de bênçãos. Bastou existir. Lutaram contra tudo: o poder, o preconceito, a dor. E venceram. Porque amor que nasce entre o barro e o coração resiste até mesmo ao tempo.

E, quando o sertão floresce depois da seca, é como o amor de Ana e João: prova viva de que a beleza insiste em brotar, mesmo onde ninguém mais acredita.